CELSO ANTÔNIO BACHESCHI

Formação de palavras expressivas na norma urbana culta de São Paulo – Projeto NURC/SP

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Língua portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio da Silva

De acordo: _____

São Paulo

2014

CELSO ANTÔNIO BACHESCHI

Formação de palavras expressivas na norma urbana culta de São Paulo – Projeto NURC/SP

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Língua portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio da Silva

De acordo:

São Paulo

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: BACHESCHI, Celso Antônio

Título: Formação de palavras expressivas na norma urbana culta de São Paulo – Projeto NURC/SP

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Antônio da Silva Instituição: USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª. Drª. Sueli Cristina Marquesi Instituição: PUC-SP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª. Drª. Elis de Almeida Cardoso Caretta Instituição: USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Luís Álvaro Sgadari Passeggi Instituição: UFRN

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª. Drª. Maria das Graças Soares Rodrigues Instituição: UFRN

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

A meus pais, à minha esposa, à Nina e ao Pepe.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Luiz Antônio da Silva, pelo apoio e orientação.
Ao Prof. Dr. Dino Preti, pelo incentivo constante.
Às Prof^{as}. Dr^{as}. Leonor Lopes Fávero, Ana Rosa Ferreira Dias e Elis da Almeida Cardoso, pelas contribuições que se refletem neste trabalho.
À CAPES, pela concessão da bolsa que me permitiu participar do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad).
À Secretaria da Educação do Estado de São Paulo pela concessão da bolsa que proporcionou condições para a realização deste trabalho.

Resumo

Este trabalho tem como *corpus* as gravações realizadas pelo Projeto NURC/SP contidas nos três volumes da série *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo* e como objetivo relacionar os processos de formação de palavras e seus valores expressivos nos três tipos de inquéritos do Projeto: elocuções formais, diálogos entre dois informantes e diálogos entre informante e documentador. Como procedimento metodológico, é feito um levantamento dos vocábulos expressivos presentes nos inquéritos do projeto, os quais são divididos de acordo com o processo de formação e, posteriormente, pelo valor expressivo. Nos casos de composição, consideram-se os compostos não só no sentido tradicional do termo, mas também segundo o conceito de *lexia composta* proposto por Pottier, que permite identificar a presença de compostos já lexicalizados que ainda não se encontram nas gramáticas nem nos dicionários. Pretende-se identificar, também, composições *ad hoc*, formadas com objetivos específicos dentro do discurso e por meio das quais o falante pode atingir efeitos expressivos que se restringem à situação em que são empregadas. Na análise dos exemplos, observa-se que os compostos têm sua origem em grupos sintáticos ordinários que se cristalizam, como “deus nos acuda” e “pão pão queijo queijo”. Parte dos compostos encontrados no *corpus* é formada por repetição, como “corre-corre”. Quando ocorre a repetição de substantivos, o elemento repetido passa por processo de conversão, tornando-se determinante do primeiro. No caso de verbos, a repetição do significante é utilizada para estabelecer a ideia de reiteração. Um número significativo de compostos são “palavras-ônibus”, como “não sei que”, “não sei das quantas” e, frequentemente, são utilizadas como elementos de estratégia discursiva na reprodução de diálogos. As ocorrências estudadas permitem observar, ainda, que o efeito expressivo atingido pode ser determinado pelo contexto. Entre os casos de derivação, inclui-se a prefixação, cujo principal valor afetivo é de intensificação. A derivação sufixal fornece mais possibilidades para a obtenção de efeitos expressivos, como atenuação, exatidão, ausência de dúvida, depreciação, semelhança, eufemismo, intensificação, exiguidade e ironia, os quais podem variar de acordo com o contexto. Embora sejam menos comuns,

também são de interesse deste trabalho os processos de derivação regressiva, derivação parassintética e as onomatopeias. Finalmente, dividem-se as ocorrências por tipo de inquérito e faz-se uma comparação estatística, que tem o objetivo de relacionar os elementos analisados ao diferente grau de formalidade de cada gênero, bem como estabelecer uma ligação entre os diferentes gêneros orais e os valores expressivos que neles predominam.

Palavras-chave: Estilística. Língua oral. Morfologia. Sociolinguística.

Abstract

This work has as corpus recordings performed by the Project NURC / SP contained in the three volumes of the series *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo* and aims to correlate the processes of formation of words and their expressive values in the three types of inquiries of the Project: formal utterances, dialogues between two speakers and dialogues between informant and documenter. As a methodological procedure, there is a research of expressive vocabulary present in the inquiries, which are divided according to the process of formation and later the expressive value. The compound words are considered not only in the traditional sense, but also according to the concept of compound lexia proposed by Pottier, which allows to identify the presence of compounds already lexicalized that are not yet in the dictionaries or grammars. It is intended also to identify ad hoc compositions formed with specific goals within discourse and through which the speaker can achieve expressive effects that are restricted to the situation in which they are employed. In the analysis of examples it is observed that the compounds have their origin in crystallized ordinary syntactic groups, as “deus nos acuda” and “pão pão queijo queijo”. Part of the compounds found in the corpus is formed by repetition, as “corre-corre”. When the repetition of nouns occurs, the repeated element goes though a conversion process, becoming determinant of the first. In the case of verbs, the repetition of the signifier is used to establish the idea of reiteration. A significant number of compounds are broad sense words as “não sei que”, “não sei das quantas” and are often used as elements of discursive strategy when reproduced dialogues. Occurrences studied allow also observe that expressive effect achieved can be determined by the context. The cases of derivation include the prefixation, whose main affective value is intensifying. The suffixation provides more possibilities to obtain expressive effects such as attenuation, accuracy, lack of doubt, depreciation, likeness, euphemism, intensification, smallness and irony, which may vary according to the context. Although less common, are also of interest in this work the processes of regressive derivation, prefix and suffix derivation and onomatopoeia. Finally, the occurrences are divided by type of inquiry in order to make a statistical comparison, which aims to relate the elements analyzed at different degree of

formality of each genre, as well as establishing a link between the different oral genres and values expressive that predominate in them.
Keywords: Stylistics. Oral language. Morphology. Sociolinguistics.

Sumário

Introdução 11
1. *Corpus* 14
1. 1. Histórico do Projeto NURC 14
1. 2. Inquéritos que compõem o *corpus* deste trabalho 28
1. 3. Inquéritos que compõem o *corpus* de controle deste trabalho 35
2. Referencial teórico 42
2. 1. Estilística 42
2. 2. Sociolinguística 50
2. 3. Análise da Conversação 65
2. 4. Morfologia 70
3. A formação de palavras expressivas na norma urbana culta de São Paulo 75
3. 1. Composição 78
3. 2. Derivação 96
3. 2. 1. Derivação sufixal 100
3. 2. 1. 1. O sufixo *-aço(a)* 103
3. 2. 1. 2. O sufixo *-ado(a)* 104
3. 2. 1. 3. O sufixo *-ão* 107
3. 2. 1. 4. O sufixo *-ar* 110
3. 2. 1. 5. O sufixo *-aria* 111
3. 2. 1. 6. O sufixo *-eco(a)* 113
3. 2. 1. 7. O sufixo *-eiro(a)* 114
3. 2. 1. 8. O sufixo *-ento(a)* 118
3. 2. 1. 9. O sufixo *-esco(a)* 119
3. 2. 1. 10. O sufixo *-ice* 120
3. 2. 1. 11. O sufixo *-imo(a), -íssimo(a), -érrimo(a)* 122
3. 2. 1. 12. O sufixo *-inho(a)* 128
3. 2. 13. Os valores expressivos dos sufixos 153
3. 2. 2. Derivação prefixal 154
3. 2. 2. 1. O prefixo *super-* 155
3. 2. 2. 2. O prefixo *ultra-* 157
3. 2. 3. Derivação parassintética 158

3. 2. 4. Derivação regressiva 160
3. 3. Onomatopeia 162
Conclusão 170
Referências bibliográficas 174

Introdução

A linguagem oral é particularmente prolífica em componentes expressivos. Na interação face a face, os falantes lançam mão de recursos não linguísticos, como expressões faciais e gestos, e vários elementos linguísticos e paralinguísticos. Todos esses elementos que fazem parte do processo de comunicação têm um potencial expressivo.

Ao examinar as transcrições dos inquéritos do Projeto NURC/SP, pode-se notar a profusão de efeitos expressivos alcançados por meio de composições e de derivações – sobretudo as sufixais –, das quais os falantes se utilizam em diferentes situações de comunicação. Essa constatação levou a que se estabelecesse como objetivo geral deste trabalho a análise da grande variedade de possibilidades de expressão posta à disposição do falante ao se utilizar de vocábulos[1] resultantes desses e de outros processos de formação lexical, com intuito de fazer um levantamento das finalidades linguísticas atingidas pelos falantes. Além disso, propõe-se, também, como objetivos específicos, a tarefa de caracterizar a linguagem dos falantes cultos sob um aspecto pouco abordado, permitindo relacionar a ocorrência de elementos afetivos com os diferentes tipos de inquérito do Projeto NURC/SP. Essa análise permite, ainda, mensurar a tendência de escolha do falante no momento em que ele se depara com diferentes possibilidades de expressão, como no caso das diversas formas de expressão da intensificação e observar a relação entre as ocorrências de alguns recursos com determinados temas e com o nível de envolvimento pessoal do falante.

Feita essa delimitação, estabeleceu-se como justificativa para este trabalho a necessidade de se aprofundar o conhecimento dos elementos expressivos da linguagem falada.

Assenta-se como o problema a ser abordado a forte presença dos recursos expressivos citados na linguagem dos falantes cultos, os diferentes modos como esses recursos são utilizados e a relação entre essa utilização e a

[1]Adverte-se que os termos "vocábulo" e "palavra" serão empregados indistintamente.

situação de comunicação. Propõe-se responder às seguintes perguntas: quais os efeitos expressivos produzidos por meio do emprego de derivações, composições e dos demais processos de formação de palavras com finalidades afetivas? A presença de palavras formadas com finalidades afetivas é um dos elementos que permitem medir o grau de formalidade do discurso?

Esse problema envolve a questão da criação lexical. Como já ensinava Lapa (1975: 53), a verdadeira criação é bastante rara, uma vez que o falante parte, em geral, de material já existente em seu repertório, para obter novas formações lexicais por meio dos processos usuais da língua. Com a análise de tais formações, verifica-se que o falante não se utiliza propriamente de um "esforço estilístico" – mais amoldado à linguagem escrita –, a que se refere Mattoso Câmara (2004: 114); mas faz uso, em geral, de recursos padronizados que já compõem o seu repertório e que são compartilhados pelo interlocutor.

Por meio da análise a que se procederá, relacionar-se-ão, dentro dos limites que foram estabelecidos, os recursos expressivos utilizados pelos falantes cultos, o que permitirá atestar que esses não são exclusivos da linguagem desses falantes, mas podem ser comuns também aos falantes de menor grau de escolaridade. Será possível demonstrar, também, que por intermédio de comparações entre os diferentes tipos de inquérito, pode-se medir o grau de formalidade da linguagem com base na maior ou menor incidência desses recursos expressivos. Dessa forma, pode-se afirmar que o emprego dos vocábulos formados com finalidades expressivas varia em conformidade com o tipo dos inquéritos. Essa constatação não se baseia exclusivamente em dados estatísticos, mas também em critérios qualitativos.

No capítulo que trata do *corpus* deste trabalho, far-se-á uma breve exposição acerca da história do Projeto NURC, dando atenção especial ao núcleo de São Paulo. Em seguida, expõem-se as normas de transcrição dos inquéritos do Projeto, o guia-questionário do Projeto e as informações sobre os inquéritos do Projeto NURC/SP e sobre os inquéritos que compõem o *corpus* de controle deste trabalho.

Logo após esse capítulo, aborda-se, em poucas palavras, o referencial teórico no qual o trabalho se baseia. Nesse capítulo, define-se a questão da Estilística da língua escrita e da língua falada, o conceito de falante culto de

acordo com os critérios do Projeto e expõem-se, brevemente, as linhas teóricas de Análise da Conversação e de Morfologia que serão utilizadas ao longo da análise.

Em seguida, passa-se à análise dos exemplos, em que se trata dos casos de composição, entendida não só no sentido tradicional do termo, mas também segundo o conceito de *lexia composta* (cf. Pottier, 1974), que permite identificar a presença de compostos que, embora já lexicalizados, não figuram como tal em gramáticas e dicionários. Além desses casos, podem-se identificar composições *ad hoc*, formadas com objetivos específicos dentro do discurso e por intermédio das quais o falante pode atingir efeitos expressivos que se restringem à situação em que são empregadas.

Outro processo a ser analisado é o de derivação, em que se incluem as formações regressivas; mas, em especial, as progressivas e, entre estas, as sufixais. Nessa análise, incluem-se as derivações nas quais figuram os sufixos *-ento(a)*, *-eco(a)* e *-ice*, com valores depreciativos, *-eiro(a)*, *-ado(a)*, com valor coletivo-depreciativo e expressando ideia de resultado de ação, *-ão* e *-esco(a)*, com valor depreciativo, *-imo(a), -íssimo(a), -érrimo(a)*, com valor intensificador, *-eria* (*-aria*), com valor coletivo e durativo, assim como uma ocorrência do sufixo *-ar*, formador de verbos.

O sufixo de maior ocorrência, além de ser o que apresenta maior polissemia, é o sufixo *-inho(a)*. Após uma análise das propriedades morfológicas do sufixo, os exemplos de ocorrências são divididos segundo o valor expressivo, em que se destaca o valor intensificador, o valor apreciativo (mais comum nos diálogos), o valor de exatidão, o valor depreciativo, o valor irônico, o valor de exiguidade e o “valor instrucional” (mais comum nas entrevistas).

Em seguida, analisam-se os prefixos *super-* e *ultra-*, de valor intensificador. Ainda tratando desse processo, é feito um levantamento das possibilidades de efeitos expressivos obtidos por meio da derivação parassintética e da derivação regressiva.

Finalmente investigam-se os efeitos expressivos das formas onomatopeicas.

1. *CORPUS*

Tendo este trabalho como *corpus* gravações do Projeto NURC/SP, apresenta-se, a seguir, um histórico do Projeto, que vai de sua concepção aos dias atuais, em que são citadas as principais publicações ensejadas pelo núcleo de São Paulo. Acrescenta-se que a análise que se seguirá compreende todos os inquéritos presentes nos três volumes de *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: Materiais para seu Estudo*, os quais foram selecionados pelos autores, tendo como critério o tema e o eventual grau de interesse para pesquisa.

1.1. Histórico do Projeto NURC

A Dialetologia do século XIX e início do século XX foi uma disciplina ligada diretamente à Linguística Histórica, uma vez que seus interesses se voltavam para a identificação de traços regionais, nos quais, mediante a identificação de resquícios linguísticos, podiam estabelecer-se conexões entre formas contemporâneas e arcaicas. Na segunda metade do século XX, surge uma nova orientação no estudo das variações linguísticas, cujo foco se vai guinar dos rincões para os grandes centros urbanos. É a “Dialetologia Urbana” (Castilho & Preti, 1986).

Paralelamente, cresce o interesse pelo estudo da norma culta, que, no Brasil, carecia de uma abordagem sistemática, a ponto de se alargar a distância entre o que as gramáticas consideravam norma culta vigente e a norma literária efetivamente praticada.

A oportunidade de realizar uma descrição metódica do português padrão do Brasil surgiu a partir da proposta de Juan M. Lope Blanch, o “Proyecto de Estudo Del Habla Culta de las Principales Ciudades de Hispanoamérica”, que foi apresentada, em 1964, à Comissão de Linguística e Dialetologia Ibero-americana do “Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas” (PILEI), por ocasião do II Simpósio da entidade, realizado em Bloomington,

Estados Unidos. A proposta trazia, desde seu início, a ideia de compreender em si o mundo de língua portuguesa. Lope Blanch obteve a adesão ao projeto de linguistas de Montevidéu, Buenos Aires, Santiago do Chile, Bogotá, Lima, Caracas, Havana, México, San Juan de Porto Rico e Madri (op. cit.).

O projeto consistia na gravação da fala urbana culta de 600 informantes[2] de nível universitário, nativos das cidades sob estudo, filhos de falantes do espanhol, totalizando um arquivo sonoro de 400 horas de gravação (em cada cidade). Os informantes seriam divididos em três faixas etárias: de 25 a 35 anos (30%), de 36 a 55 anos (45%) e de mais de 56 anos (25%). Esse arquivo consistiria em gravações secretas de diálogos espontâneos (10%), diálogos entre dois informantes (40%), diálogos entre informante e documentador (40%) e elocuções em atitude formal (10%) sobre temas pré-estabelecidos.

O Professor Nélson Rossi, da Universidade Federal da Bahia, convidado a participar do projeto, apresentou um relatório no IV Congresso do PILEI em que propôs a participação de cinco cidades brasileiras com um mínimo de um milhão de habitantes: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e Salvador. Aprovado o relatório, o Professor Nélson Rossi foi encarregado de indicar os coordenadores do Projeto em cada cidade, que foram o Professor José Brasileiro Vilanova, da Universidade Federal de Pernambuco (Recife); o Professor Nélson Rossi, da Universidade Federal da Bahia (Salvador); o Professor Celso Ferreira da Cunha, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro); os professores Isaac Nicolau Salum, da Universidade de São Paulo, Ataliba Teixeira de Castilho, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (São Paulo) e o Professor Albino de Bem Veiga, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre).

Foram estabelecidos, na IV Reunião Nacional do Projeto, realizada em Porto Alegre, em 1973, os seguintes objetivos:

1. coletar material que possibilite o estudo da modalidade oral culta da língua portuguesa, em seus aspectos fonético, fonológico, morfossintático, sintático, lexical e estilístico;

[2]Adverte-se que os termos “informante”, “locutor”, “interlocutor” e “falante”, assim como “entrevistador” e “documentador”, serão empregados indiferentemente.

2. ajustar o ensino da língua portuguesa a uma realidade linguística concreta, evitando a imposição indiscriminada de uma só norma histórico-literária, por meio de um tratamento menos prescritivo e mais ajustado às diferenças linguísticas e culturais do País;
3. superar o empirismo na aprendizagem da língua padrão pelo estabelecimento da norma culta real;
4. basear o ensino em princípios metodológicos apoiados em dados linguísticos cientificamente estabelecidos;
5. conhecer as normas tradicionais que estão vivas e quais as superadas, a fim de não sobrecarregar o ensino com fatos linguísticos inoperantes;
6. corrigir distorções do esquema tradicional da educação brasileira, entravado por uma orientação acadêmica e beletrista (Silva, 1996: 85-86).

Inicialmente, as gravações seriam divididas em 40 horas de gravações secretas (10%), 160 horas de diálogos entre dois informantes (40%), 160 horas de diálogos entre informante e documentador (40%) e 40 horas de elocuções formais (10%).

Os coordenadores estabeleceram as equipes de trabalho de cada cidade, que passaram a reunir-se periodicamente, tendo tomado, entre outras, as decisões de excluir as gravações secretas, adaptar para o português o guia-questionário do “Proyecto” e estabelecer uma ficha de informantes, que é reproduzida a seguir.

Para o guia-questionário, foram escolhidos os seguintes temas: corpo humano, alimentação, vestuário, casa, família, vida social; cidade, transportes e viagens; meios de comunicação e difusão, cinema, televisão, rádio, teatro; comércio exterior e política nacional; sindicatos e cooperativas; profissões e ofícios; dinheiro e finanças; instituições (ensino, igreja); meteorologia, tempo cronológico; terra, vegetais e agricultura, animais (op. cit.).

Finalizada a fase de gravações, o Projeto contava, no Brasil, com um acervo gravado composto de:

Recife:

363 entrevistas, 461 informantes, 307 horas e 20 minutos de gravação;

Salvador:

357 entrevistas, 456 informantes 304 horas de gravação;

Rio de Janeiro:

394 entrevistas, 493 informantes, 328 horas e 40 minutos de gravação;

São Paulo:

381 entrevistas, 474 informantes, 316 horas de gravação;

Porto Alegre:

375 entrevistas, 472 informantes, 413 horas e 40 minutos de gravação.

A partir daí, o Projeto seguiu em direção às duas fases posteriores: a transcrição e a análise do *corpus.*

Em São Paulo, o Projeto NURC contou, desde o início dos trabalhos, com o apoio financeiro da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Em 1983, o Professor Isaac Nicolau Salum, por ocasião de sua aposentadoria, foi substituído, a seu pedido, pelo Professor Dino Preti. O Professor Ataliba Teixeira de Castilho transferiu-se para a Universidade Estadual de Campinas em 1975; e, com a inclusão do Professor Enzo Del Carratore, da Universidade Paulista Júlio de Mesquita, em 1980, as três universidades públicas paulistas passaram a integrar o Projeto.

Para explicitar a diversidade de fenômenos linguísticos da linguagem oral que são apagados na escrita convencional, foram estabelecidas normas de transcrição das gravações, que são reproduzidas a seguir, e cujas convenções foram revistas em seminário realizado na Unicamp em 1984, sob orientação do Professor Luís Antônio Marcuschi (Castilho & Preti, 1986).

Em 1984, o material do Projeto NURC/SP ocupava uma sala do CRUSP (Conjunto Residencial da USP), uma vez que os estudantes dele haviam sido retirados. Nessa ocasião, o Conjunto foi retomado pelos estudantes; e o material do Projeto foi salvo graças à atuação do Professor Dino Preti.

Amostras das entrevistas do Projeto foram publicadas, também com apoio da FAPESP, em três volumes; os dois primeiros organizados pelos professores Ataliba Teixeira de Castilho e Dino Preti; o terceiro, pelos professores Dino Preti e Hudinílson Urbano:

- CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (orgs.). *A Língua Falada Culta na Cidade e São Paulo: Materiais para seu Estudo.* São Paulo: T. A. Queirós/ Fapesp, 1986, v. I, Elocuções Formais (EF);
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (orgs.). *A Língua Falada Culta na Cidade e São Paulo: Materiais para seu Estudo.* São Paulo: T. A. Queirós/ Fapesp, 1987, v. II, Diálogo entre dois Informantes (D2);
- URBANO, Hudinílson; PRETI, Dino (orgs.). *A Língua Falada Culta na Cidade e São Paulo: Materiais para seu Estudo*. São Paulo: T. A. Queirós/ Fapesp, 1988, v. III, Diálogo entre Informante e Documentador (DID).

Esses três volumes foram digitalizados e reunidos em CD-ROM sob o título *Documentação Eletrônica Organizada pelo Projeto NURC/SP – Núcleo USP* (Preti; Leite; Urbano, 2002). O material, organizado pelos Professores Dino Preti, Marli Quadros Leite e Hudinílson Urbano, foi lançado em outubro de 2002, para ser distribuído gratuitamente a pesquisadores da área.

Resulta também do Projeto NURC/SP um quarto volume, organizado igualmente pelos professores Dino Preti e Hudinílson Urbano, composto de ensaios que tiveram como base o material do Projeto:

URBANO, Hudinílson; PRETI, Dino (orgs.). *A Língua Falada Culta na Cidade e São Paulo* – v. IV Estudos. São Paulo: T. A. Queirós/ Fapesp, 1990.

Uma nova série do Projeto NURC/SP, organizada pelo Professor Dino Preti e com a participação de grandes pesquisadores, começou a ser publicada a partir de 1993, sob a denominação de “Projetos Paralelos”, da qual fazem parte:

- PRETI, Dino (org.). *Análise de Textos Orais.* São Paulo: Humanitas, 1993;
- _____ . *O Discurso Oral Culto.* São Paulo: Humanitas, 1997;
- _____ . *Estudos de Língua Falada: Variações e Confrontos.* São Paulo: Humanitas, 1998;
- _____ . *Fala e Escrita em Questão.* São Paulo: Humanitas, 2000;
- _____ . *Interação na Fala e na Escrita.* São Paulo: Humanitas, 2002;
- _____ . *Léxico na Língua Oral e na Escrita.* São Paulo: Humanitas, 2003;
- _____ .*Diálogos na Fala e na Escrita.* São Paulo: Humanitas, 2005;
- _____ . *Oralidade em Diferentes Discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006;
- _____ . *Cortesia Verbal*. São Paulo : Humanitas, 2008;
- _____ . *Oralidade em Textos Escritos*. São Paulo: Humanitas, 2009;
- _____ . *Variações na Fala e na Escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011.
- PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros (orgs.). *Comunicação na Fala e na Escrita.* São Paulo: Humanitas, 2014.

Outra série de trabalhos de numerosos pesquisadores divididos em grupos também veio à luz tendo como *corpus* os inquéritos dos diferentes núcleos do Projeto. Compõem essa série:

- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do Português Falado*. v. 1. Campinas: Unicamp; São Paulo: Fapesp, 1990;
- ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do Português Falado*. v. 2. Campinas: Unicamp, 1992;
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do Português Falado*. v. 3. Campinas: Unicamp, 1993;
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida. (org.). *Gramática do Português Falado*. v. 4. Campinas: Unicamp, 1996;
- KATO, Mary Aizawa (org.). *Gramática do Português Falado*. v. 5. Campinas: Unicamp; São Paulo: Fapesp, 1996;
- KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça (org.). *Gramática do Português Falado*. v. 6. Campinas: Unicamp; São Paulo: Fapesp, 1996;
- NEVES, Maria Helena de Moura (org.). *Gramática do Português Falado*. v. 7. Campinas: Unicamp, 1999;
- ABAURRE, Maria Bernardete Marques; RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. (org.). *Gramática do Português Falado*. v. 8. Campinas: Unicamp, 2002.

Além desses trabalhos, as entrevistas do Projeto compuseram também parte do *corpus* da pesquisa que, em 1991, deu à luz uma obra do Professor Dino Preti sobre a interação na linguagem dos “idosos velhos” (acima de 80 anos):

> PRETI, Dino. *A Linguagem dos Idosos:* Um estudo de Análise da Conversação. São Paulo: Contexto, 1991.

As amostras das entrevistas do Projeto NURC/SP, divididas por faixa etária e sexo dos informantes, têm servido de *corpus* para inúmeras análises linguísticas, inclusive o presente trabalho. A seguir, relacionamos algumas obras dentre a extensa bibliografia gerada pelo Projeto NURC:

CALLOU, Dinah Maria Isensee. *Variação e Distribuição da Vibrante na Fala Urbana Culta do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ, 1987.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A descrição do português culto. Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 23.3.1969, reproduzido em *Letras de Hoje* 3: 1969, p. 117-123.

_____ (org.). *Projeto de Estudo da Norma Linguística Culta.* Marília: Conselho Municipal de Cultura, 1970.

_____ . O estudo da norma culta do português do Brasil. *Vozes* 67 (8): out. 1973, p. 621-626.

CUNHA, Celso. Dialetologia horizontal e dialetologia vertical. In *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira.* 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, p. 50-66.

_____ . O Projeto NURC e a questão da norma culta brasileira. *Actas do Congresso sobre a Situação da Língua Portuguesa no Mundo.* Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. v. I, 1985, p. 140-173.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Pronomes anafóricos no diálogo. *Estudos Linguísticos* 15, 1987, p. 177-184.

_____ . A coesão lexical no diálogo. *Estudos Linguísticos* 16, 1988, p. 140-148.

PRETI, Dino. Quem fala bem? *Leitura.* 4 jun. 1985 (Suplemento do *Diário Oficial do Estado de São Paulo*).

_____ . A língua oral: a sobreposição de vozes como um elemento da sintaxe de interação do ato conversacional. *Estudos Linguísticos* 16, 1988, p. 229-236.

REZENDE, Mônica de Barros. O pretérito perfeito composto e o pretérito mais-que-perfeito simples e composto na norma linguística culta de São Paulo. *Estudos Linguísticos* 2, 1978, p. 165-173.

ROSSI, Nélson. El Proyecto de Estudio Del Habla Culta y su ejecución em El dominio de La lengua portuguesa. *El Simposio de México.* México, UNAM, 1969, p. 248-254.

_____ . Norma linguística culta*. A Tarde.* Salvador, 12.8.1972.

URBANO, Hudinílson. A ordem do sujeito no português falado. *Estudos Linguísticos* 14, 1987, p. 41-56.

_____ . O corte de palavras na língua falada: um estudo exploratório na norma culta de São Paulo. *Estudos Linguísticos* 15, 1987, p. 459-471.

SALUM, Isaac Nicolau. Pesquisa da fala culta. *O Estado de São Paulo*, 28.11. 1971.

SILVA, Luís Antônio da. Marcadores conversacionais: sinais do ouvinte. *Estudos Linguísticos* 15, 1987, p. 177-184.

_____ . Marcadores conversacionais: sinais de interação. *Estudos Linguísticos* 16, 1988, p. 259-266.

VEIGA, Albino de Bem. Projeto norma urbana culta. *Letras de Hoje* 5, 1973.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	no nível de renda...( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTEM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro
Silabação	–	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- - - -	... a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram LÁ... [B. cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu inicio, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está*: *tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.

"PROJETO DE ESTUDO DA NORMA LINGUÍSTICA CULTA DE ALGUMAS DAS PRINCIPAIS CAPITAIS BRASILEIRAS"

I. INQUÉRITO Br/_____ N.o_____ BOBINA Br/_____ _____ - _____ (nº) (pista) DURAÇÃO:

II. 1. Data / /

2. Local do inquérito (cidade e bairro):

3. Tipo de inquérito: GS D2 DID EF

4. Tema(s):

5. Documentador(es):

III.

	LOCUTOR 1	LOCUTOR 2
1. Nome		
2. Sexo - Idade	M - F	M - F
3. Naturalidade		
4. Domicílio e outras residências (onde e por quanto tempo)		
5. Viagens (para onde e por quanto tempo)		
6. Formação universitária		
7. Outros cursos (indicar espécie, cidade e duração)		

GS - gravação secreta
D2 - diálogo entre dois informantes
DID - diálogo entre informante e documentador
EF - elocução em atitudes formais (aulas, conferências, discursos)

		LOCUTOR 1	LOCUTOR 2
8.	Conhecimento de línguas estrangeiras		
8. 1.	Grau de utilização de línguas estrangeiras		
9.	Profissão		
10.	Outras atividades		
11.	Estado civil		
12.	Nível sócio-cultural		
13.	Naturalidade do pai		
13. 1.	Naturalidade da mãe		
13. 2.	Naturalidade do cônjuge		
14.	Ocupação do pai		
14. 1.	Ocupação da mãe		
14. 2.	Ocupação do cônjuge		
15.	Filhos (sexo, idade)		

IV. 1.	Grau de intimidade entre os locutores	GRANDE ☐ MÉDIO ☐ ESCASSO ☐ NULO ☐	GRANDE ☐ MÉDIO ☐ ESCASSO ☐ NULO ☐
2.	Grau de intimidade entre locutores e documentadores	GRANDE ☐ MÉDIO ☐ ESCASSO ☐ NULO ☐	GRANDE ☐ MÉDIO ☐ ESCASSO ☐ NULO ☐

Colaboração do Conselho Municipal de Cultura de Marília

1. 2. Inquéritos que compõem o *corpus* deste trabalho

Elocuções formais

INQUÉRITO Nº 377 – BOBINA Nº 123 – INF. Nº 416

Tipo de inquérito: elocução formal (EF). Duração: 32 minutos.

Data do registro: 8/10/76.

Tema: Os instrumentos da vida intelectual (aula universitária).

Informante: mulher de 32 anos, solteira, professora universitária, paulistana, pai nascido em Santos (SP) e mãe em São Paulo (SP). 1ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 338 – BOBINA Nº 141 – INF. Nº 488

Tipo de inquérito: elocução formal (EF). Duração: 45 minutos.

Data do registro: 26/10/76.

Tema: A demanda de moeda (aula universitária).

Informante: homem de 31 anos, casado, professor universitário, paulistano, pai nascido em São João da Boa Vista (SP), mãe nascida em São Paulo (SP). 1ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 405 – BOBINA Nº 141 – INF. N° 489

Tipo de inquérito: elocução formal (EF). Duração: 35 minutos.

Data do registro: 2/5/77.

Tema: A arte pré-histórica: o paleolítico (aula de curso secundário).

Informante: mulher de 36 anos, desquitada, professora secundária, paulistana, filha de pais brasileiros. 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 124 – BOBINA Nº 43 –INF. Nº 150

Tipo de inquérito: elocução formal (EF). Duração: 45 minutos.

Data do registro: 28/11/72.

Tema: Influência da língua na personalidade do indivíduo (aula universitária).

Informante: homem de 51 anos, casado, professor universitário, paulistano, filho de pais paulistanos. 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 156 – BOBINA Nº 54 – INF. Nº 182

Tipo de inquérito: elocução formal (EF). Duração: 43 minutos.

Data do registro: 21/2/73.

Tema: Estética no Brasil, na década de 30 (conferência).

Informante: mulher de 56 anos, casada, professora universitária, paulistana, pai nascido em São Paulo (SP), mãe nascida em Santos (SP). 3a faixa etária.

INQUÉRITO Nº 153 – BOBINA Nº 52 – INF. Nº 179

Tipo de inquérito: elocução formal (EF) Duração: 80 minutos.

Data do registro: 16/2/73.

Tema: O cinema brasileiro na década de trinta (conferência).

Informante: homem de 56 anos, casado, professor universitário, paulistano, pai nascido em Tatuí (SP), mãe nascida em Jacareí (SP). 3ª faixa etária.

Diálogos entre dois informantes

INQUÉRITO Nº 343 – BOBINA Nº 130 – INFS. Nº 441 e 442

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 80 minutos

Datado registro: 15/03/76

Tema: A cidade, o comércio.

Locutor 1: Homem, 26 anos, solteiro, engenheiro, paulistano, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. nº 442)

Locutor 2: Mulher, 25 anos, solteira, psicóloga, paulistana, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. nº 441)

INQUÉRITO Nº 62 – BOBINA Nº 20 – 1NFS. Nº 69 E 70

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 87 minutos

Data do registro: 05/08/72.

Tema: Tempo cronológico, instituições, ensino; profissões

Locutor 1: Homem, 26 anos, solteiro, vendedor, paulistano, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (lnf. Nº 70)

Locutor 2: Homem, 26 anos, solteiro, estatístico, paulistano, pais paulistanos, 1ª faixa etária. (Inf. nº 69)

INQUÉRITO Nº 255 – BOBINA Nº 95 – INFS. Nº 303 e 304

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 82 minutos

Data do registro: 19/11/74.

Tema: Transportes e viagens, cinema, televisão, rádio e teatro, os meios de comunicação e difusão, a cidade e o comércio

Locutor 1: Homem, 37 anos, casado, professor, paulistano, pais paulistanos, 2ª faixa etária. (Inf. nº 303)

Locutor 2: Homem, 40 anos, casado, advogado e professor, paulistano, pais cariocas. 2ª faixa etária. (Inf. nº 304)

INQUÉRITO Nº 360 – BOBINA Nº 137 – INFS. Nº 472 E 473

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 66 minutos

Data do registro: 23/08/76.

Tema: Tempo cronológico, profissões e ofícios.

Locutor 1: Mulher, 37 anos, casada, pedagoga, paulistana, pais paulistas, 2ª faixa etária. (Inf. nº 473)

Locutor 2: Mulher, 36 anos, casada, advogada, paulistana, pais paulistas, 2ª faixa etária. (Inf. nº 472)

INQUÉRITO Nº 396 – BOBINA Nº 145 – INFS. Nº 502 E 503.

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 75 minutos

Data do registro: 19/11/76.

Tema: Vestuário e diversões

Locutor 1: Homem, 81 anos, viúvo, dentista, natural de Jundiaí – SP (veio para São Paulo com 3 anos), pai paulista, mãe paulistana, 3ª faixa etária. (inf. nº: 502)

Locutor 2: Mulher, 85 anos, viúva, professora, natural de Sorocaba – SP (veio para São Paulo com 5 anos), pai paulista e mãe paulistana, 3ª faixa etária. (Inf. nº 503)

INQUÉRITO Nº 333 – BOBINA Nº 124 – INFS. Nº 419 e 420

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 57 minutos

Data do registro: 07/04/76.

Tema: Cinema, TV, rádio e teatro.

Locutor 1: Mulher, 60 anos, viúva, jornalista, paulistana, pais paulistanos, 3ª faixa etária. (Inf, nº 419)

Locutor 2: Mulher, 60 anos, viúva, escritora, paulistana, pais paulistanos, 3ª faixa etária. (Inf. nº 420)

Diálogos entre informante e documentador

INQUÉRITO Nº 18 – BOBINA Nº 07 – INF. Nº 23

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 45 minutos

Datado registro: 01/12/71.

Tema: A casa, o terreno, vegetais, agricultura, animais, gado

Informante: Homem, 31 anos, solteiro, advogado, natural de São Paulo, pais paulistanos, 1ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 161 – BOBINA Nº 56 – INF. Nº 186

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 65 minutos

Data do Registro: 05/01/74.

Tema: Teatro, televisão, rádio, cinema, vestuário

Informante: Homem, 25 anos, solteiro, publicitário, natural de São Paulo, pais paulistanos 1ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 251 – BOBINA Nº 90 – INF. Nº 288

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 08/11/74.

Tema: Profissão e ofícios.

Informante: Mulher, 34 anos, solteira, professora primária, paulistana, pai nascido em Boa Esperança (SP), mãe nascida em São Paulo (SP), 1ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 137 – BOBINA Nº 47 – INF. Nº 160

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 18/12/72.

Tema: A cidade, o comércio

Informante: Homem, 41 anos, casado, advogado, natural de São Paulo, pais paulistanos, 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 208 – BOBINA Nº 79 – INF. Nº 252

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 21/09/74.

Tema: Família, saúde.

Informante: Homem, 46 anos, casado, economista, natural de São Paulo, pai paulista e mãe paulistana, 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 234 – BOBINA Nº 88 – INF. Nº 281

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 18/10/1974.

Tema: Cinema, televisão, rádio, teatro

Informante: Mulher, 44 anos, desquitada, nutricionista, natural de São Paulo, pai nascido em Itu (SP) e mãe nascida em São Paulo, 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 235 – BOBINA Nº 88 – INF. Nº 282

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 21/10/74.

Tema: Alimentação.

Informante: Mulher, 38 anos, solteira, professora primária, natural de São Paulo, pais paulistas, 2ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 250 – BOBINA Nº 90 – INF. Nº 287

Tipo de inquérito: diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 08/11/74.

Tema: Dinheiro, banco, finanças, bolsa.

Informante: Homem, 69 anos, casado, professor universitário, natural de São Paulo, pais paulistanos, 3ª faixa etária.

INQUÉRITO Nº 242 – BOBINA Nº 92 – INF. Nº 295

Tipo de inquérito: Diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 18/10/74.

Tema: Instituições: o ensino, a igreja

Informante: Mulher, 60 anos, solteira, bibliotecária, natural de São Paulo, pais nascidos em Itu (SP), 3ª faixa etária.

1. 3. Inquéritos que compõem o *corpus* de controle deste trabalho

Diálogos entre dois informantes (NURC/RJ)

INQUÉRITO Nº 158 – BOBINA Nº 50

Tipo de inquérito: Diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 1 hora e 10 minutos

Data do registro: 15/05/73.

Tema: Meteorologia, tempo cronológico, terreno.

Informante 1: Homem, 27 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Engenharia Mecânica, área residencial: Zona Suburbana.

Informante 2: Homem, 28 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Engenharia Mecânica, área residencial: Zona Norte.

INQUÉRITO Nº 147 – BOBINA Nº 47

Tipo de inquérito: Diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 1 hora

Data do registro: 10/04/73.

Tema: Vida social, diversões, a cidade, o comércio.

Informante 1: Mulher, 25 anos, carioca, pai cariocas, mãe paulista, formação universitária: Filosofia, área residencial: Zona Sul.

Informante 2: Mulher, 25 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Bioquímica, área residencial: Zona Sul e Suburbana.

INQUÉRITO Nº 355 – BOBINA Nº 116

Tipo de inquérito: Diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 1 hora e 30 minutos

Data do registro: 03/05/77.

Tema: Banco, finanças, comércio exterior, organização política e social.

Informante 1: Homem, 42 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Professor de Desenho, área residencial: Zona Sul e Suburbana.

Informante 2: Homem, 44 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Arquitetura e Desenho, área residencial: Zona Sul.

INQUÉRITO Nº 269 – BOBINA Nº 89

Tipo de inquérito: Diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 1 hora e 20 minutos

Data do registro: 07/04/75.

Tema: Cidade e comércio, transportes e viagens.

Informante 1: Mulher, 55 anos, carioca, pai baiano, mãe carioca, formação universitária: Belas Artes e Didática, área residencial: Zona Sul.

Informante 2: Mulher, 36 anos, carioca, pai carioca, mãe petropolitana, formação universitária: Geografia área residencial: Zona Sul.

INQUÉRITO Nº 296 – BOBINA Nº 96.

Tipo de inquérito: Diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 1 hora e 20 minutos

Data do registro: 27/08/75 e 28/08/75.

Tema: Cidade e comércio, transportes e viagens.

Informante 1: Homem, 62 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Medicina.

Informante 2: Homem, 61 anos, cearense (veio para o Rio de Janeiro com 6 meses de idade), pais cearenses, formação universitária: Odontologia.

INQUÉRITO Nº 374 – BOBINA Nº 123

Tipo de inquérito: Diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 1 hora e 15 minutos

Data do registro: 06/04/78.

Tema: Animais e rebanhos.

Informante 1: Mulher, 69 anos, carioca, pai paulistas, formação universitária: Medicina.

Informante 2: Mulher, 63 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Filosofia e Pedagogia.

INQUÉRITO Nº 369 – BOBINA Nº 121

Tipo de inquérito: Diálogo entre dois informantes (D2)

Duração: 1 hora e 20 minutos

Data do registro: 11/01/78.

Tema: Meteorologia e tempo cronológico.

Informante 1: Mulher, 56 anos, petropolitana (veio para o Rio de Janeiro com meses), pai de Quiçamé (RS) e mãe de Rio das Flores (RS), formação universitária: Comunicação.

Informante 2: Homem, 56 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Direito.

Diálogos entre informante e documentador (NURC/RS)

INQUÉRITO Nº 121 – BOBINA Nº 29 – Informante nº 133

Tipo de inquérito: Diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 45 minutos.

Data do registro: 30/04/73.

Tema: Cinema, televisão, rádio e teatro.

Informante: Mulher, 27 anos, psicóloga.

Documentadores: Leda Bisol e Rosa Maria Ribeiro Hessel.

INQUÉRITO Nº 08 – BOBINA Nº 02 – Informante nº 08

Tipo de inquérito: Diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos.

Data do registro: 28/12/71.

Tema: profissões e ofícios, tempo cronológico.

Informante: Homem, entre 25 e 35 anos, advogado.

Documentadores: Regina M. de Conti e Fany Sklar.

INQUÉRITO Nº 09 – BOBINA Nº 02 – Informante nº 09

Tipo de inquérito: Diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 35 minutos.

Data do registro: 19/04/72.

Tema: Corpo humano.

Informante: Homem, entre 25 e 35 anos, dentista.

Documentadores: Regina M. de Conti e Willy R. Petersen Filho.

INQUÉRITO Nº 45 – BOBINA Nº 10/11 – Informante nº 49

Tipo de inquérito: Diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 35 minutos.

Data do registro: 22/09/72.

Tema: Vida social, diversões.

Informante: Mulher, entre 36 e 55 anos, professora.

Documentadores: Leda Bisol e Maria Helena Sperb.

INQUÉRITO Nº 48 – BOBINA Nº 11 – Informante nº 52

Tipo de inquérito: Diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 35 minutos.

Data do registro: 27/09/72.

Tema: o terreno.

Informante: Homem, 53 anos, médico.

Documentadores: Leda Bisol e Rosa Maria Ribeiro Hessel.

INQUÉRITO Nº 341 – BOBINA Nº 96 – Informante nº 413

Tipo de inquérito: Diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos.

Data do registro: 15/09/75.

Tema: tempo cronológico.

Informante: Homem, 53 anos, médico.

Documentadores: Ainda Wailer Ferrás e Maria de Fátima Dantas.

INQUÉRITO Nº 344 – BOBINA Nº 96 – Informante nº 416

Tipo de inquérito: Diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 40 minutos.

Data do registro: 24/09/75.

Tema: profissões e ofícios.

Informante: Mulher, 68 anos, bibliotecária-chefe.

Documentadores: Aida Wailer Ferrás e Walkyria Wetter.

INQUÉRITO Nº 06 – BOBINA Nº 02 – Informante nº 06

Tipo de inquérito: Diálogo entre informante e documentador (DID)

Duração: 50 minutos.

Data do registro: 14/12/71.

Tema: ensino e igreja.

Informante: Homem, 56 anos, médico.

Documentadores: Marly Hoerbe e Fany Sklar.

Elocuções Formais (NURC/RJ)

INQUÉRITO Nº 251 – BOBINA Nº 81

Tipo de inquérito: Elocução Formal (EF)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 02/10/74.

Tema: Aula de Química para o terceiro científico.

Informante: Homem, 31 anos, professor, formação universitária: Engenharia Química, área residencial: Zonas Norte e Sul.

INQUÉRITO Nº 356 – BOBINA Nº 113

Tipo de inquérito: Elocução Formal (EF)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 03/05/77.

Tema: Criatividade e redação no nível superior de ensino.

Informante: Mulher, 30 anos, formação universitária: Letras, carioca, pais cariocas, área residencial: Zona Sul.

INQUÉRITO Nº 364 – BOBINA Nº 119

Tipo de inquérito: Elocução Formal (EF)

Duração: 55 minutos

Data do registro: 25/11/77.

Tema: A empresa (aula de organização e métodos.

Informante: Homem, 41 anos, formação universitária: Administração de empresas, carioca, pais cariocas, área residencial: Zona Sul.

INQUÉRITO Nº 341 – BOBINA Nº 114

Tipo de inquérito: Elocução Formal (EF)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 20/10/76.

Tema: Aula de Direito do trabalho.

Informante: Homem, 56 anos, professora, formação universitária: Direito, carioca, pais baianos, área residencial: Zona Sul.

INQUÉRITO Nº 382 – BOBINA Nº 127

Tipo de inquérito: Elocução Formal (EF)

Duração: 45 minutos

Data do registro: 16/05/78.

Tema: Revolução Francesa.

Informante: Mulher, 41 anos, formação universitária: História, carioca, pai cearense, mãe fluminense, área residencial: Zona Norte e Zona Sul.

2. Referencial teórico

2. 1. Estilística

A Estilística é uma disciplina que surgiu no século XX, criada por Charles Bally, para ocupar os espaços rejeitados pela Linguística saussuriana. Enquanto Saussure se interessou apenas pelos aspectos coletivos e intelectivos da língua, Bally delimitou, em princípio, como objeto da Estilística, os seus componentes emocionais, substituindo-os, em seguida, pelos fatores expressivos da linguagem. A pesquisa estilística, desde então, tem-se ocupado de certos usos linguísticos, que, "mais do que destinados simplesmente à pura informação, se caracterizaram por uma intenção expressiva, carregando-se de valores afetivos e evocativos" (Bally, 1952).

O interesse por tais estudos, no entanto, remonta, no Ocidente, à Grécia antiga, mesmo antes do surgimento da *Ilíada*, tendo em Platão e Aristóteles duas figuras de grande destaque. Aquele, um dos primeiros a dedicar-se a questões linguísticas em suas considerações sobre a motivação ou arbitrariedade do signo linguístico; este, autor da *Retórica* e da *Poética*, demonstrou maior preocupação com o valor estético das palavras e influenciou autores romanos posteriores como Cícero, autor de *De Oratore* e *Orator* e Horácio, autor da *Ars Poetica*. Quintiliano, autor de *De Institutione Oratoria*, concebeu a existência de três estilos básicos: o grave (ou sublime), o médio (ou temperado) e o simples, que, posteriormente, serão representados pelos pensadores da Idade Média na *roda de Virgílio*, associados à *Eneida*, às *Geórgicas* e às *Bucólicas* respectivamente (Guiraud, 1970).

Como observa Delas (1971: 11), "a retórica é a primeira tomada de consciência da linguagem". Em princípio, uma arte da persuasão, baseada em técnicas de busca (*inventio*), organização (*dispositio*) e exposição (*elocutio*) de argumentos, a Retórica concentra-se na fixação dos gêneros do discurso e das regras de composição próprias de cada gênero, que incluem vocabulário, sintaxe, figuras e ornamentos. Os ornamentos eram formados pelas figuras,

que se dividiam em figuras de dicção, figuras de construção, figuras de palavras (tropos) e figuras de pensamento.

A exaustiva compilação de gêneros e figuras, formando um grande conjunto de preceitos de bem escrever, entra em decadência perante os valores do século XIX e do Romantismo. Somente na segunda metade do século XX, novos estudos vêm a resgatar, sob nova forma, os antigos conceitos da Retórica clássica (Monteiro, 2005: 28).

Guiraud (1970: 53) adverte para o fato de que, após a decadência da Retórica, nada aparece para substituí-la. Foi com Bally, no entanto, que as observações que se faziam a respeito do estilo deixaram de constituir uma simples complementação da Gramática e passaram a constituir uma disciplina independente. Bally (1952: 16) propõe motivações afetivas como geradoras do fenômeno da expressividade, cabendo à Estilística investigar "a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade", estabelecendo as bases da Estilística da expressão (ou descritiva) em seu *Traité de Stylistique Française*, de 1902. Enquanto a Estilística da expressão elege como objeto o conteúdo afetivo (como uma Estilística geral da língua), outra corrente, concebida por Leo Spitzer, a Estilística individual (também genética ou idealista), ocupa-se da crítica da expressão com fins literários. Para essa escola, o objetivo é a busca pelo que há de individual nas manifestações linguísticas.

Percebendo que a Linguística saussuriana, ao conceber a língua apenas do ponto de vista intelectivo, não abrangia o fenômeno linguístico em sua totalidade, Bally dedicou-se a complementar o trabalho do mestre genebrino, considerando o aspecto afetivo da linguagem. Em seu método, procura identificar os fatos da expressão e estudar seus valores afetivos, dividindo-os em *efeitos naturais* e *efeitos por evocação*. Os *efeitos naturais* seriam propriedades de certas palavras. Tomando o exemplo de Guiraud (1970: 77), "'sombre' (sombrio, escuro, triste, lôbrego), por exemplo, é uma palavra naturalmente própria a expressar a ideia de escuridão". Os *efeitos por evocação* advêm de associações. Como observa o mesmo autor, "uma expressão é *vulgar* porque foi criada ou adotada por gente vulgar". Os valores evocativos relacionam-se ao tom, que, de modo geral, se reduzem ao três tons

dos antigos: o simples ou baixo, próprio da linguagem do cotidiano, o médio ou medíocre, próprio das relações sociais, e o grave ou sublime, próprio das ocasiões solenes. Também os arcaísmos têm o poder de evocar a época à qual pertencem. Há palavras que evocam determinados grupos sociais, como o jargão e o vocabulário gírio, determinadas faixas etárias, assim como os regionalismos evocam a região de que provêm.

Saussure, ao estabelecer a dicotomia língua e fala (langue/parole), admite a existência de uma Linguística da fala, que opõe à "Linguística propriamente dita", que se deve ocupar da língua (cf. Saussure, s/d: 28). É na "parole", ou seja, na realização individual da "langue" que Bally vai focalizar seus estudos.

Mattoso Câmara (1970: 27) observa, ao tratar da limitação imposta por Saussure ao objeto da Linguística, que,

> quando utilizamos os elementos da língua num dado discurso, raramente o fazemos para uma comunicação intelectiva pura. Há aí também, subsidiária, concomitante ou predominantemente, a carga emotiva, que carreia uma MANIFESTAÇÃO PSÍQUICA ou um APELO.
>
> Nestas condições, a linguística propriamente dita, ou estudo da LÍNGUA na acepção saussuriana, não abrange o fenômeno linguístico em sua totalidade. Ficam de lado as intenções de manifestação psíquica e apelo, que os discursos individuais, em regra, carreiam em si (destaques do autor).

Ao contrário da maioria dos estilicistas, que se concentra na língua literária, Bally concentra-se na língua oral, por considerá-la mais espontânea, uma vez que não decorre de um esforço consciente pela busca da expressividade. Muitos dos que priorizam a língua literária justificam essa opção exatamente com base nesse mesmo argumento.

Entre os autores que voltam seu foco para a obra literária, estão Leo Spitzer, criador da Estilística idealista, e Karl Vossler. O objetivo dessa doutrina é extrair da obra literária os traços individuais do autor. A análise deve ser imanente à obra, que deve ser vista em sua totalidade, desconsiderando-se qualquer aspecto exterior. Seu ponto de partida é intuitivo, porém a justeza da

intuição deve ser comprovada pela observação. Chegando-se ao centro da obra, obtém-se uma visão geral que permite relacioná-lo aos pormenores, formando uma espécie de rede. Spitzer valoriza todos os desvios capazes de revelar os traços individuais do autor.

Jakobson (1975) vê os efeitos expressivos como manifestações em que predomina a função poética, ou seja, aquele em que o foco recai sobre a mensagem, uma vez que tal função, secundária na maior parte das atividades verbais, é a predominante no momento em que a linguagem é elevada ao nível da arte. O ponto para o qual convergem suas postulações também está voltado para a literatura.

Outros autores veem uma ligação estreita entre a Estilística e a Sociolinguística, cabendo à primeira estudar as variedades tanto na língua falada como na escrita. As variedades que seriam do interesse da Estilística seriam as de níveis de fala ou registro.

Mattoso Câmara (1975: 136) comenta que

> a solução para introduzir os elementos emocionais no sistema intelectivo da língua é que está na base do estilo, em última análise. Assim compreendido, podemos definir o estilo como – um conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

Ao contrário Vossler e de autores como Fiorin (2004: 118-119) e Discini (2004: 30), para quem “estilo é recorrência de traços de conteúdo e de expressão, que produz um efeito de sentido de individualidade”, Mattoso Câmara (1970: 27-28) observa que o estilo não é puramente individual, mas nele há sempre um aspecto coletivo. Segundo o autor, apesar de ser eminentemente coletiva, a língua não exclui manifestações de características individuais, embora os falantes, em geral, sigam os procedimentos comuns à sua comunidade linguística, acrescentando, eventualmente, traços mínimos de originalidade aos seus enunciados. Assim sendo, conclui que o estilo deve ser caracterizado não pela oposição entre individual e coletivo, mas entre emocional e intelectivo.

Não sendo o estilo a expressão do que é puramente individual, este se caracteriza por um “desvio da norma linguística assente” (1975: 140), ou seja, para se expressar um conteúdo afetivo por meio de um código intelectivo, é preciso “deformar” os fatos gramaticais. Essa deformação ocorre, por exemplo, quando se acrescenta um sufixo nominal a um verbo, ou quando se suprime o termo determinado de uma expressão como “ele ficou *na dele*”. Da mesma forma, há desvio no emprego de vocábulos com significação ocasional, como quando se emprega “galho” por “problema” e “zebra” por “surpresa”, “resultado inesperado ou adverso”. Quando falamos em norma, tratamos da norma culta, embora, como registra Mattoso Câmara (op. cit.: 138), o estilo se manifeste tanto numa quanto noutra norma. É importante ressaltar, no entanto, que nem todo desvio tem valor estilístico. Quando um falante emprega um termo como “comparamento” por “comparação” ou “simpatização” por “simpatia”, pode fazê-lo, exclusivamente, devido ao desconhecimento da norma, utilizando um processo analógico, uma vez que essas formações são possíveis no sistema. Nesse caso, embora o desvio seja revelador em relação ao falante, não tem finalidade expressiva ou, nas palavras de Mattoso Câmara, é “a deformação que não conduz a nada” (op. cit.: 141).

Embora a utilização de dados estatísticos possa ser contestada, sua importância é defendida por Guiraud (1970: 159), que registra que “é o emprego mais ou menos generalizado de uma expressão por tal ou qual categoria que *cria* seu valor estilístico” e, se determinado vocábulo é poético, é “porque é empregado com *frequência* pelos poetas, mais *frequentemente* pelos poetas do que pelos prosadores” (op. cit).

Segundo Mattoso Câmara (2004: 114), a expressividade é “a capacidade de fixar e atrair a atenção alheia em referência ao que se fala ou escreve, constituindo objetivo essencial do esforço estilístico”. Deve-se observar que a expressividade se dá de maneiras bastante diferentes na língua escrita e na língua falada. Ao transcrever-se um trecho qualquer de um diálogo, pode-se notar que grande parte dos recursos expressivos (a acentuação, o ritmo, a elevação e o declínio de tom) se perde, porque o sistema ortográfico padrão fornece ao transcritor escassos instrumentos para registrar tais recursos. Esse fato levou alguns escritores, sobretudo modernistas, a recorrer

a formas de escrita não padrão, para tentar reproduzir, em diálogos, muitas características da fala espontânea, chegando, às vezes, a comprometer o próprio entendimento (cf. Preti, 2003: 172). Ao se tomar uma frase qualquer, é notório que o falante, ao dizê-la, pode utilizar diferentes entonações, alcançando variados efeitos expressivos para os quais não existem, no sistema ortográfico padrão, formas especiais de registro, respeitando a entonação. Em virtude disso, em transcrições de materiais para o estudo da língua oral, como o Projeto NURC, adotam-se normas específicas de transcrição. Além desse fato, pode-se acrescentar que, na interação face a face, há recursos não verbais, como os gestos e as expressões faciais, que fazem parte do processo de comunicação, mas inexistem na escrita.

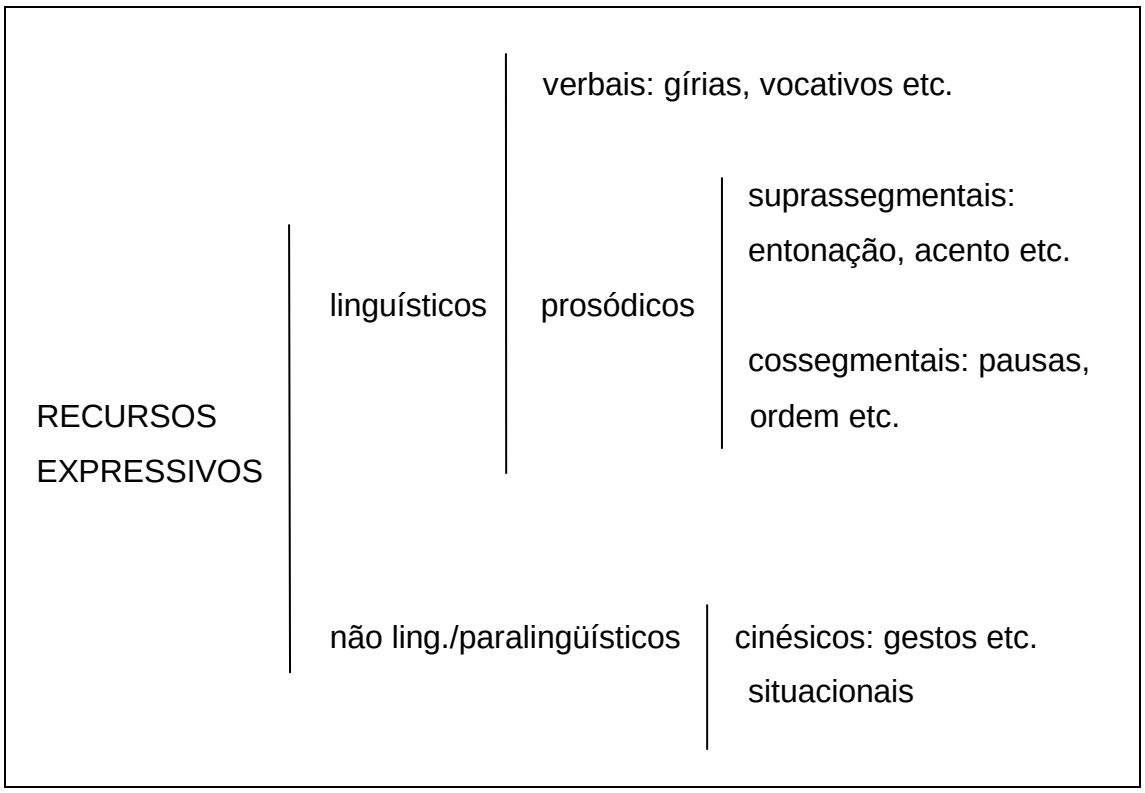
Parece desnecessário insistir em que a língua escrita está longe de ser uma reprodução da língua falada, mas é importante sublinhar o quanto a manifestação da expressividade ocorre de modo diferente numa e noutra modalidade, em consequência dos seus diferentes modos de produção. É na língua escrita que realmente ocorre o "esforço estilístico" a que se refere Mattoso Câmara, uma vez que nela é possível se planejar detalhadamente a construção do texto; e o autor, de acordo com a sua criatividade e o seu domínio do idioma, pode cotejar as várias opções que se lhe apresentam quanto ao léxico e à sintaxe, explorando a sonoridade das palavras, selecionando os meios de que se vai utilizar para exprimir-se.

Na língua oral, ao contrário, o planejamento e a produção do texto são praticamente simultâneos, inviabilizando uma elaboração mais refletida, um "esforço estilístico" mais ponderado. Em virtude disso, a expressividade na língua falada se dá não por meio dos mesmos recursos utilizados na escrita; mas por meio da utilização, mais ou menos original e criativa, de meios pertencentes a um "celeiro comum". Da mesma forma que se emprega um provérbio que se amolda a uma determinada situação, o falante vai entremeando, em seu discurso, recursos padronizados, cujos efeitos de sentido são reconhecíveis pelo interlocutor, atingindo assim determinados resultados expressivos.

Segundo Koch e Oesterreicher (2007: 168), "os diferentes EFEITOS DE EXPRESSIVIDADE se alcançam graças a diversos PROCEDIMENTOS, que

podem proceder dos níveis léxico, de formação de palavras, morfológico e sintático (destaques dos autores)".

Urbano (1997: 96) utiliza o seguinte quadro para representar os recursos expressivos na linguagem falada:



Todos os elementos que compõem o processo de comunicação têm potencial expressivo. Assim, os elementos são divididos em dois grupos principais: os linguísticos e os não linguísticos.

Entre os não linguísticos ou paralinguísticos, há os cinésicos, como os gestos e as expressões faciais, assim como as características da voz que permitem a identificação de aspectos do falante, como irritação, entusiasmo, cansaço, desânimo etc.

Entre os elementos linguísticos, são destacados os prosódicos, que são parte integrante da linguagem falada e dividem-se em suprassegmentais, como a entonação, que tem influência decisiva sobre a mensagem transmitida, e elementos como o acento de insistência e prosódicos cossegmentais, como as pausas e a ordem.

Ainda entre os elementos linguísticos, estão incluídos os vocativos, as gírias, os coloquialismos, as interjeições, as palavras e frases exclamativas, as onomatopeias, as repetições, as formações prefixais e sufixais de valor afetivo etc. Este trabalho propõe-se a delimitar o objetivo da análise que se seguirá, restringindo-o aos elementos verbais. Acerca desses elementos, acrescenta-se que, entre os prosódicos, apenas alguns aspectos serão considerados, como o acento de insistência e os alongamentos de fonemas vocálicos, apenas como fatores auxiliares da análise, desde que coocorram com outros elementos que ocuparão posição central. Dada a forma como se manifesta a expressividade na língua oral, como foi referido acima, propõe-se a analise de vocábulos, cujas propriedades estilísticas serão consideradas sob o aspecto morfológico, considerando seus processos de formação (composição, derivação etc.). Para se reconhecer o emprego de usos específicos, no entanto, a análise não se dará exclusivamente no nível morfológico, uma vez que, para se fixar a significação ocasional de um vocábulo, é necessário que se proceda a um exame sensível ao contexto.

Como o estilo é decorrente dos desvios da norma, parece lógica a importância da utilização de dados estatísticos nos estudos estilísticos, por ser a Estatística exatamente a ciência dos desvios, com que se procura identificá-los e quantificá-los.

Entre os elementos estilísticos que serão analisados, incluem-se os sufixos devido a seu grande potencial expressivo. Lapa (1975: 105) constata que

> é curioso que, de todos os derivados de *livro*, mencionados pelos dicionários usuais, só dois não têm significado afetivo. São eles: *livrete* = livro pequeno, caderneta, e *livreiro* = o que trata com livros. Todos os outros têm, mais ou menos, valor sentimental.

Adverte-se que um vocábulo que normalmente não é empregado para manifestação de afetividade pode, em certos contextos, adquirir contornos expressivos, de modo que “livreiro” pode ser empregado para referir-se a uma

pessoa que tem grande afeição por livros, seguindo o modelo de substantivos como “roqueiro”.

Mattoso Câmara (1978: 61) via os sufixos como “poderosos centros de carga afetiva”, cujo significado “quase só nisso se resume”. Martins (2008: 114) também trata dos sufixos, ressaltando seu valor como elemento avaliativo. Entre os sufixos, *-inho* é destacado por sua multiplicidade de valores e sua alta frequência no *corpus* do Projeto NURC/SP.

Acrescente-se que, na seleção dos elementos estilísticos a serem analisados neste trabalho, foi levada em consideração a questão da frequência, de maneira que se priorizaram os elementos mais frequentes, por fornecerem melhores condições de tipificação e comparação do número de ocorrências por tipo de inquérito.

2. 2. Sociolinguística

A Sociolinguística “procura, basicamente, verificar de que modo fatores de natureza linguística e extralinguística estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua – a fonética, a morfologia e a sintaxe – e também no seu léxico” (Beline, 2003: 125). Além de estudar as relações entre língua e sociedade, a Sociolinguística propõe-se a explicar a heterogeneidade da língua e estabelecer regras que determinam as variações. O estudo dessas variações teve grande impulso nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960. Segundo Lyons (1970: 28), no início do século XX, “a linguística nos Estados Unidos da América viu-se fortemente influenciada pela necessidade de descrever tantas quantas possível dentre as centenas de línguas existentes naquele país e ainda não catalogadas”.

Linguistas norte-americanos como Franz Boas, Edward Sapir (estes também antropólogos) e Leonard Bloomfield relacionaram a língua dos povos à sua cultura, a exemplo das ideias defendidas por Wilhelm Von Humboldt e são considerados os “precursores das teorias sociológicas da linguagem nos Estados Unidos” (Preti, 2003: 13).

A Sociolinguística tem, em princípio, contradições diretas com as teorias linguísticas de Saussure, que, embora tenha reconhecido o caráter social da língua, delimitava claramente o objeto da Linguística como “a língua em si” e dava ao termo “social” uma acepção que se aproximava mais do meramente “coletivo”. Ademais, o autor genebrino concebia a língua como algo homogêneo, excluindo, portanto, qualquer interesse pela questão da variação. Para Labov, autor de cujos estudos viria a surgir a corrente conhecida como *linguística variacionista*, “se a língua é um fato social, a linguística então só pode ser uma ciência social” (Calvet, 2007: 12).

O desenvolvimento da Sociolinguística norte-americana conduziu a diversos caminhos no estudo dos *dialetos sociais*. William Bright situa o escopo da Sociolinguística no estudo da diversidade linguística, cujas dimensões seriam, basicamente, três: a dimensão do emissor, a dimensão do receptor e a dimensão da situação. As dimensões do emissor e do ouvinte ligam-se à identidade social destes e ao posicionamento de cada um em relação ao outro, que pode ser de simetria ou assimetria. A terceira envolve todas as demais variantes, que constituem fatores extralinguísticos.

Os fatores extralinguísticos que influem na atitude do falante, segundo a Sociolinguística francesa, são as *variações geográficas*, ou seja, regionais, as *variações sociológicas*, decorrentes da idade, sexo, profissão, raça, posição social, nível de escolaridade do falante e as *variações contextuais*, determinadas por influências alheias ao falante como o interlocutor, o assunto e o local da interação (Preti, 2003: 17).

Vários fatores que se sobrepõem na formação do falante influenciam sua fala. Além de fatores inatos (sexo, raça, origem), outros podem distinguir significativamente os falantes de acordo com sua história de vida e os grupos sociais a que pertencem, ou tenham pertencido. Isso implica que, mesmo dentro de uma mesma comunidade, não haverá dois falantes que se expressem exatamente da mesma forma, ainda que sejam falantes nativos de uma mesma faixa etária, sexo e raça.

Ainda que não se possa fazer uma delimitação clara entre os *dialetos sociais*, pode-se postular a existência de, pelo menos, duas variedades presentes dentro de uma mesma comunidade: a *norma culta* ou *padrão* e a

norma subpadrão ou *popular.* A primeira é própria das situações formais e tem maior prestígio social; e a segunda, de menor prestígio, é própria das situações de menor formalidade. A *norma culta* é mais adequada a conferências, aulas universitárias, atos de correspondência oficial e comercial, discursos etc.; a *norma popular*, a conversas entre iguais, novelas de TV, músicas populares, programas de TV sobre esportes e amenidades etc. Aléong (1983), que utiliza o termo *norma explícita*, afirma que essa norma

> compreende aquele conjunto de formas linguísticas fazendo parte de uma tradição de elaboração, de codificação e de prescrição. [...] Codificada e consagrada num sistema de referência, esta norma é socialmente dominante na medida em que ela se impõe como o ideal a respeitar, nas circunstâncias que admitem um uso consciente ou controlado da língua, isto é, nos usos oficiais, na imprensa escrita e audiovisual, no sistema de ensino e na administração pública.

Quanto à *norma implícita*, afirma o mesmo autor que se trata das "formas que, por serem escassamente objeto de uma reflexão consciente ou de um esforço de codificação, não representam senão os usos concretos pelos quais o indivíduo se apresenta em sua sociedade restrita." E acrescenta: "trata-se sobretudo da língua oral e dos fatos e tipos de normas que não têm a rigidez de um código escrito" (op. cit.: 153).

Koch e Oesterreicher (2007: 41) observam que a norma culta, ao contrário das demais, se caracteriza pela exigência de exclusividade e pela alta estabilidade, além de ser diatopicamente neutra, favorecendo, assim, a comunicação independentemente da região de origem dos falantes.

Esses registros, no entanto, não são rígidos; e, em várias situações, pode haver alternância entre as normas.

Preti (2003: 31-32) relaciona, quanto à morfossintaxe, as seguintes características de cada uma das normas:

Norma culta:

- indicação precisa das marcas de gênero, número e pessoa;
- uso de todas as pessoas gramaticais do verbo, com exceção, talvez, da 2ª do plural, relegada, praticamente, à linguagem dos discursos e sermões;
- emprego de todos os modos e tempos verbais;
- correlação entre tempos e modos;
- coordenação e subordinação; riqueza de construção sintática;
- maior utilização da voz passiva;
- largo emprego de preposições nas regências;
- organização gramatical cuidada da frase;
- variedade da construção da frase.

Norma popular:

- economia nas marcas de gênero, número e pessoa (Ex.: “Essas pessoa não tem jeito”);
- redução das pessoas gramaticais do verbo. Mistura da 2ª pessoa com a 3ª no singular. Uso intenso da expressão de tratamento *a gente*, em lugar de *eu* e *nós* (Ex.: “A gente já te disse que você está errado”);
- redução dos tempos da conjugação verbal e de certas pessoas, como, por exemplo, a perda quase total do futuro do presente e do pretérito, do mais-que-perfeito, no indicativo; do presente do subjuntivo; do infinitivo pessoal;
- falta de correlação verbal entre os tempos (Ex.: Se eu encontrasse ela agora, contava tudo”);
- redução do processo subordinativo em benefício da frase simples e da coordenação (Ex.: “Já disse pra você, não disse? Quando eu acabei o curso não tinha mais dinheiro. Aí então, fui trabalhar” em lugar de “Não sei se já lhe disse que, quando terminei o curso, fui trabalhar, porque não tinha mais dinheiro”);

- maior emprego da voz ativa, em lugar da passiva (Ex.: “Um carro pegou ele”, em lugar de “Foi atropelado por um carro”);
- predomínio das regências diretas nos verbos (Ex.: “Você já assistiu o filme?”, em lugar de “Você já assistiu ao filme?”);
- simplificação gramatical da frase, emprego de “bordões” do tipo “então”, “aí” etc.;
- emprego dos pronomes pessoais retos como objetos (Ex.: “Vi ele, encontrei ela” etc.).

Em relação ao léxico, pode-se dizer, em linhas gerais, que, na *norma culta*, há maior variedade, com presença de vocábulos técnicos. Na *norma popular*, o léxico é mais restrito, com emprego de vocábulos de significação mais ampla, como as palavras-ônibus, de gírias e expressões coloquiais. Ainda assim, não se pode fazer uma delimitação clara, pois, se há vocábulos que são próprios da *norma culta*, como os diminutivos eruditos, por exemplo, “corpúsculo”, que corresponde, na *norma popular*, a “corpinho”, o vocábulo primitivo, no entanto, “corpo”, está presente em ambos os dialetos sociais. Isso permite a postulação de uma norma intermediária, hipotética, que se pode definir como *linguagem comum* (Preti, 2003: 33).

No nível fonológico, embora se possam apontar pontos comuns às duas normas, encontram-se diferenças como, a redução de ditongos a vogais simples, como em “bejo” (popular) por “beijo” (culto), a transformação de encontros consonantais em sílabas, como em “impreguina” (guí – popular) por “impregna” (pré – culto), formação de ditongos como em “faiz”, “treis”, “nóis” (popular) por "faz", “três”, “nós” (culto), substituição de ditongos por vogais abertas, como em “róba”, “aléja” (popular) por “rouba”, “aleija” (culto), metátese, como em “largato“, “estrupo” (popular) por “lagarto”, “estupro” (culto), hiperbibasmo, como em “rúim”, “rúbrica” (popular) por “ruim” (ím), “rubrica” (culto), substituição de vogais orais por nasais, como em “mortandela”, “sombrancelha” (popular) por “mortadela”, “sobrancelha” (culto) etc.

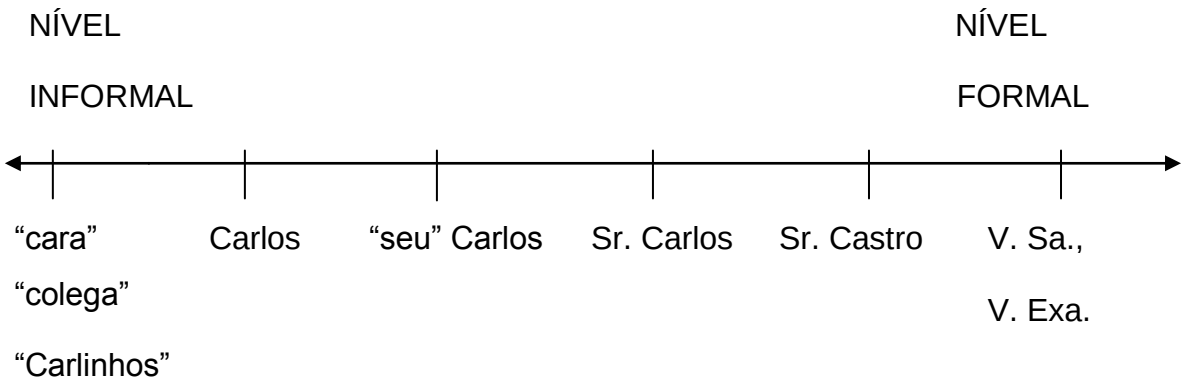
Além dessas variações observáveis de falante para falante, há ainda variações dentro da linguagem de um mesmo falante em consequência de

fatores extralinguísticos, entre eles a ocasião, o local e o tempo em que se dá a enunciação. São, portanto, variações situacionais. Outro fator que também influencia essa variação é o grau de intimidade entre os falantes.

Podem-se diferir dois *níveis de fala* ou *registros*, ligados a diferentes situações de interação: o *formal* e o *coloquial* (ou informal). No primeiro, próprio de situações de maior formalidade, predomina a norma culta; o comportamento linguístico é mais tenso e refletido. No segundo, próprio de situações informais, predomina a *norma popular*; e o comportamento linguístico é distenso.

Outras subdivisões são possíveis, como de um *nível coloquial tenso* e outro *distenso*; mas, quanto mais subdivisões se fizerem, mais difícil se tornará o estabelecimento de fronteiras entre um e outro nível.

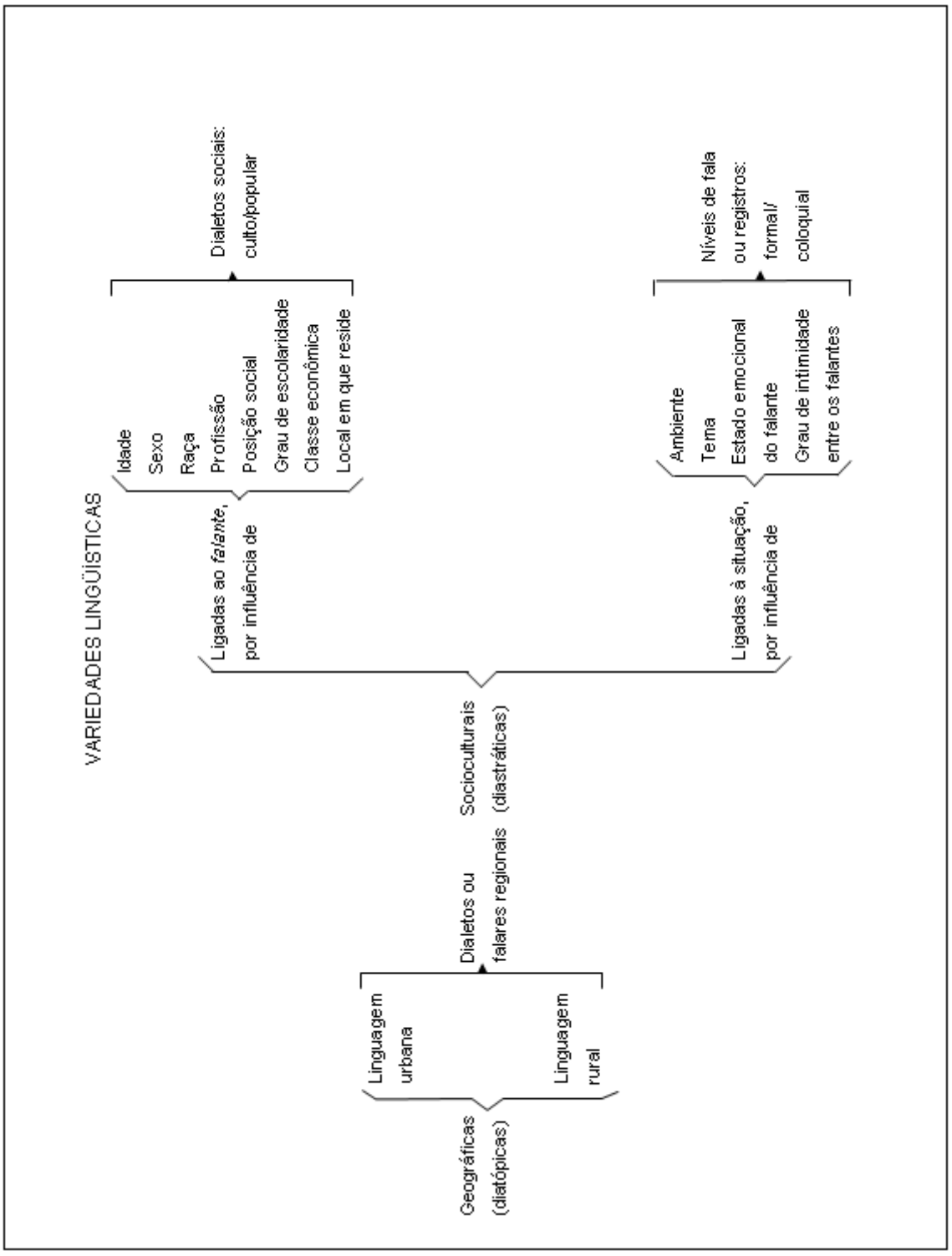
Convém lembrar que as situações de comunicação não podem ser simplesmente divididas em formais e informais. Há diferentes níveis de formalidade, em que diferentes formas de tratamento são implicitamente acordadas entre os falantes. Por exemplo, o uso de expressões de tratamento como “cara”, “irmão”, “maninho” etc. ou de apelidos – como nome de batismo + *-inho* ou *-inha* – revela mais intimidade entre os falantes que o uso do prenome. O uso de formas como “seu” + nome de batismo (“seu” Carlos) é menos formal do que o uso de senhor + nome de batismo (senhor Carlos), e este é menos formal que senhor + sobrenome (senhor Castro), que é menos formal que Vossa Senhoria, Vossa Excelência etc., de modo que podemos formar um quadro que resume, num *continuum,* os diferentes graus de formalidade quanto ao tratamento:



Preti (2003: 39) acrescenta que

> a variação de *uso* da linguagem pelo mesmo falante, ou seja, a dos *níveis de fala* ou *registros*, poderia também ser chamada de variedade estilística, no sentido de que o usuário *escolhe*, de acordo com a *situação*, um estilo que julga conveniente para transmitir seu pensamento, em certas circunstâncias. Poderíamos, então, falar em um *estilo formal* e um *estilo coloquial* ou *informal*, e, nesse sentido, talvez seja mais fácil entender o conceito que estamos explicando de *registro* ou *nível de fala* (destaques do autor).

A seguir, reproduzimos um quadro das variações linguísticas, em que Preti (op. cit.: 41) resume o que apresentamos até aqui:



Tanto em relação à língua oral quanto à língua escrita, é comum a aceitação de que há duas normas: uma *culta* ou *padrão*, própria dos falantes que têm maior grau de escolaridade; outra *popular* ou *subpadrão*, própria dos

falantes de menor grau de escolaridade. Sabemos que essa divisão é precária, pois a linha divisória entre as normas é, por vezes, difícil de identificar.

Na sociedade contemporânea, um mesmo falante desempenha vários papéis sociais e está em contato com falantes de grupos sociais diferentes do seu, podendo, dessa forma, incorporar elementos linguísticos próprios desses grupos e utilizá-los de acordo com a situação de comunicação. Nas palavras de Mattoso Câmara (2005:16), “a norma não pode ser uniforme e rígida. Ela é elástica e contingente, de acordo com cada situação social específica”. As pessoas procuram, quase instintivamente, adequar o seu nível de linguagem à expectativa do seu interlocutor, o que resulta na necessidade de se “modular” o nível de fala de um registro para outro. Como assinala Preti (2004e: 14), “são os falantes cultos, por certo, os que possuem maior consciência da necessidade de variarem sua linguagem, em função das *situações de interação* diversas”.

Com isso, pretende-se dizer não só que os falantes cultos, apesar de terem maior conhecimento linguístico, não empregam uma linguagem tensa, formal e em conformidade com as normas gramaticais todo o tempo, mas também que eles se valem de elementos próprios da linguagem coloquial como uma forma consciente de alcançarem maior expressividade em sua linguagem. Assim, os falantes cultos dispõem de sensibilidade para “dosar”, sempre de acordo com a situação de interação, o emprego mais pródigo ou mais parcimonioso de coloquialismos, de gírias, de sufixos de valor afetivo, de repetições expressivas etc.; e esses recursos podem ser utilizados para medir o nível de formalidade do discurso. Como observa o mesmo autor, “nada impede, também, que [o falante culto] seja sensível ao *uso linguístico* dos grupos menos cultos, aos coloquialismos sintáticos e vocabulares (à própria gíria), que lhe permitam, nas interações mais familiares, ganhar importantes recursos expressivos” (op. cit.: 14).

Leite (1998) assinala que “um falante culto que tem conhecimento da prescrição linguística, naturalmente alinhará sua linguagem o quanto possível a ela, a depender da situação de comunicação”. É possível, no entanto, demonstrar que a linguagem do falante culto não se opõe à linguagem coloquial. Como indica Preti (1997),

> o que o *corpus* do Projeto NURC/SP tem-nos mostrado (e isso já na década de 70) é que os falantes cultos, por influência das transformações sociais contemporâneas a que aludimos antes (fundamentalmente, o processo de democratização da cultura urbana), o uso linguístico comum (principalmente, a ação da norma empregada pela mídia), além de problemas tipicamente interacionais, utilizam praticamente o mesmo discurso dos falantes urbanos comuns, de escolaridade média, até em gravações conscientes, e, portanto, de menor espontaneidade.

Na verdade, a linguagem dos falantes cultos encerra variados níveis, entre os quais se pode notar a incorporação de elementos considerados típicos da linguagem coloquial. O falante culto tem, portanto, uma linguagem abrangente, que engloba tanto os “cultismos” quanto os “coloquialismos”, e o que vai determinar o emprego de certos recursos é a situação de interação, assim como a expectativa do ouvinte.

Se se considerar que a presença de recursos expressivos será maior, tanto quanto for mais espontânea a situação de interação entre os falantes, deve-se levar em conta que as gravações do Projeto NURC/SP não são o *corpus* ideal para esse tipo de análise. Outros fatores a serem considerados, ao se trabalhar com um *corpus* como o do Projeto, como evidencia Urbano (1988: 3), são as oposições entre *formalidade-informalidade* e *naturalidade-artificialidade*, que não devem ser confundidas. Vale lembrar que todas as gravações que compõem o Projeto foram feitas com o conhecimento e o consentimento prévio dos informantes, e essa consciência de que o que se está falando ficará registrado e será utilizado para análises linguísticas posteriores contribui para a artificialidade do discurso, como se faz patente no seguinte trecho:

Exemplo 1

a gente quer saber agora... quais as razões que faz...
que fazem com que... ah... -- (estou) meio
preocupado (com o gravador) ((risos)) -- éh... faz

> fazem... éh:::... ah quais razões que levam as
> pessoas a... demandarem moeda a procurarem moeda
> (EF/338, linhas 10-14).

A preocupação do informante com o fato de seu discurso estar sendo gravado leva-o a uma atitude linguística incomum; e, diante do impasse entre qual seria a forma verbal adequada segundo a norma culta, a solução de que se lança mão é a reformulação do enunciado, utilizando outro verbo.

Não obstante tais considerações, as gravações do Projeto NURC/SP fornecem um *corpus* que, ainda que não seja o ideal, mostra-se, como se verá na análise, suficientemente rico em relação aos elementos expressivos de que se pretende tratar. Pode-se aduzir também que o fato que se registrou na EF/338, que acima se reproduziu, ocorreu no início da gravação, momento de maior tensão, em que a consciência do fato de que sua fala está sendo gravada está mais presente na mente do falante. Com o decorrer do tempo de gravação, nota-se que esse tipo de preocupação se vai esvaindo; e a fala vai-se tornando mais espontânea.

Quanto ao Projeto NURC, o critério adotado para se considerar o falante culto foi a formação em nível superior, ou seja, das várias formas como se pode definir um falante culto, adotou-se a escolaridade como marca de cultura.

Em relação à linguagem, nota-se, nas gravações do Projeto, a presença de infrações à gramática normativa. Esses “erros” constituem, na verdade, uma variação de *registro*, pois o “que nos permite identificar o falante culto real não é o seu conhecimento maior ou menor das regras da gramática tradicional, conhecimento de que se utilizaria muito mais na língua escrita” (Preti: 2004e).

Ainda que, como observa Barros (1999: 49), as infrações às normas gramaticais sejam pouco comuns nas gravações do Projeto NURC/SP, e a presença de correções indique o conhecimento das normas e a preocupação com a sua aplicação, pode-se afirmar, como o faz Preti (1997: 25), que

> muitas de suas formas expressivas [da linguagem popular], embora em desacordo com a tradição gramatical, se incorporaram definitivamente à linguagem oral

> urbana comum, incluindo-se também na fala das pessoas cultas e nas suas expectativas com referência aos interlocutores, durante uma interação.

Isso ocorre, segundo o autor, devido a mudanças sociais como o processo de democratização do País e à influência da mídia, cuja linguagem vem aproximando-se da *linguagem comum* em muitos aspectos como no caso dos clíticos e, no léxico, da gíria.

Ainda que não possam ser tomadas nem as regras da gramática tradicional nem o padrão culto da escrita para identificar o falante culto, é possível fazê-lo observando-se as "marcas de linguagem culta", identificadas por Preti (1997: 25), que revelam um alto nível de escolaridade do falante, a par das marcas da linguagem popular. É o que se observa, por exemplo, no seguinte trecho:

Exemplo 2

> é assim para ficar junto com o pessoal... mas não é... diário... entende? é assim quando a gente sabe hoje vai ter um filme bom... vai passar um filme que... às vezes até filme que eu já assisti há dez anos atrás e que é uma re/ uma re/ é uma reapresentação então eu até aviso o pessoal "olha vamos ter hoje esse filme" então a gente fica junto **assiste a esse filme**... mas em termos assim de ... de assistir habitualmente não existe isso...
> (D2/255, linhas 493-500).

Note-se que, ao lado do emprego de "a gente" e de uma construção redundante condenada pela gramática normativa (há dez anos atrás), há o emprego do verbo *assistir* segundo a regência culta. Outras marcas que podem ser observadas são o emprego do verbo *haver* no sentido de *existir*, a correlação de tempos verbais, o emprego de certos tempos verbais e o léxico mais amplo:

Exemplo 3

L1 as minhas experiências:: marítimas:: são extremamente limitadas... eu... ahn **digamos** assim... como passeios:: para COnheciMENto da linha náutica...o/ oferta assim ... do Ministério da Marinha algumas vezes... eu tive a oportunidade de fazer... ahn a... uma **incursão** pelo mar... muito pequena... o... transporte urbano e mesmo o transporte suburbano e às vezes até interestadual... do ônibus... muitas vezes acabei **me valendo** também... nessas **circunstâncias**... ahn... e acredito até que grande parte de minhas viagens pelo estado de São Paulo (idem, linhas 133-142),

Exemplo 4

uhn o tipo de transporte gostoso... eu por mim... se **pudesse** escolher num determinado momento eu... **escolheria** o trem... por algumas razões... uma por exemplo é que... no trem... eu acho que **há** o repouso assim **integral**... porque o trem não tem... a **mobilidade** de um ônibus por exemplo que às vezes dificulta a leitura et cetera... quer dizer o trem é mais esTÁvel... (idem, linhas 240-246).

Outra marca clara da linguagem culta que se pode observar nas gravações do Projeto é a presença de autocorreções, as quais revelam não só o conhecimento da *norma culta*, como também a preocupação do falante em não a transgredir:

Exemplo 5

aconteceu... houve a::... a inVASÃO:: de São Paulo... (por)... por por pessoas::... não só de fora...

principalmente de fora... cresceu muito depois da guerra... imigração... e::... e do Norte sobretudo do Norte... então aí **mudou mudaram**-se os hábitos (D2/396, linhas 621-625),

Exemplo 6

Inf. (...) ahn:: o tema que éh me foi dado é da estética na década de TRINta... eu vou desde o início... declarar que eu vou fugir um pouco ao meu tema... e talvez no decorrer da palestra **fique esclarecido**... **fique esclarecida** a minha opção... éh:: em todo caso aviso já desde o início porque éh:: escolhi essa orientação... a década de trinta é uma década muito rica de manifestações estéticas mas muitas das manifestações que poderiam me interessar aqui já foram... eu creio... tratados por out/ tratadas por outras pessoas não irão ser tratadas... (EF/156, linhas 1-11).

Mais uma marca da linguagem culta que ocorre quanto ao léxico é a substituição de vocábulos. Por meio desse artifício, o falante substitui um vocábulo de uso mais geral por outro mais específico ou de menor frequência, ou substitui um vocábulo mais técnico por outro de uso mais comum. Essa possibilidade de “modular” o vocabulário, adequando-o à situação, caracteriza, segundo Barros (1999: 51) e Preti (1987: 3), o falante culto. Os exemplos que seguem foram colhidos da autora citada:

Exemplo 7

Inf. (...) e **comé**/ e **reinicia** o... ciclo... (...)

(EF/338, linha 94),

Exemplo 8

Inf. (...) ... na **década** no no de/ no **decênio** de trinta... (...)
(EF/156, linha 33-34),

Exemplo 9

Inf. (...) ... o filme brasileiro foi considerado... um:::... um **penetra**... um:: **inTRUso**... (...)
(EF/153, linhas 6-8),

Exemplo 10

Inf. (...) ... de tal forma que ela sempre tenha uma **reserva algum dinheiro** no bolso... (...)
(EF/338, linhas 56-57),

Exemplo 11

Inf. (...) é:: se aplicar assim uma **bateria** de testes... uma **porção** de testes
(EF/377, linhas 99-100),

Exemplo 12

Inf. (...) e as outras tarefas vão se tornando mais:: **complexas** mais **difí::ceis**...
(EF/377, linhas 99-100).

2. 3. Análise da Conversação

Embora este trabalho seja voltado eminentemente para os aspectos estilísticos da linguagem, pelo fato de o *corpus* ser constituído de transcrições de conversações, fez-se necessário utilizar alguns conceitos de Análise da Conversação no exame do material gravado. Por esse motivo, segue uma breve exposição acerca dessa disciplina.

A Análise da Conversação, segundo Silva (2005: 34-35), "caracteriza-se por trabalhar com técnicas de análises empíricas, método de trabalho indutivo e baseado em conversações espontâneas". Nas palavras de Marcuschi (2003: 7), "não existem modelos *a priori*", uma vez que as observações dessa área partem de situações reais. Segundo o mesmo autor, a Análise da Conversação

> iniciou-se na década de 60 na linha da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva e preocupou-se, até meados dos anos 70, sobretudo, com a descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores (op. cit.: 6).

A Etnometodologia foi criada nos Estados Unidos por Garfinkel, e sua metodologia foi desenvolvida, em grande parte, por Jefferson, Sacks e Schegloff. O interesse inicial era realizar estudos sociológicos com enfoque no cotidiano das pessoas.

Atualmente, outros aspectos estão envolvidos nas investigações; e os estudos voltam-se para todos os aspectos que contribuem para que a conversação seja bem sucedida. Marcuschi destaca que a Análise da Conversação é uma tentativa de encontrar respostas a questões como:

> como é que as pessoas se entendem ao conversar? Como sabem que estão se entendendo? Como sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente? Como usam seus conhecimentos linguísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais? (op. cit.: 7)

Visto que a Análise da Conversação não considera apenas os elementos verbais da linguagem, mas também outros como os suprassegmentais e os paralinguísticos, é necessário que se adotem formas de transcrição que ressaltem esses constituintes que compõem o processo interacional. Diferentes formas de transcrição são possíveis, baseadas sempre no sistema ortográfico padrão, mas com critérios especiais para o emprego de letras capitulares, translineação, pausas etc. Podem-se utilizar convenções para indicar a cadência da frase, a entonação ascendente e a descendente, a duração das pausas e outros aspectos que não são marcados no sistema ortográfico padrão, mas podem ser significativos para a análise linguística (ver normas de transcrição em *Histórico do Projeto NURC*).

Mancera (2000) descreve os procedimentos metodológicos da Análise da Conversação, dividindo-os em quatro passos: coleta dos materiais, transcrição minuciosa das gravações, análise dos materiais e apresentação dos resultados.

Para que um evento linguístico possa ser considerado uma conversação, algumas características devem estar presentes. São elas a participação de dois ou mais falantes, uma ou mais trocas de falantes, a ocorrência de uma sequência de ações coordenadas dentro de uma identidade temporal e o envolvimento numa “interação centrada”. A realização de um falante durante o tempo em que ele detém a palavra denomina-se *turno*, e este pode ser constituído de um ou mais *atos de fala*. A mudança de turno ocorre, geralmente, durante um *lugar relevante para a transição*, que é uma indicação de um falante que seu turno se está encerrando, marcada pela entonação descendente e pela completude sintático-semântica do enunciado. Dessarte, pode-se tomar a conversação, segundo Marcuschi (2003: 15), como “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum”.

A conversação pode ser *simétrica* ou *assimétrica* de acordo com certas regras que regem a participação dos falantes na interação. Assim, é *simétrica* uma interação em que cada falante tem liberdade para determinar o tópico ou tópicos, tomar a palavra a qualquer momento e manter seu turno durante o

tempo que julgar necessário. Isso ocorre normalmente nas interações cotidianas entre iguais. Em algumas interações, no entanto, apenas um dos falantes pode estar em posição de escolher os temas de que se vai tratar, de determinar os momentos de troca de turno e de atribuir ou não a palavra ao interlocutor e o tempo de que este dispõe para manter seu turno, assim como de iniciar e encerrar a interação. Nesse caso, trata-se de uma conversação *assimétrica*, como ocorre, por exemplo, nas entrevistas, nas interações em sala de aula e em debates conduzidos por mediadores.

Numa conversação natural, ou seja, que ocorre espontaneamente no dia a dia, algumas regras básicas podem ser observadas como o princípio de que os falantes procuram falar cada um a seu tempo, evitando falas simultâneas. Essas interações podem-se dar em forma de *pares conversacionais* como pergunta-resposta, convite-aceitação, convite-recusa etc. A regra das sequências de turno, muitas vezes, é quebrada, levando os falantes a recorrer a formas de reorganizar a conversação, o que pode ser feito por intermédio de *marcadores conversacionais* como “espera um pouco”, “deixa eu terminar”, “dá licença” etc. Podem-se diferenciar as falas simultâneas das *sobreposições de vozes*, que ocorrem, muitas vezes, de modo cooperativo e contribuem para a fluência da conversação. Em geral, nas *sobreposições*, observam-se marcadores como “hã”, “ahã”, “isso”, “sei” etc. As sobreposições de vozes e falas simultâneas, como se verá, são mais comuns nos diálogos do Projeto NURC/SP (D2), uma vez que esse tipo de inquérito é o que mais se aproxima da conversação natural. Entre as elocuções formais (EF), pode-se dizer que as conferências, a rigor, não constituem conversações, embora haja momentos em que ocorram interações verbais entre o conferencista e algum locutor eventual. A seguir, reproduz-se um exemplo de sobreposição de vozes de caráter cooperativo:

Exemplo 13

L2 L2 né? quer dizer eu acho que isso in/independeria da
da... variaria de acordo com a com a::... com o dom de

cada pessoa com o interesse de cada pessoa né? mas eu
acho o problema PAra... a mulher... dona de casa
a mulher-mãe a mulher-esposa... é o problema de horários
de adaptar a carreira... com... a a::
[
L1 **a casa**
L2 com a casa com a administração da casa
[
L1 **do lar**
(D2/360, linhas 656-664).

Os *marcadores conversacionais* são recursos que, nas conversações, servem para tomar a palavra, retomá-la, retorquir, atribuir a palavra a outro falante, finalizar um turno etc. Nas palavras de Urbano (2003: 98), são "elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado". Os *marcadores* podem ser divididos em *verbais*, *não verbais* e *suprassegmentais*.

Os *marcadores verbais* são palavras ou expressões estereotipadas e sem função sintática que são utilizadas para se iniciar um turno, mantê-lo, mudar de tópico, retomar um tópico anteriormente abandonado, em casos de *digressões*, ligar diferentes partes do discurso, preencher momentos de hesitação etc. Podem ser divididos entre os lexicalizados como "então", "aí", "daí", "afinal", "sei" etc. e os não lexicalizados como algumas interjeições: "ahã", "éh" etc. (cf. Marcuschi, op. cit: 62). Alguns marcadores são próprios de situações em que o participante da conversação está em posição de falante, outros caracterizam a posição de ouvinte. No trecho a seguir, há exemplos de marcadores utilizados pelos ouvintes:

Exemplo 14

L1 eles tem aqui um colégio que::... Florence também...
( )...
[
L2 na Avenida Pompeia...

L1 filial daquele não é bem filial foram os::... os
[
Doc. **uhn uhn**
L1 descendentes deles que criaram agora este colégio
[
L2 **é::**
L1 parece... aqui na:: na Pompeia...

Os *marcadores não verbais* são gestos, olhares, expressões faciais que têm influência sobre o discurso, podendo expressar aprovação, discordância, surpresa etc.

Os *marcadores suprassegmentais* (ou prosódicos) são "de natureza linguística, mas de caráter não verbal". Entre eles, estão as pausas e o tom de voz (op. cit.; 63).

Frequentemente, nos diálogos, há coocorrências de marcadores de diferentes classes, que reforçam uns aos outros, de modo a levar o falante a atingir um objetivo comunicativo.

Ao contrário do texto escrito, que pode ser reformulado, deixando para o leitor apenas a versão final, na conversação, em que o planejamento coincide com a produção, é muito comum a presença de recursos de correção. "Corrigimos a nós mesmos ou aos parceiros, fazendo reparos sintáticos, lexicais, fonéticos, semânticos ou pragmáticos" (op. cit.: 28). Fávero (2003: 213) observa que, na correção, "tem-se um enunciado (enunciado-reformulador = ER) que reformula um anterior (enunciado-fonte = EF) considerado 'errado' a um dos interlocutores". De acordo com Schegloff, Jefferson e Sacks (*apud* Marcuschi, 2003: 29), são os seguintes os tipos de correção:

(a) *autocorreção autoiniciada*: é a correção feita pelo falante logo após a falha;

(b) *autocorreção iniciada pelo outro*: é a correção feita pelo falante, mas estimulada pelo seu parceiro ou por outro;

(c) *correção pelo outro e autoiniciada*: o falante inicia a correção, mas quem a faz é o parceiro;

(d) *correção pelo outro e iniciada pelo outro*: o falante comete a falha e quem a corrige é o parceiro.

Fávero, Andrade e Aquino (1996) encontraram, ao examinar diferentes tipos de inquéritos do Projeto NURC/SP, os três primeiros tipos de correção.

Acrescenta-se que, por tratar de fatos dinâmicos, a Análise da Conversação não trabalha com modelos fixos e invariáveis que podem ser aplicados a qualquer situação. Suas formulações não são normas que se cumprem rigorosamente, mas procedimentos analíticos que têm limitações e, por vezes, podem ser insuficientes para a descrição dos fenômenos.

2. 4. Morfologia

Embora o termo "morfologia" tenha surgido no século XIX, a investigação nesse campo remonta aos primórdios dos estudos gramaticais[3]. O interesse pelos segmentos que compõem as palavras, no entanto, não ocupou o interesse dos gramáticos da Antiguidade nem da Idade Média, que se dedicaram principalmente às palavras ou "partes do discurso". Nas palavras de Rosa (2006: 44-45),

> não se procurava, no modelo gramatical que nos foi legado pela tradição greco-latina, decompor palavras em unidades mínimas de som e significado, em busca da sequência sonora específica que corresponde a tal ou qual significado e vice-versa.

Nos séculos XVIII e XIX, com o surgimento do método histórico-comparativo, o interesse voltou-se para o mapeamento das famílias linguísticas. Esses estudos iniciaram-se com a descoberta do parentesco do

[3] Varrão, já no século I a. C., demonstra interesse pela questão da derivação, a qual distingue do sistema de declinações latinas (Cf. Mounin, 1970: 100).

latim e do grego com o sânscrito, que levou à busca pala restauração das raízes do indo-europeu, língua ágrafa pré-histórica e, consequentemente, extinta. O foco, no entanto, estava na Fonética, uma vez que era necessário estabelecer quais eram as leis fonéticas que governaram as mudanças pelas quais as diferentes línguas passaram no seu percurso a partir da língua-mãe comum.

Ferdinand de Saussure, no início do século XX, voltou-se contra esses estudos e defendeu que a Linguística deveria optar pela análise sincrônica, em oposição à diacrônica. Mattoso Câmara (2005), em consonância com essa posição, descreve uma das incoerências da análise diacrônica. Em latim clássico, havia o verbo *edo*, "comer", do qual se derivou *cumedo* (prefixo *cum* + *edo)*. Tomando-se o infinitivo *cumedere*, por meio das leis fonéticas, explicam-se a síncope da consoante sonora e a consequente crase dos "ee", além da queda da vogal final, como ocorreu em todos os infinitivos do português, o que gerou a forma "comer". Na perspectiva diacrônica, chega-se, portanto, à constatação de que "comer" seria um caso excepcional, na língua portuguesa, de verbo que não tem radical, mas um prefixo em seu lugar. A partir do significado do prefixo, o verbo significaria "fazer alguma coisa – seja ela qual for – em reunião". Da mesma forma, as desinências número-pessoais *-i* e *-u* marcam, respectivamente, a primeira e a terceira pessoas do singular do pretérito perfeito do indicativo em português (sendo que *-i* também se apresenta no futuro do presente do indicativo: "amarei"), embora se originem da desinência modo-temporal latina *-vi*. O que se nota, em ambos os casos, é que um elemento mórfico pode sofrer alteração em seu *status* com o decorrer do tempo.

Essas incongruências tiveram influência no declínio do modelo diacrônico. Além disso, como ressaltava Mattoso Câmara (op. cit.), toda análise histórica é incompleta, porque não se conhece toda a história da língua, mas apenas parte dela. O desenvolvimento dos estudos na área da Sociolinguística Variacionista revigorou o interesse pela questão da mudança linguística, motivando os pesquisadores da área a voltarem os olhos para as fases pretéritas das línguas modernas.

O propósito de proceder à descrição de línguas as mais diversas e a busca por um elemento mínimo que atendesse às necessidades dessa descrição transferiram o foco das atenções da palavra para o morfema. A análise morfológica, segundo a abordagem estruturalista, assenta-se nesse conceito de unidade mínima significativa da língua, visando ao estudo dessas unidades e das combinações em que podem ocorrer. O cotejo dessas unidades permite a distinção entre as que possuem significação extralinguística e pertencem a um inventário aberto e as que expressam noções gramaticais, como gênero, número, tempo e pessoa e pertencem a um inventário fechado. Os morfemas lexicais pertencem ao inventário aberto e servem de base nos processos de derivação e flexão. Segundo esses processos, a Morfologia pode ser dividida em flexional e derivacional (ou lexical). Em português, os elementos que servem à flexão ocorrem sempre depois dos que servem à derivação.

Os processos morfológicos atendem ao princípio da economia da língua, que permite a expansão do léxico a partir de material já disponível. Dessa forma, a entrada de “cartum” no português propiciou a derivação de “cartunista”, sem que fosse necessária a criação de um item sem ocorrência anterior no léxico.

O problema central da abordagem estruturalista, como sustenta Basílio (1987), reside em estabelecer uma relação biunívoca entre o morfema e o significado, uma vez que as palavras apresentam um significado global, que não corresponde necessariamente à soma das partes. Não é possível, a partir dos elementos componentes de “corredor”, chegar-se ao sentido de “parte de uma construção que liga dois ou mais cômodos”, assim como os itens constitutivos de “cabeceira” não levam o falante a inferir o significado de “lugar onde nasce o rio”. Da mesma forma, em “amadurecer”, a noção de incoação recai totalmente no sufixo *-ecer*, não sendo possível estabelecer qualquer significado ao prefixo *a-*. A ausência do prefixo em outros derivados, como “favorecer”, por exemplo, comprova que se trata de um morfema supérfluo na formação de verbos em *-ecer*.

Há, também, casos em que uma forma é recorrente, porém não parece estar ligada clara e diretamente a qualquer significado, como ocorre a

elementos como “-*gred*-”, presente nos verbos “agredir”, “progredir”, “regredir” e “transgredir”, “-*duz*-”, que se depreende nos verbos “abduzir”, “aduzir”, “conduzir”, “deduzir”, “induzir”, “introduzir”, “produzir”, “reduzir”, “seduzir”, “traduzir” e derivados destes e “-*cess*-”, presente nos substantivos “acesso”, “excesso”, “processo”, “recesso”, “retrocesso” e “sucesso”.

Outra questão que interfere na relação entre morfema e significado, que é de interesse especial para este trabalho, é o fato de que alguns morfemas podem carregar consigo elementos avaliativos, o que resulta em que alguns falantes prefiram, por exemplo, “homossexualidade” a “homossexualismo”, por julgar que este contém traço depreciativo que não se percebe naquele. Não se trata, simplesmente, de explicar o fenômeno atribuindo o valor depreciativo ao sufixo, dado que esse valor não se percebe, por exemplo, em “darwinismo”.

Como, na análise que se seguirá, o interesse recairá nos vocábulos cujos processos de formação estão na consciência do falante – ainda que de forma intuitiva –, não se recorrerá a análises diacrônicas.

Finalmente, como palavras finais deste referencial teórico, faz-se necessário observar que os diferentes ramos do saber linguístico aqui tratados não servirão de base a análises de aspectos isolados, uma vez que, além do vínculo entre os elementos morfológicos e os efeitos estilísticos a eles associados, podem relacionar-se, também, os diferentes níveis de fala e a ocorrência de vocábulos expressivos, de modo que, como se perceberá, nas conversações mais espontâneas, em situações informais de interação, essas ocorrências são bem mais numerosas, ou seja, será possível se comprovar o pressuposto de que uma variação sociolinguística (diafásica) é determinante quanto ao estilo.

As situações de interação mais distensas são, em geral, os diálogos entre dois informantes, pois ocorrem entre falantes que se conhecem e frequentemente têm grande conhecimento compartilhado. Em seguida, vêm as entrevistas, nas quais não há a mesma proximidade entre entrevistador e entrevistado e, finalmente, as elocuções formais. Esse fato permite que também se associe a ocorrência de vocábulos expressivos a uma questão relativa à Análise da Conversação, que é a dos *papéis conversacionais*. Desse

modo, pode-se relacionar o estilo à simetria ou assimetria – em maior ou menor grau – da conversação.

3. A formação de palavras expressivas na norma urbana culta de São Paulo

É sabido que a língua portuguesa se formou a partir do latim vulgar, que chegou à Península Ibérica com a expansão do Império Romano, o qual anexou o território da Lusitânia, como província romana, no século II a. C. Após a queda do Império, na ausência de instituições que garantissem a unidade do idioma, o latim deu origem às chamadas línguas românicas, entre as quais a língua portuguesa. No princípio, por volta do século XII, o português era ainda uma língua ágrafa, uma vez que os documentos eram redigidos em uma variedade estropiada do latim, conhecida como *latim bárbaro*, no qual, porém, já se notava a presença de vocábulos de uma forma arcaica da língua portuguesa. Os primeiros documentos escritos em português (escritos em uma variante conhecida como *galego-português*) de que se têm conhecimento têm como suporte um léxico limitado, herdado do latim vulgar por via popular, ao qual se adicionaram vocábulos de línguas finítimas, como o provençal, o castelhano e o árabe, dado que os mouros dominaram a Península Ibérica entre 711 e 1492.

À medida que a sociedade se torna mais complexa e, conseguintemente, passa a exigir um cabedal linguístico mais amplo, inclusive para a expressão literária, a insuficiência de uma língua de camponeses medievais é suprida, inicialmente, com a incorporação de palavras que vêm, por via erudita, diretamente do latim clássico, como os superlativos, introduzidos no século XVI, muitos dos quais introduzidos por Camões, como ensina Coutinho (1976). A partir dessa fase, passa-se a designar o idioma como *português moderno.*

O léxico da língua portuguesa provém, portanto, basicamente, do latim, seja pelo exercício diário dos falantes (via popular), seja pelo esforço intelectual dos escritores e estudiosos (via erudita), seja, indiretamente, pela incorporação de vocábulos latinos provindos de outras línguas novilatinas, como o italiano, o francês e o espanhol. A participação de palavras de origem grega, no repertório do português, embora significativa, ocorre, em geral, de forma indireta, tendo,

como mediação, o latim clássico, além dos radicais gregos, cujo emprego se restringe, quase exclusivamente, às nominatas científicas.

A interação entre culturas diferentes acabou por refletir-se no idioma, de modo que o léxico português contemporâneo é composto de uma grande diversidade de línguas, sejam ou não indo-europeias, como o francês, o espanhol, o alemão, o inglês, o japonês, o árabe, o chinês, o russo etc., cuja influência se restringe, em regra geral, ao repertório lexical e é imperceptível nos níveis sintático, fonológico e morfológico. A variedade americana da língua recebeu, ainda, influências das línguas nativas, particularmente do tupi, e de línguas africanas.

Com a expansão ultramarina portuguesa, o idioma chegou às colônias da América, da África e da Ásia, entrando em contato com línguas locais e originando a formação de *pidgins* e de línguas crioulas, que se tornaram línguas maternas em algumas colônias.

Além das palavras que vieram da língua-mãe e de outros idiomas, há palavras que se formaram na própria língua portuguesa por meio dos processos que permitem que se criem novos itens do léxico a partir do material já existente.

Basílio (1987), ao tratar da formação lexical, distingue três motivos pelos quais se formam palavras. O primeiro deles é a mudança de classe gramatical (apontada como função principal da derivação sufixal), como em “gostoso”, que permite utilizar o significado do substantivo “gosto” dentro de um contexto que exige um adjetivo. Esse processo pode repetir-se várias vezes, sempre seguindo preceitos rígidos, como em “norma” (substantivo) > “normal” (adjetivo) > “normalizar” (verbo) > “normalização” (substantivo). Como há palavras formadas a partir de outras da mesma classe, cabe adicionar um segundo motivo, que é o acréscimo semântico, que ocorre nas derivações prefixais e em algumas derivações sufixais, como nos substantivos aumentativos e diminutivos. No entanto, o principal motivo da formação de palavras – que abrange os dois anteriores – é que ela facilita a memorização, uma vez que, ao se formar um advérbio, como “claramente”, são tomados dois itens lexicais cujo significado já é conhecido, para se chegar a um terceiro com o sentido de “de modo claro”, evitando-se o acréscimo de inúmeros itens lexicais novos todas as

vezes que se necessite, por exemplo, utilizar um advérbio como o citado. Cabe acrescentar que, para esse motivo de “economia linguística”, contribuem, em grande parte, os compostos. Por exemplo, algumas espécies animais dividem-se em centenas, milhares, milhões e até bilhões de subespécies, que, em geral, são designadas a partir do nome genérico, como “tubarão-branco”, “tubarão-azul” etc., ou por semelhança a outra espécie mais conhecida, como “elefante-marinho”. Outras são designadas por associação de sua forma de comportamento ou aparência a algum objeto ou outro animal, como “estrela-do-mar”, “louva-a-deus”, “beija-flor”, “bicho-preguiça” etc. Em alguns casos, combina-se, ainda, o nome genérico e uma das associações citadas, como “tubarão-martelo”, “tubarão-baleia” etc.

Seja para mudar a classe da palavra, seja para lhe acrescentar um significado novo, todas as formações de palavras servem tanto a objetivos intelectivos quanto a afetivos. Para ilustrar: visto que um sufixo como *-al* tem valor afetivo neutro, por exemplo, em “explicação gramatical”, aos detratores da Gramática, para manifestar sua aversão a esse ramo do conhecimento, parece mais interessante substituí-lo por outro que carregue uma carga depreciativa, optando por “explicação gramatiqueira”. Da mesma forma, uma vez que o sufixo *-dor* tem função meramente intelectiva para expressar “agente” – como em “operador” –, é natural que se opte por outros sufixos de valor afetivo na formação de “fujão”, “chorão”, “encrenqueiro”, “fofoqueiro” em vez de “*fugidor”, “*chorador”, “*encrencador” e “*fofocador”. Caso não se queira recorrer a um processo sintático para expressar a intensificação, como em “muito inteligente”, ou ao acréscimo de um sufixo, como em “inteligentíssimo”, a derivação prefixal pode fornecer diferentes opções ao falante quanto ao grau de intensificação, como “superinteligente”, “hiperinteligente” ou “ultrainteligente”. O prefixo *mega-* tem sido empregado na formação de aumentativos, acrescentando à base não apenas a ideia de grande; mas, antes, a de proporção colossal, como em “megaoperação” e “megashow”. Cardoso (2010) observa que a formação de palavras visa, muitas vezes, antes a finalidades expressivas que à necessidade de preencher um vazio existente no léxico.

Todos os processos de formação de palavras apresentam, portanto, vasto potencial expressivo. Neste capítulo, será feita a análise dos efeitos

expressivos obtidos por meio das formações de palavras a partir do *corpus* do Projeto NURC/SP.

3. 1. Composição

O conceito de composição que se encontra nos dicionários e gramáticas da língua portuguesa é, com pequenas variações, de processo de formação de palavras por meio da reunião de dois ou mais morfemas lexicais que passam a exprimir conceito novo e único e, não raro, desvinculado do sentido de cada um de seus componentes. Há os compostos formados por elementos de origem grega e latina, que só se apresentam em composições, como “polifonia” e “ensiforme”. Estes, geralmente, são próprios da linguagem culta ou científica. Alguns são herdados das línguas clássicas, enquanto outros são de formação vernácula. Há outros que são formados por elementos que também se apresentam isoladamente na língua, como “salário-família”, “cartão-postal” etc. Segundo esse modelo de análise tradicional, os elementos da composição, na escrita, poderiam apresentar-se juntos, do mesmo modo que um vocábulo simples, como “girassol”, ou ligados por hífen, como “guarda-chuva”. Esse entendimento adota o inconveniente princípio da *convenção* ortográfica como critério. A artificialidade dessa norma, já a percebera Said Ali (1964: 259), que, em sua *Gramática Histórica*, advertia:

> Não há ortografia uniforme para as palavras compostas; umas quer a convenção que se escrevam reunindo os termos em um só vocábulo; outras se representam interpondo o traço d'união; para outras finalmente é costume escrever os termos separadamente como se não houvesse composição alguma.

Os compostos do último grupo são identificados nos dicionários e gramáticas, em geral, pelo termo “locução”, cuja definição é vaga e não o diferencia de composição.

O mesmo autor notou, também, que os compostos são procedentes de enunciados que não se distinguiam de grupos sintáticos ordinários, tendo sofrido reduções ao longo de seu percurso dentro do idioma, até que, por fim, se lexicalizaram, de modo que vocábulos como “saca-rolhas”, “beija-flor” e “ganha-pão” vieram à luz a partir de expressões como “objeto que saca rolhas”, “ave que beija flor” e “ofício com que se ganha o pão”, aos quais coube ocupar espaço vago no idioma devido à ausência de vocábulo apropriado. Desse modo, uma vez que a composição é o ponto de chegada de um processo de lexicalização, é compreensível que, em relação a grupos sintáticos que se encontram em diferentes graus desse processo, haja, em muitos casos, desacordo entre linguistas sobre a partir de que momento ocorreria a passagem de grupo sintático para vocábulo composto (op. cit.: 262-263). A formação do plural dos compostos, que se explica por meio de um processo sintático – a concordância –, pode servir de argumento favorável à visão do antigo mestre de que se trata de um fato circunscrito ao campo da Sintaxe e não ao da Morfologia.

O assunto voltou a ter um tratamento mais aprofundado em Mattoso Câmara (2005: 69-71), que, para estabelecer o conceito de *vocábulo formal*, parte da doutrina do linguista norte-americano Leonard Bloomfield de *formas livres* e *formas presas*, às quais acrescenta as *formas dependentes.* O autor demonstra claramente que, pelo critério da inseparabilidade, um vocábulo composto, como “guarda-chuva”, insere-se tão adequadamente no conceito de vocábulo formal quanto um simples, formado por uma única forma livre, como “luz”. Cabe lembrar que vocábulos como “fidalgo” e “talvez”, ainda que, por meio da etimologia, se possa chegar a uma reunião de morfemas, não podem ser considerados compostos, pois a noção de composição se apresenta obliterada e, se assim se procedesse, teria de ampliar-se consideravelmente o rol, com a inclusão de muitos outros como “privilégio”, “ourives”, “ofício”, “locupletar” etc. Herculano de Carvalho (1974: 524) observa que, mesmo em certas palavras cujos elementos podem parecer claramente recuperáveis, a consciência da composição varia de falante para falante. Isso explicaria o fato de o plural de “corrimão” ser mais frequentemente “corrimões” do que “corrimãos”.

Lapa (1975: 92), em consonância com Said Ali, exemplifica da forma a seguir a origem dos compostos:

> Ao princípio, dir-se-ia: “Tinha as mãos cheias de flores”. Depois, pela frequência do emprego e um pouco de imaginação, os dois termos fizeram corpo um com o outro e começou a dizer-se: “Atirou-lhe *mãos cheias* de flores”. Os dois nomes andam hoje intimamente soldados; a tal ponto que já *mão-cheia* se diz e escreve simplesmente *mancheia* (destaques do autor).

Kehdi (2003) defende a ideia de que alguns compostos se explicam por meio do conceito de *translação* de Tesnière, em que um substantivo pode funcionar como determinante de outro. Esse fenômeno pode ocorrer mediante o emprego de um *translativo*, que pode ser uma preposição como, por exemplo, em “caderno *de respostas*” ou um *translativo* ø (zero) como em “saia *rosa*”, “camisa *violeta*” etc. Em compostos de substantivo + substantivo, como “açúcar-pedra”, “café-concerto” e “salário-família”, pode-se postular a presença de um translativo subentendido (açúcar em pedra, café com concerto e salário para a família). Essa postulação pode ser confirmada, levando-se em conta as formas plurais “açúcares-pedra”, “cafés-concerto” e “salários-família”, uma vez que não há relação de concordância entre os elementos, embora as formas “açúcares-pedras”, “cafés-concertos” e “salários-famílias” também sejam registradas pelos dicionários e pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Em outros casos, como “redator-chefe” e “cirurgião-dentista”, pode-se propor que os elementos se apresentem coordenados, o que explicaria as formas plurais “redatores-chefes” e “cirurgiões-dentistas”.

É de longa data que se discute se a prefixação deve ser considerada um processo de composição ou de derivação. O argumento favorável à ocorrência do primeiro processo tem como base o fato de que prefixos como *a-, ante-, com- (con-, co-), contra-, de-, entre-, sob-, sobre-, tras-* ocorrem também como formas dependentes; e outros, como *ab-, ad-, en- (e-, em-), ex-, in-* (posição interior)*, intro-, ob-, pós-, pró-, sub-, trans-, retro-, per-, justa-, circun-, ultra-, super-, extra-*, têm origem em advérbios e preposições latinas. Em oposição a tal análise, pode-se argumentar que não há registro de que *dis-, re-* e *in-*

(negação) tenham sido preposições ou advérbios latinos. A relativa independência de alguns prefixos também pode ser observada em relação ao sufixo *-mente*, que, além de se ligar etimologicamente a um substantivo (< latim *mens, mentis, f.*), estabelece, em geral, relação de concordância com o adjetivo a que se apõe e pode ocorrer, ao contrário de outros sufixos, em formas como “rápida e competentemente”. Esses fatos determinaram que, em análise diacrônica, se postulasse que vocábulos que contêm esse sufixo fossem considerados compostos. O mesmo fato está na raiz do desacordo a respeito de elementos como *-mirim* e *-guaçu*, ora tratados como sufixos, ora como morfemas lexicais. Herculano de Carvalho (op. cit.: 549), a esse respeito, observa que outros sufixos, como *-(z)inho* e *-(z)ito*, também possuem certa independência, já que, em vocábulos formadas por eles, ocorre uma espécie de “concordância interna” que aproxima vocábulos que contêm esses sufixos de grupos sintáticos. Confrontem-se “bonzinho”, “boazinha” e “balãozinho”, “balõezinhos”, nos quais se repetem, no sufixo, as marcas de feminino e de plural que se mantêm no vocábulo primitivo. A postulação de que, por intermédio dos prefixos, se formam vocábulos derivados também gera problemas em se estabelecer o *status* de elementos pouco recorrentes e improdutivos na língua contemporânea, como o *se-* que figura em vocábulos como “segregar”, “seduzir”, “semovente” (em princípio, “que se afasta”) e que pode ser depreendido dos confrontos entre esses vocábulos e cognatos, como “agregar”, “congregar”, “aduzir”, “abduzir”, “conduzir”, “introduzir”, “produzir”, “traduzir”, “movente” etc.

Ao tratar dos *sintagmas fixos*, Herculano de Carvalho (op. cit.) descreve as propriedades que permitem reconhecer esses elementos, que, geralmente, são tratados, em Morfologia, por compostos. Note-se que são as mesmas propriedades que normalmente são atribuídas a um vocábulo simples, constituído, por exemplo, de uma forma livre e uma forma presa, a saber: a ordem é fixa: “amor-perfeito” não admite a inversão “*perfeito-amor”, da mesma forma que não se podem reagrupar os elementos constitutivos de “desserviço”, por exemplo, em “serviço + des”. Não é aceitável a inserção de qualquer elemento entre os componentes do vocábulo composto, de forma que o composto presente em “estrada de ferro abandonada” não pode ser

recombinado em "*estrada abandonada de ferro". Da mesma forma, os elementos não podem ser substituídos ou suprimidos, como em "*amor-imperfeito" por "amor-perfeito" ou "estrada de aço" por "estrada de ferro", ou ainda "*colhi amores *ø*" ou "*colhi *ø* perfeitos" por "colhi amores-perfeitos". Da mesma forma, um vocábulo simples, como "cantamos", não admite interposições entre seus elementos *cant-* + *-a-* + *-mos*. Note-se que, em "cantaremos", a desinência modo-temporal *-re* ocupa a posição de um morfema zero em "cantamos"[4]. Outro critério é o da flexão. No *sintagma livre* "beija flores" – até aqui tratado como grupo sintático –, que ocorre no enunciado "aquele passarinho beija flores", a flexão de plural seria "aqueles passarinhos *beijam* flores", enquanto, no sintagma fixo "beija-flor", a flexão é "beija-flores". Finalmente, os sintagmas fixos comportam-se sintaticamente de forma idêntica aos vocábulos simples, o que permite, por exemplo, a comutação de "colhi amores-perfeitos" por "colhi violetas", ou "admiro a estrada de ferro" e "admiro a pista". No português do Brasil, em nível informal, é recorrente a comutação entre "estrada de ferro" e o vocábulo simples "linha" (braquilogia de "linha férrea"). Quanto à nomenclatura utilizada pelo linguista lusitano, esclarece-se que a opção pelo termo "sintagma fixo" é feita para distingui-lo dos vocábulos compostos, que, no entender do autor, se restringiriam aos casos de "pontiagudo", "pernilongo", "planalto" etc., pois deveriam satisfazer ao critério fonético de possuir apenas uma sílaba tônica. Em Biderman (2001), encontram-se também os argumentos da não inserção e da não supressão.

Outros autores, como Basílio (1987), Sandmann (1989a) e Koch e Silva (2003) utilizam-se de critérios semânticos na análise da composição. Há casos em que o sentido de cada elemento permanece nítido, de modo que parece perfeitamente claro que um hotel fazenda é um local que é, a um tempo, hotel e fazenda. Em outros casos, o sentido original pode ser mantido apenas no determinado, como em "banana-maçã" e "peixe-espada". Em catacreses, como "batata da perna" e "cabeça de prego", é o determinante que permanece com o significado original. Há casos, porém, em que o composto se desvincula

[4]A respeito desse critério, deve-se, em português, fazer uma ressalva em relação à mesóclise.

totalmente do sentido dos elementos constitutivos, como em “louva-a-deus” e “dama-da-noite”.

O linguista francês Bernard Pottier propôs o conceito de *lexia*, que definiu como “unidade lexical memorizada”. Esse conceito caracteriza-se por ser muito mais abrangente que o de palavra, vocábulo e mesmo de composição, como se depreende da afirmação de que

> o locutor, quando diz: “quebrar o galho”, “Nossa Senhora!”, “pelo amor de Deus”, “bater as botas”, “barra-limpa”, “nota promissória”, não constrói essa combinação no momento em que fala, mas tira o conjunto de sua “memória lexical”, da mesma forma que “banco”, “livro”... Assim, “pé de cabra” pode ser uma lexia, no sentido de ferramenta, ou o resultado de uma construção sintática de discurso, se se tratar do pé do animal (Pottier, Audubert & Pais, 1972: 26-27).

A seguir, os linguistas classificam a lexia em *simples*, *composta* – que corresponde ao que entendemos por vocábulo simples e vocábulo composto – *complexa estável*, como “a punhaladas”, “ponte levadiça”, “estado de sítio”, “mesa-redonda”, “recém-nascido”, “mortalidade infantil”, “estação espacial”, “Cidade Universitária” etc. e *textual*, como “quem tudo quer tudo perde” etc. (op. cit.: 26). A verdadeira contribuição do autor, aparentemente, está em trazer para o campo de investigação a fraseologia, uma vez que as frases cristalizadas estão cingidas por sua postulação. As lexias simples, ao que parece, já estão bem assentadas desde Bloomfield e Mattoso Câmara. Há, no entanto, certo espaço nebuloso quanto aos limites entre as lexias compostas e as lexias complexas estáveis, que tem levado alguns autores a contestar a legitimidade da distinção (cf. Martins, 2002). O método exposto por Herculano de Carvalho (1974), que anteriormente foi aqui sintetizado, permite incluí-las no grupo dos compostos (sintagmas fixos) sem outras distinções. Pottier (1974), no entanto, posiciona as lexias complexas no espaço dos elementos em via de lexicalização, ou seja, a meio caminho entre os grupos sintáticos ordinários e os vocábulos compostos.

Benveniste (1999: 147) baseia sua análise na afirmação de que os compostos devem ser considerados sob a óptica da Sintaxe e não da

Morfologia, uma vez que se originam dos enunciados. Esse princípio não se aplica apenas aos compostos de verbo + complemento, e o autor defende que a lógica entre os elementos é essencial à analise. Tomando como exemplo "papel-moeda", observa que, em tais compostos, o primeiro elemento é sempre o que nomeia o ser; e o segundo, o que o especifica. O objeto pertence à classe do primeiro elemento e é determinado pelo segundo. Ainda que haja uma disjunção, pois papel não é uma espécie de moeda, a relação entre ambos é de semelhança, ou seja, papel-moeda é "um papel que é moeda", ou que tem valor equivalente ao dela.

O mesmo autor propõe o termo *sinapsia* (em grego, "junção, conexão, coleção de coisas unidas"), para se referir a um tipo específico de composição com certas características próprias, a saber: a relação sintática (e não morfológica) entre os elementos, o emprego de conectivos para estabelecer essa relação (em português, o mais comum é "de"), a ordem fixa dos elementos (determinado + determinante), a forma léxica plena dos elementos componentes, a ausência de artigo diante do determinante, a possibilidade de expansão e o caráter único e constante do significado. Dessa forma, poder-se-ia dizer que, enquanto em "papel-moeda" há uma composição, em "estrada de ferro" há uma sinapsia. Benveniste justifica a necessidade de se diferenciar sinapsia e composição – mesmo admitindo que aquela seja um tipo desta –, argumentando que a primeira é o processo mais produtivo de renovação do léxico da língua contemporânea e o mais comum em formação de vocábulos da linguagem científica, embora se possa argumentar em contrário, uma vez que algumas das características da sinapsia também são observáveis em outros tipos de composições. Dubois (2004: 374-375) adverte que a lexicologia deve dar conta do fenômeno da sinapsia, por ser um fenômeno que sempre origina – seja no francês, de que trata o autor, seja no português – novas formações no léxico do idioma.

De tudo até aqui exposto, conclui-se que a composição é um fato cujo tratamento deve ser muito mais amplo do que aquele que lhe é dado pela análise tradicional, pelo fato de ser um fenômeno extremamente produtivo em português e de grande potencial expressivo. Cabe acrescentar que, na análise

que se seguirá, para se evitar o excesso de nomenclatura, as diferentes formas de composição acima citadas, serão tratadas apenas como “compostos”.

Embora possa parecer menos produtivo do ponto de vista da linguagem afetiva do que o processo de derivação, a composição tem sido um processo expressivamente prolífico no português, sobretudo na língua oral, em que têm surgido vocábulos como “cracolândia” (< inglês *crack* + -o- + -lândia), cujo elemento final tem servido, segundo Houaiss (2009: 1720), para a formação de “palavras *ad hoc* de valor afetivo e pitoresco, como *pagolândia*, *gurilândia*, *brotolândia*, *bostolândia* etc., pelo menos no Brasil”. Em outros casos, ocorre o emprego de elementos de composição eruditos que, por vezes, sofrem mudança do sentido original, como em “fumódromo”, “camelódromo”, “sambódromo”, “brinquedoteca”, “discófilo”, “cinéfilo”, “olhômetro”, “impostômetro” etc.

Grande parte dos compostos com finalidades expressivas, no entanto, seguem o modelo de composição próprio das sinapsias, sendo significativo o número de compostos que possuem elementos cujo sentido se refere a partes do corpo. Em muitos casos, encerram metáforas, como “cara de pau”, “mão de vaca”, “unha de fome”, “dedo duro”, “pão duro”, “cdf”, “aeroporto de mosquito”, “mão de ferro”, “perna de pau”, “cabeça de vento”, “estômago de avestruz”, “estômago de tubarão” (D2/158, NURC/RJ), “cérebro de ameba”, “boca dura”, “boca de siri”, “canela de vidro”, “dor de cotovelo”, “boca do estômago”, “carne de pescoço”, “olhos de águia”, “olho da rua”, “boca suja”, “língua comprida”, “língua de trapo”, “sangue de barata”, “pai dos burros”, “mão leve”, “testa de ferro”, “pé de chinelo”, “pé rapado” etc.

Outro tipo de composição, que vem recebendo várias denominações, como cruzamento vocabular, *blend*, mistura, fusão vocabular, palavra entrecruzada, amálgama, mesclagens lexicais e outras, tem-se difundido bastante recentemente como forma expressiva de se alcançar um efeito cômico. Basílio (2003: 1) observa que

> o cruzamento vocabular pode ser considerado como um tipo de composição, na medida em que sua formação envolve duas palavras, e o processo correspondente

> envolve o mecanismo de formar uma nova palavra cujo significado e forma final decorrem diretamente da combinação de duas palavras.

Outros autores, como Cardoso (2010), defendem que os cruzamentos devem receber uma classificação à parte dos compostos, uma vez que, ao contrário destes, aqueles implicam uma alteração profunda na estrutura do vocábulo.

Em alguns desses compostos, os elementos se ligam por coordenação ou têm por base semelhanças fonéticas, como “trêbado”, “pânceps”, “apertamento”, “tricha”, “burrocracia”, “chocólatra”, “lixeratura”, “paitrocínio”, “miserite”, “showmício”, “brasiguaio”, podendo indicar, também, posição intermediária, como “portunhol”, “namorido”, “chafé”, “batatalhau”. Em outros, substitui-se um fragmento por outro que se liga, semanticamente, a ele (de fato ou supostamente), como em “bebemorar” e “carreata”.

A seguir, apresentam-se exemplos de composições com objetivos expressivos retirados dos inquéritos do Projeto NURC/SP.

No seguinte passo, extraído de aula universitária, temos um exemplo de composição por meio da repetição do substantivo:

Exemplo 15

> as línguas... têm estruturas muito diferentes eu falei... no caraíba... no no caraíba das Antilhas que eu cheguei a conhecer um pouco... essas... línguas... polissintéticas aglutinantes... em que a palavra desaparece como **palavra-palavra**... e inclui aquilo que nós chamamos comumente de verbo... inclui... variantes de local... de tempo de privação... ou de adjunção... enfim a palavra é uma frase em si (EF/124, linhas 367-374).

A repetição que se dá em “palavra-palavra” ocorre com a formação de um substantivo composto por redobro (como o percebeu o transcritor) formado por substantivo + substantivo, em cujo elemento redobrado ocorre *translação* de substantivo a adjetivo (tal qual em “maçã” no composto “banana-maçã”, por exemplo). O segundo elemento da composição tem a função de delimitar, de restringir o sentido do primeiro. Segundo Koch (2009: 144), o objetivo desse tipo de repetição é de expressar “o significado por excelência do termo que se repete, isto é, seu significado tomado no mais alto grau de exatidão". Assim, “palavra-palavra” equivale a “palavra ‘real’”, “aquilo que chamamos de palavra” ou ainda “a palavra como a conhecemos”. Essa formação *ad hoc* tem a função de deixar claro que a “palavra”, no caraíba, por conter um grande número de elementos mórficos, não se assemelha ao que um falante do português entende por palavra, ou seja, não é uma “palavra-palavra”. Seguindo o princípio de Said Ali (1964) – e de Benveniste (1999) – de que os compostos se originam de grupos sintáticos, pode-se subentender em “palavra-palavra” o grupo “palavra que é (realmente) palavra”.

Em exemplo de formação semelhante, ocorre a composição “professor professor”, empregada para diferenciar o profissional formado especificamente para lecionar de profissionais de outras áreas que lecionam e mantêm uma atividade profissional paralela:

Exemplo 16

Doc. eu tenho impressão
que isso é mais ligado aqui NÉ? ( ) mas isso o professor
que não é professor entende? formado e tal é um... um
profissional que então vem dar aula daQUIlo que
ele faz entende?
L2 que ele entende ele está habituado a mexer
[
Doc. agora... e o **professor professor**
mesmo... formado entende? esse você acha que... qual é

o campo deles como é que eles::... podem se virar por aí...
(D2/ 62, linhas 1589-1597).

Note-se a presença do enfatizador “mesmo”, empregado para reforçar a distinção que o falante estabelece. O fato de o transcritor, desta vez, não ter grafado a palavra como um composto ligado por hífen, ao contrário do exemplo anterior, ilustra a afirmação de Herculano de Carvalho (1974) de que a consciência de composição varia de um falante para outro. Assim como o exemplo anterior, a formação equivale ao grupo sintático “professor que é (realmente) professor”.

Em outro exemplo, a locutora responde a uma pergunta sobre que tipo de carreira é adequado às mulheres:

Exemplo 17

L2 né? quer dizer eu acho que isso in/independeria da
da... variaria de acordo com a com a::... com o dom de
cada pessoa com o interesse de cada pessoa né? mas eu
acho o problema PAra... a mulher... dona de casa
a **mulher-mãe** a **mulher-esposa**... é o problema de horários
de adaptar a carreira... com... a a::
[
L1 a casa
L2 com a casa com a administração da casa
[
L1 do lar
(D2/360, linhas 656-664).

Nesse trecho, a locutora defende a ideia de que, em relação à escolha da profissão, não lhe parece que o fato de ser mulher faça muita diferença, identificando uma dificuldade, no entanto, no fato de que a mulher pode – como é o seu caso – ter de acumular tarefas que venham a prejudicar seu desempenho profissional. O recurso às formas compostas explicita muito bem

a oposição que a locutora pretende estabelecer entre ser simplesmente mulher e ser “mulher-mãe” e “mulher-esposa”. A relação entre os elementos da composição é, portanto, paratática, como em “redator-chefe”; e os compostos equivalem aos grupos sintáticos “mulher que é (também) mãe” e “mulher que é (também) esposa”.

A formação de substantivo mediante o redobro de formas verbais (em geral, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo) tem função aspectual. Essa espécie de composição, bastante comum na linguagem coloquial, relaciona-se basicamente ao aspecto *durativo* e ao *iterativo*, como se pode observar no exemplo que segue:

Exemplo 18

> então é um **corre-corre** realmente... não é?... agora eu
> assumi também ... uma:: secretaria de APM...
> lá do colégio das crianças
>
> (D2/360, linhas 165-167).

A finalidade dessa forma de composição é transmitir ideia de recorrência de um fato, exprimindo a noção de repetição do significado por intermédio do emprego repetido do significante.

Koch (2001), em artigo sobre a repetição na língua oral, relaciona vários compostos semelhantes, que a autora divide segundo as funções de iteração, habitualidade e intensificação. São exemplos desse tipo de composição “agarra-agarra”, “bate-bate”, “come-come”, “corre-corre”, “disse-me-disse”, “diz-que-diz”, “empurra-empurra”, “esconde-esconde”, “lambe-lambe”, “mata-mata”, “mexe-mexe”, “pega-pega”, “pisca-pisca”, “pula-pula”, “queima-queima”, “rala-rala”, “rema-rema”, “troca-troca”, as onomatopeicas, como “reco-reco”, “tico-tico”, “tique-taque”, além dos vocábulos expressivos “lenga-lenga” e “lero-lero”. A autora também observa a associação entre a forma repetida e a ideia de repetição da ação por ela expressa.

Seguindo esse modelo de compostos formados por verbos repetidos, a locutora, no trecho que segue, refere-se às cenas de um filme de tema violento como “cenas de mata e mata”, vocábulo criado para atingir o mesmo efeito expressivo de iteração dos demais compostos acima citados. Em seguida, reforçando a ideia de excesso, a locutora emprega o composto “mundo de gente”:

Exemplo 19

> “mas que filme vazio hein?”... achei horrível... outro filme que chocou bastante também... dada as cenas brutas de dede m/ de **mata e mata** que matou um **mundo de gente** foi *Bonnie and Clide* eu acho que foi... não lembro faz tempo que assisti também mas aquele filme saí CANSAda do cinema outro filme ((risos)) ela RI... (DID/234, linhas 386-391).

Acrescenta-se que os compostos citados poderiam comutar com vocábulos simples, como, por exemplo, “cenas de matança” e “matou uma multidão”, mas essas construções podem ter parecido, ainda que inconscientemente, menos expressivas para se atingir a finalidade desejada.

A seguir, apresenta-se um exemplo em que ocorre um composto formado por processo semelhante ao do exemplo anterior:

Exemplo 20

> congestionamento eu principalmente não... deTESto ir para Santos... por vários problemas eu:: não suPORto a:: a Via Anchieta na hora de volta... eu acho que me canso muito mais dirigindo três ou quatro horas de **anda-para anda-para** na estrada com aquele MEdo de levar uma batida atrás... de uma batida de lado... da cerração que vai vir... da chuva que vai cair... do que fica::r sem

sair de casa o sábado e domingo.. ficar em CAsa
(DID/161, linhas 845-852).

Além dos compostos formados por verbos repetidos, também há aqueles formados por verbos que expressam ações contrárias, como “entra e sai”, “perde-ganha”, “vaivém”, “leva-e-traz”, “chove não molha”, “vai-volta”, “sobe e desce”, “bate e volta”, “senta e levanta”, “não ata nem desata” etc. De modo similar aos compostos por repetição, também há a ideia de iteração, porém, nestes, de duas ações que se alternam. A partir desse modelo, o locutor do trecho a seguir forma “anda-para”, recorrendo à repetição de modo a destacar a noção de recorrência das ações.

Provavelmente devido a uma antiga crença de que tomar água com açúcar acalmava as pessoas, acabou por cristalizar-se, na linguagem coloquial, o composto “água com açúcar”, que se observa no excerto a seguir:

Exemplo 21

L2 Agora H. ah:: filme **água-com-açúcar** -- digamos assim -- para a gente ver certas coisas que a gente vê:: americanas principalmente... antes *A Moreninha* né?
(D2/333, linhas 779-781).

O sentido metafórico, como se observa no exemplo, é próximo de “ingênuo”, “singelo”. Já em outro contexto, o mesmo composto adquire valor expressivo diverso:

Exemplo 22

L1 certo? agora em termos de cultura... é muito mais interessante você assistir... essa peça do que assistir... do que assistir talvez o que eu poderia classificar assim uma uma chanchada **água com açúcar**... então... está

> ligado ao quê? a uma divulgação... está ligado
> a um um... conhecimentos preliminares... a discussões...
> (D2/62, linhas 1352-1357).

Como há uma tendência de aproximar-se “ingênuo” e “singelo” de “tolo”, o vocábulo, no trecho anterior, aparece revestido de sentido pejorativo, quando o locutor explica por que, em sua opinião, certos espetáculos teatrais “sérios” não alcançam o mesmo êxito de outros de qualidade inferior, que agradam a um público cuja “bagagem cultural” é insuficiente para apreciar uma peça “de alto nível”. O fato de o transcritor, no primeiro caso, ter ligado os elementos do composto por hífen, enquanto, no segundo, omitiu-se esse sinal, pode revelar, mais uma vez, o modo como a consciência da composição pode variar de um falante para outro, embora a razão para isso possa ter sido, também, um simples erro de transcrição.

A seguir, apresenta-se um exemplo em que ocorre outra forma de repetição

Exemplo 23

> L1 todo mundo se conhecia havia muita muita
> CONfiança muita liberdade... muita::... vamos dizer
> assim muita honestida::de muita sinceridade de
> propósitos... que hoje não existe mais hoje e::ra... o
> comércio era::... digamos o comércio o comércio era...
> **pão pão queijo queijo**... era um termo
> (muito comum)...
> (D2/396, linhas 655-661)

O composto “pão pão queijo queijo” tem a estrutura própria dos provérbios: forma elíptica, ausência de artigos e sentido estável, independentemente do contexto. A repetição, nesse caso, é decorrente da elipse do verbo (pão é pão, queijo é queijo, não são coisas que se confundem). A lexia fixou-se como forma de referir-se a um comportamento rigoroso,

inflexível, intransigente. No trecho, o falante utiliza o composto para referir-se, de modo resumido, ao procedimento das pessoas com quem se relacionava na época em que trabalhava como comerciante. Cumpriam-se prazos, e a palavra dada era sempre honrada.

Outro composto comum em interações em que há uma linguagem distensa é “deus nos acuda”. O vocábulo, como o do exemplo anterior, é desgastado do ponto de vista da expressividade, servindo, no entanto, como indicador de menor grau de formalidade na interação:

Exemplo 24

(O locutor fala de um período de dificuldades da família)

> basta dizer que minha mãe Mesmo grávida de Nove meses
> era ela que... tomava conta da casa SEM empregada lavava
> toda roupa... logo depois que eu nasci... minha mãe teve
> que fazer operação de apêndice... que naquele tempo era
> um::... **Deus nos acuda**
> (DID/208, linhas 30-34).

Com sentido semelhante ao do exemplo anterior, a locutora do trecho a seguir emprega o composto “pedra no caminho”, para referir-se à ausência de um padrão fonológico na televisão brasileira:

Exemplo 25

> e:: uma vez:: que::... nós estamos aqui dando um
> depoimento sobre esse aspecto da linGUAgem... eu já
> enfoquei na nas minhas crônicas da Folha... a **pedra**
> **no caminho** que é a:: a pronúncia tão diferente...
> e mesmo... a maneira de falar as singularidades que
> tem cada região... do país... e ee que... com isso
> constitui numa **PEdra no caminho** quando é passado
> em termos de arte cênica... e no caso da televisão uma vez

que a televisão vai para o Brasil inteiro não é?... ar/
as redes... das grandes emissoras cobrem o Brasil inteiro
(D2/333, linhas 65-74)

É significativo notar-se a quantidade de compostos que remetem a obstáculos, dificuldades ou situações incômodas, como “deus nos acuda”, “bicho de sete cabeças”, “pedra no sapato”, “dedo na ferida”, “pulga atrás da orelha”, “dor de cabeça” e “cavalo de batalha” (D2/255, linha 821), “pé no saco”, sendo revelador, no exemplo anterior, que a falante optou por uma metáfora literária, que, ainda que bastante conhecida, demonstra sua condição de falante culta.

Grande parte dos compostos expressivos é de valor indefinido, de modo que uma pessoa qualquer pode ser o “Zé da Silva” ou o “fulano de tal”. A frequência indefinida com que algum fato ocorre pode ser expressa por “volta e meia” ou “vira e mexe”. O composto “todo o mundo” pode referir-se aos interlocutores a que um falante se dirige em grupo ou a uma quantidade geralmente excessiva de pessoas. Note-se que, nesse composto, há, simultaneamente, uma metonímia, em que se substitui o continente (mundo) pelo conteúdo (pessoas), e uma hipérbole, em que se substitui um grupo limitado de pessoas por todas as pessoas do mundo. Já o composto “não sei quê”, com a variante “não sei o quê”, é empregado para substituir qualquer objeto cujo nome se desconhece ou não se tem interesse em especificar, a exemplo das palavras-ônibus, como “bagulho”, “negócio”, “treco”, “trem”, “troço” etc. Da mesma forma, em diálogos reproduzidos, a composição vale por qualquer fala suposta ou incompreendida, que, geralmente, é atribuída a outrem. Veja-se o exemplo a seguir:

Exemplo 26

homem do tempo... você ouve aí o homem do tempo...
pá pá... fala isso aquilo... não deu nada daquilo ele
chega à noite e fala... “frente fria (constatou)” **não sei**
o que e deu ((ruídos)) bateu voltou não vem nada daquilo

> então ele sempre se desculpa entende?... então nós não podemos nos guiar vai na sorte... entende?
> (D2/62, linhas 93-98)

Além do “você” indefinido, vários elementos contribuem para reforçar o caráter de imprecisão no trecho, como “fala isso aquilo”, “bateu voltou”, a onomatopeia “pá pá” e o composto “não sei o quê”. Todos esses recursos expressivos utilizados servem para sustentar a tese do falante de que, não importa o que digam os meteorologistas – e entende-se que eles falam profusamente –, não se pode confiar neles.

A frequência de ocorrência dessas composições expressivas pode ser reveladora do nível de formalidade dos diferentes tipos de inquérito, uma vez que se observaram trinta e cinco ocorrências de “todo o mundo” nos diálogos, trinta e oito nas entrevistas (vinte e sete apenas no DID/161) e apenas quatro nas elocuções formais. “Não sei quê” (e variantes) ocorreu dezessete vezes nos diálogos, cinco vezes nas entrevistas e apenas uma vez nas elocuções formais. Somados, os dois compostos ocorrem, aproximadamente, sete vezes por hora nos diálogos, seis vírgula seis vezes nas entrevistas e apenas uma vez nas elocuções formais.

A seguir, apresentamos um quadro comparativo.

QUADRO 1 – Ocorrências de compostos de valor indefinido por tipo de inquérito

Elocução formal (EF) (280 min)		Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)		Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)		Total (1117 min)	
N	%	N	%	N	%	N	%
5	5	52	52	43	43	100	100

QUADRO 2 – Ocorrências de compostos de valor indefinido por minuto de gravação divididas por tipo de inquérito

Elocução formal (EF) (280 min)	Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)	Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)	Total (1117 min)
0,018	0,12	0,11	0,09

No *corpus* de controle, observaram-se trinta e nove ocorrências de “todo o mundo” nos diálogos, quatro nas entrevistas e oito nas elocuções formais. “Não sei quê” (e variantes) ocorreu trinta e oito vezes nos diálogos, não ocorreu nas entrevistas e foi observada apenas uma ocorrência nas elocuções formais. A pequena variação que se observa entre entrevistas e elocuções formais nesse *corpus* explica-se pelo fato de que as elocuções formais do Projeto NURC/RJ são compostas apenas por aulas, em que o grau de formalidade é menor que o das conferências.

3. 2. Derivação

Ao contrário da composição, a derivação consiste na formação de palavras a partir de um único radical e abrange diferentes processos, dos quais o mais comum é a derivação progressiva, que ocorre por meio de acréscimo de afixos, que são elementos mórficos (morfemas aditivos) que se prendem a um radical (lexema). Os afixos, em português, dividem-se em *prefixos*, que se antepõem ao radical e *sufixos*, que a ele se pospõem. Por não constituírem enunciados quando isolados, os afixos estão entre as chamadas *formas presas*. Ao contrário de outros elementos mórficos, os afixos são constituídos por um inventário fechado. “Em português, por exemplo, são pouco mais de cinquenta prefixos e aproximadamente cento e quarenta sufixos” (Petter, 2003: 71). “Os sufixos também apresentam significação léxica, mas é mais comum

terem um valor geral e abstrato" (op. cit.). Há, também, os sufixos flexionais, como os formadores de feminino *-esa*, *-essa*, *-isa, -triz* (sincronicamente, também *-ina*). Alguns autores, como Mattoso Câmara (1978: 97), incluem as desinências verbais entre os sufixos flexionais.

Utilizando-se a técnica de depreensão de constituintes imediatos, pode-se dividir uma palavra derivada em dois elementos e, a partir do resultado, determinar o tipo de derivação. Desse modo, tomando-se o vocábulo "infeliz", forma-se um par, com base no critério semântico ("infeliz" significa "não feliz"), com "feliz" e depreende-se o sufixo *in-* e o radical *feliz*, donde se conclui que o vocábulo é formado por derivação prefixal. Da mesma forma, tomando-se "duvidoso", forma-se um par com "dúvida" ("duvidoso" é a característica do que apresenta dúvida) e chega-se ao radical *duvid-* e ao sufixo *-oso*, donde se deduz que o vocábulo é formado por derivação sufixal. Essa técnica tem como vantagem a economia da descrição, uma vez que, quando se tomam vocábulos formados por vários morfemas, como "desincompatibilização", não há necessidade de descrever todos os processos envolvidos na sua formação, mas apenas o último. Como "desincompatibilização" é a ação de desincompatibilizar, chega-se ao radical *desincompatibiliza(r)* e ao sufixo *-ção*, donde se conclui que o vocábulo é formação por derivação sufixal, sem ter de, obrigatoriamente, descrever todos os processos anteriores e, conseguintemente, criar uma designação especial para vocábulos formados por três prefixos e três sufixos, gerando uma nomenclatura extensa e desnecessária (cf. Kehdi: 2003).

Dessa forma, os vocábulos podem ser formados a partir de um radical primário (como *chuv-*, que se atualiza em "chuva" por meio da vogal temática e donde se deriva "chuvisco" por acréscimo do sufixo *-isco*), ou a partir de um radical secundário (como *chuvisc-*, donde se deriva "chuviscar" por acréscimo do sufixo *-ar*), ou ainda de um radical terciário, de um quaternário e assim por diante. Esse procedimento também exclui a desnecessária designação "derivação prefixal e sufixal", que figura na maioria das gramáticas tradicionais e é adotada por autores como Koch e Silva (2003), além de tantas outras que se teria de criar.

Evidentemente, há outros fatores a serem considerados como as vogais e consoantes de ligação e os *alomorfes.* Dessa forma, ao se formar um par entre “língua” e “linguarudo”, depreende-se “língua” e “-rudo”. Confrontando-se, no entanto, o vocábulo com outros que apresentam o mesmo sufixo, como “chifrudo”, “barbudo” etc., nota-se que o “r” não faz parte do sufixo, mas é um elemento de ligação condicionado foneticamente para evitar o desagradável hiato que ocorreria em “*linguudo”, chegando-se, assim, a *língua* + *-r-* + *-udo* (assim como ocorre em “bicharada”, de “bicha”, com alteração da vogal temática, + *-r-* + -ada e “bicharoco”, de bicha + *-r-* + -oco). Por outro lado, não sendo condicionado foneticamente, não se pode analisar o “r” de “endiabrar” como consoante de ligação, mas deve-se recorrer a um radical *diabr-* (também presente em “diabrete”), variante de *diab-*, assim como *diabol-*, que se apresenta em “diabólico”. A análise diacrônica pode explicar a razão dessas formas variantes ou *alomorfes* por meio de metaplasmos. Dado o escopo deste trabalho, não se faz necessário estender-se em exemplos semelhantes.

Alguns lexemas nunca ocorrem sem a presença de formas presas, como *carpint-*, que se apresenta em “carpinteiro”, “carpintaria”, *igni-*, que figura em “ignição”, “ignívoro” etc., *disc-*, presente em “discente”, *nub-*, elemento de “nubente”. Consequentemente, a consciência da derivação, em alguns casos, pode variar de falante para falante. Mais uma vez, pode-se chegar à gênese desses casos pouco comuns por meio de explicação histórica.

Além dos casos de derivação em que há presença de elementos de ligação, a segmentação do vocábulo derivado em três elementos só se faz obrigatória em vocábulos formados por derivação parassintética. Tomando-se novamente o vocábulo “endiabrar”, nota-se que são inviáveis as segmentações *en-* + **diabrar* e **endiabr-* + *-ar*, sendo inevitável a divisão em *en-* + *diabr-* + *-ar.* Nesse processo, por meio do qual se formam verbos e adjetivos, o prefixo tem, na verdade, papel expletivo. Note-se, por exemplo, sua presença em “ensurdecer” e sua ausência em “fortalecer”. Assim, do latim *sal, salis*, formaram-se tanto *salare* quanto *insalare*; do primeiro, provêm o português “salada” e o francês “salade”; do segundo, o espanhol e o galego “ensalada” e o italiano “insalata”. Tomando-se outros exemplos, como “juntar” e “ajuntar”,

“juvenescer” e “rejuvenescer”, “voar” e “avoar”, pode-se confirmar o caráter desobrigatório do prefixo.

Há palavras formadas por derivação nas quais não há acréscimo de prefixos nem de sufixos, como nos casos de derivação regressiva. Segundo Said Ali (1964: 256), esse processo se origina de um erro de raciocínio. Por exemplo, “gajo” foi derivado de gajão (< cigano espanhol *gachó*). Como o vocábulo primitivo é terminado em *-ão*, supôs-se ser um aumentativo e, por conseguinte, que a forma primitiva teria de ser “gajo”. Grande parte dos vocábulos formados por derivação regressiva são os chamados substantivos deverbais, formados pelo radical do verbo acrescido das vogais temáticas nominais *-a, -e* e *-o*, que podem coexistir como em “grito” e “grita”, com especialização de sentido. São comuns, na linguagem coloquial, vocábulos com valor expressivo formados por derivação regressiva, como “boteco” por “botequim”, “portuga” por “português” “delega” por “delegado”, “japa” por “japonês”, “profissa” por “profissional” etc. Estes podem servir de base a novas derivações, como “japinha”. Esse processo não deve ser confundido com a abreviação vocabular, que consiste na redução da palavra, que, em geral, sofre perda dos fonemas finais, visando a uma economia de esforço. Comumente, em palavras compostas, mantém-se o primeiro radical, como em “fono” por “fonoaudiólogo” e “quilo” por “quilograma”. Mais raramente, é o segundo radical que se conserva, como em “fone” por “telefone” ou os dois primeiros, como em “otorrino” por “otorrinolaringologista”.

O processo conhecido como conversão ou derivação imprópria consiste na formação de uma palavra a partir de outra que pertence a classe gramatical diferente, ou seja, ocorre mudança de classe gramatical, sem que haja qualquer alteração na estrutura da palavra. Dessa forma, por exemplo, do verbo “olhar” deriva-se o substantivo que expressa a “maneira ou aspecto de olhar”. Esse fenômeno pode resultar de um processo de gramaticalização, em que um vocábulo se vai, progressivamente, conformando às características da nova classe, como aconteceu com o particípio “salvo”, que, na conversão para conectivo, foi perdendo a propriedade de flexão, resultando na forma invariável que se observa em “todas as amigas foram à praia, *salvo* Júlia”. O particípio “devido”, na expressão “devido a” parece estar a meio caminho da

gramaticalização, alternando realizações como vocábulo variável e como invariável. A conversão, muitas vezes, tem nítido valor expressivo, resultante de metáforas ou metonímias cristalizadas, comuns em linguagem coloquial, que se verificam, por exemplo, quando se diz que alguém é “cabeça”, é “fera”, é “laranja” etc., assim como em compostos como “tamanduá-bandeira” e “mico-leão”.

Alguns autores, como Luft (2002), excluem a conversão dos processos de derivação, por considerarem que se trata de um fenômeno exclusivamente semântico.

3. 2. 1. Derivação sufixal

A derivação sufixal, como se afirmou anteriormente, serve a dois propósitos: à mudança de classe gramatical e à alteração do significado da base. Dessarte, os sufixos podem ser divididos em dois grupos de acordo com essas funções. Uma análise mais profunda revela, no entanto, que alguns sufixos têm as duas funções. Dado o número reduzido de sufixos de que se dispõe em português, que, certamente, é inferior ao de significações que eles devem transmitir, muitos sufixos acumulam, também, traços semânticos, ou seja, são polissêmicos. Dessa forma, um sufixo como *-eiro(a)* pode acrescentar o significado de “agente” em “pedreiro” e “carpinteiro”, de recipiente em “açucareiro”, ambos os anteriores, de acordo com o contexto, em “floreiro”, de gentílico, em “brasileiro” e “mineiro” (este também com significado de “agente”), de coletivo em “formigueiro”, de indivíduo que possui certa peculiaridade de comportamento em “bagunceiro”, de árvore que produz determinado fruto em “abacateiro”, de equipamento com certa finalidade ou que produz efeito semelhante a algo em “britadeira” e “chuveiro” etc. Note-se que, em derivações como “brasileiro” e “verdadeiro”, ao contrário das demais, há mudança de classe gramatical. O fato de os sufixos pertencerem a um inventário fechado explica essa versatilidade.

Assim como um mesmo sufixo tem diferentes significações, há sufixos que desempenham funções idênticas na língua. Houaiss (2009: 1162) registra,

com o significado de “ato ou efeito de enterrar”, os vocábulos “enterramento”, “enterrada”, e “enterração”, além da formação regressiva “enterro”. Geralmente, quando ocorre essa convivência de sufixos diferentes ou de derivação progressiva e regressiva, sucede especialização de sentido decorrente do uso, de modo que, enquanto “preparo” é empregado mais frequentemente para designar o resultado da ação, “preparação” designa, normalmente, o processo; e o substantivo plural “preparativos” indica as ações que antecedem, ou dão início ao processo. Note-se, também, que, no jogo de basquete, a jogada em que o atleta conduz a bola com a mão até a cesta é chamada “enterrada”, mas nunca “enterro” ou “enterramento”.

Do ponto de vista expressivo, pode-se afirmar que alguns sufixos têm maior tendência de figurar em vocábulos de valor afetivo do que outros, mas não é possível simplesmente dividi-los em afetivos e intelectivos. Martins (2008: 80) observa que “o *elemento avaliativo* pode ser *acrescentado* a um lexema *por um sufixo ou prefixo*” (destaques da autora). O sufixo *-ção*, por exemplo, que serve para formar substantivos a partir de verbos, pode, como observa Basílio (1987), encerrar um juízo de valor do falante, como em “bateção”, “encheção” e “falação”, que sugerem que determinada ação ocorre além de um limite do normal ou tolerável. Como a maioria dos sufixos tem, ou pode ter, de acordo com o contexto, valor afetivo, quando se apõe um sufixo a um vocábulo, geralmente acrescenta-se a ele uma valoração. Isso ocorre, por exemplo, quando se emprega “modismo” por “moda”, “psicologismo” por “psicologia”. Casos há em que a opção por um ou outro sufixo pode ser decisiva para o contexto, de forma que, enquanto os vocábulos “baianidade” e “negritude” são empregados para enaltecer as características positivas do natural da Bahia e das pessoas de raça negra, “baianada”, “baianice” e “negrice” são empregados invariavelmente com o objetivo de depreciá-los. Silveira Bueno (1964: 112) chama a atenção para os diferentes efeitos que a escolha entre os sufixos implica:

> Entre os sufixos *eira* e *ora* é necessário ter mais cuidado porque um ou outro pode acrescentar ao tema certa apreciação negativa: *faladeira, faladora; gastadeira, gastadora; lavadeira, lavadora, etc.* (destaques do autor)

Note-se, porém, que a noção pejorativa contida, por exemplo, em “faladeira” – que se associa a “fofoqueira” – não está circunscrita à presença do sufixo, pois, no par “trabalhadeira” – “trabalhadora”, o sufixo *-eiro(a)*, ao acrescentar maior intensidade à ação, adiciona ao vocábulo ideia de apreciação positiva, decorrente da ideia de que o trabalho é tido como uma virtude, portanto o sufixo apenas realça um juízo de valor que está contido na base.

Da mesma forma que os sufixos em geral têm grande número de significados intelectuais, numerosos são seus valores afetivos. Os sufixos aumentativos, por exemplo, podem expressar enaltecimento, como em “carrão” e “golaço” ou ridículo, como em “dentuço”. Tomando-se, por exemplo, o vocábulo “gente”, nota-se que todos os substantivos que dele derivam, como “gentalha”, “gentaça”, “gentama”, “gentinha”, “gentarada” e “gentuça”, possuem, em geral, valor pejorativo, sendo equivalentes a “ralé”, embora “gentinha” possa ter valor de apreço em certos contextos, como, por exemplo, em referência a crianças. Pode-se afirmar o mesmo dos substantivos derivados de “povo”, como “povão”, “povinho”, “povaréu” e “poviléu”. Esse fato pode ser atribuído a uma rejeição cultural aos coletivos, aos quais, muitas vezes, se associam ideias depreciativas. Em alguns casos, as derivações sufixais podem revelar uma gradação de certo valor afetivo. Note-se como o sentido pejorativo parece tornar-se mais intenso ao se comparar “politiquice”, “politicagem” e “politicalha”.

Evidentemente, há sufixos que têm significação puramente intelectual, como *-ema* (de origem grega), empregado com o sentido de unidade mínima em “fonema”, “grafema”, “semantema”, “lexema” etc. Mesmo esses sufixos ainda estão sujeitos a empregos expressivos. Assim, sufixos que, normalmente, produzem derivados próprios da linguagem científica, como *-ite* (também de origem grega), que, em Medicina, tem sentido de “inflamação” (“apendicite”, “gengivite”, “rinite” etc.), podem, na linguagem coloquial, gerar, por analogia, vocábulos de significação pejorativa, como “frescurite”, “paixonite” etc.

3. 2. 1. 1. O sufixo *-aço(a)*

O sufixo *-aço(a)* (< latim *-āceus, -ācea*[5] – Houaiss [2009] menciona o sufixo românico *-atĭu*, *-atĭa* "da natureza de, maior que") é um sufixo aumentativo e, como tal, forma substantivos, como "balaço". Dessa acepção advém, também, a de intensidade, que se observa em adjetivos, como "bebaço" e "caidaço", empregado no sentido de "empobrecido", "sem recursos" ou de "apaixonado", "enamorado". Produtivo no português atual, o sufixo *-aço* figura em neologismos em que intensifica a noção ordinariamente expressa por outros sufixos que expressam ideia de ação ou resultado de ação, como em "tarifaço" e "buzinaço", podendo, da mesma forma que outros sufixos aumentativos, exprimir tanto o desprezo, como em "poetaço", quanto a admiração, como em "mulheraço" (com mudança de gênero), "timaço" (a par de "mulherão" e "timão") e "loiraça", este também depreciativo. O fato de o sufixo poder exprimir tanto uma avaliação positiva quanto negativa explica-se ora em função da base a que se apõe ora em função do contexto. Expressa, também, ideia de golpe em "joelhaço" e de coletivo em "populaça".

O *corpus* do Projeto NURC/SP consigna apenas uma ocorrência do sufixo *-aço*, como segue:

Exemplo 27

(O informante falava sobre o rápido crescimento populacional da cidade de São Paulo devido ao afluxo de migrantes, que vêm suprir a deficiência de mão de obra da capital.)

> mão de obra barata... então isso CHAma... um fluxo de gente para São Paulo... que muita gente quer poDAR... para não crescer mais... ((tossiu)) que a gente não

[5] Cunha (1986).

> importa **ricaço** essas coisa né? **ricaço** vai para o Rio sei lá (D2/343, linhas 120-123).

No trecho, a avaliação positiva de “ricaço” contrapõe-se à avaliação negativa dada às pessoas – geralmente de baixa condição social –, que vêm a São Paulo, para, segundo a proposição do falante, contribuir para o crescimento desordenado da cidade.

3. 2. 1. 2. O sufixo *-ado(a)*

O sufixo *-ado(a)* (< latim *-ātu(s)*,*-āta*) forma substantivos que designam iguarias, como “feijoada” e “bacalhoada”, golpe, como “facada” e “pedrada”, comportamentos próprios de (frequentemente de sentido pejorativo), como “baianada” e “palhaçada”, ações ou resultados, como “chegada” e “jogada”, entre outros. Em derivados com sentido de coleção, adquire, com frequência, sentido pejorativo, como em “negrada”, “parentada” e “livralhada”, embora Lapa (1975) entenda que, no último exemplo, a ideia pejorativa seja determinada pelo sufixo *-alho.*

De qualquer modo, é comum que se associem noções depreciativas aos coletivos. Provavelmente, isso se deve ao fato de que a sociedade atual valoriza o individual e o exclusivo. Sob esse ponto de vista, as coisas serão mais valorizadas quanto mais raras forem, uma vez que, a partir da revolução industrial, artigos idênticos passaram a ser produzidos, diariamente, em escala mundial. Disso decorre que algo personalizado, “customizado” parece mais merecedor de estima do que algo que se encontra “aos punhados” ou “às baciadas”. Por outro lado, também é comum que se associe a ideia de coletivo à de excesso e, por extensão, à de desordem e tumulto.

A seguir, reproduzem-se trechos em que há derivados com sentido de coletivo:

Exemplo 28

L2 eu acho H. mas eu acho também... eu
fico ( ) revoltada com
[
L1 como você não vai...
L2 a influência excessiva por exemplo DO cinema... da
história em quadrinhos... histórias que não têm nada
que ver com (nós) mas absolutamente nada que ver com a
nossa formação... com a nossa história
[
L1 mas olha
L2 com a nossa...
L1 bom isso também... mas isso já
[
L2 e então então vem tudo aquilo de
cambulhada e im/ e im/ im::POSto sobre nós
(D2/333, linhas 186-197).

Apesar da intensa disputa pelo turno, com sobreposições de vozes e descontinuidades, fica claro que a locutora 2 condena a influência da produção cultural estrangeira no Brasil, que considera desvinculada da cultura brasileira além de excessiva. A crítica à desvinculação cultural é enfatizada pelo acento de insistência em “imposto”, em que o trecho transcrito em maiúsculas indica a entonação enfática. A ideia de excesso é acentuada, na diatribe, por meio da presença do derivado “cambulhada”. O vocábulo, que equivale a “cambada”, a partir do sentido de “conjunto de objetos ou pessoas”, adquiriu o de “confusão”, “mistura desordenada de coisas”. No trecho, no entanto, o vocábulo adquire sentido de coleção e serve para exemplificar o valor pejorativo que os coletivos, com frequência, assumem.

Exemplo 29

L1 então... o nazismo... matou:: um:: **cacetada** de:: judeus...

mas também não passa de um por cento... e:: já
podaram o nazismo
(D2/343, linhas 1481-1483).

Exemplo 30

(O locutor vinha falando sobre a construção do metrô de São Paulo.)

L1 então quando foram fazer a Paulista... já tinham gastado
três bi sei lá... **cacetada** de dinheiro...
(D2/343, linhas 376-377),

Nos exemplos acima, nota-se que o derivado “cacetada” (a exemplo de “porrada” e “pancada”), a partir do sentido inicial de “golpe”, adquiriu, também, o de coletivo. Isso se explica pelo fato de que o sufixo formador acumula ambos os sentidos. Nota-se, também, sobretudo no último exemplo, a noção de excesso, que reflete uma avaliação negativa por parte do falante.

Exemplo 31

(O informante vinha falando sobre uma ação judicial que moveu contra a empresa em que havia trabalhado.)

-- naquele tempo não havia correção monetária...
se houvesse a Escola Paulista tinha levado uma
bordoada daquele tamanho -- mas como não havia...
(DID/250, linhas 184-186).

No último exemplo, o derivado “bordoada” manteve o sentido original de “golpe”, porém foi empregado metaforicamente, para exprimir a ideia de “prejuízo”.

No excerto que segue, o derivado exprime ideia de “ação ou resultado de ação”:

Exemplo 32

L1 que:: por mais conscientes não... dão consciência
total... nem... dão força para dominarem total... então...
vai vai vai até dar uma **pifada**... certo? seria interessante
se alguém fizesse experiências diferentes com os lemingues
para ver se... não tem mar o que faria::... sei lá alguma::
mudan::ça de dede esquema... como reagiria
(D2/343, linhas 1625-1630).

Em substantivos derivados de verbos, o sufixo *-ado(a)* tornou-se frutífero, particularmente na linguagem informal, em combinações com o verbo “dar”, gerando perífrases verbais como “dar uma perguntada” (por “perguntar”).

Seguindo esse modelo, o locutor, no exemplo anterior, derivou o substantivo “pifada”.

3. 2. 1. 3. O sufixo *-ão*

Substantivos que apresentavam variadas terminações no caso acusativo do latim convergiram, em português, para a terminação *-ão*, de modo a gerar um sufixo que forma substantivos com significados igualmente variados. Desse modo, o sufixo *-ão* expressa ação em “empurrão”, característica (a partir de substantivos em *-tūdo,dĭnis*) em “vastidão”, coletivos (a partir da mesma terminação) em “multidão”, agente (geralmente com sentido pejorativo) em “brigão”, “fujão”, “chorão” e “beberrão”. É comum a combinação com outros sufixos, como em “santarrão”, “asneirão” e “bobalhão”.

Entre os sufixos aumentativos, *-ão* é, certamente, o mais produtivo na língua portuguesa, de modo que é natural que se prefira, espontaneamente, o

uso de “corpão” por “corpanzil” ou “cabeção” por “cabeçorra”, uma vez que os demais sufixos aumentativos se tornaram praticamente restritos a vocábulos eruditos, sendo *-aço*, provavelmente, a única exceção.

Basílio (1987: 85) destaca as formações de diminutivos e aumentativos como “o caso mais comum – embora não conhecido como tal – de processo morfológico a serviço da função expressiva da linguagem”, ressaltando que há um componente subjetivo nessas formações que não se nota quando o falante opta pelo “processo analítico”, que expressa exclusivamente o tamanho do ser, segundo a autora, de maneira neutra.

Em termos expressivos, o sufixo aumentativo pode revelar a admiração pela grandeza em “jogão” (a par de *-aço*, em “jogaço”) ou por certa característica, como em “fortão” e “lindão”; mas, segundo Lapa (1975: 106), como somos “gente apaixonada, e facilmente vamos dum extremo a outro, não é de surpreender que o mesmo sufixo evoque em nós sentimentos depreciativos”. Desse modo, Martins (2008: 115) faz lembrar que

> o aumentativo, mais frequentemente, tem valor pejorativo, acrescentando ou reforçando um sentido de depreciação, porque aquilo que é de tamanho excessivo é geralmente visto como feio, ridículo, grotesco, desagradável (*bestalhão, grandalhudo, cabeção, vozão, vozeirão, mulheraça, bigodarra, gramaticorra,* etc.).

Segundo Sandmann (1989b: 74),

> pode-se afirmar sem receio que os sufixos de aumentativo e diminutivo **-ão** e **-inho** se prestam hoje mais a expressão do apreço e desapreço – contém, portanto, elementos de emocionalidade – do que à expressão neutra do tamanho grande ou pequeno (destaque do autor).

Das gravações do Projeto NURC/SP, extraíram-se os trechos que seguem:

Exemplo 33

(O locutor vinha falando sobre os problemas das grandes cidades.)

L1 você imagina o futuro... você está no a::alto de um **predião** lá não sei quê... e:: dá uma zebra lá na luz
L2 cinquenta andares
L1 cinquenta andares
L2 fica ilhado
(D2/343, linhas 976-980).

Nesse trecho, o falante expressa sua preocupação pelo excesso de confiança das pessoas no desenvolvimento tecnológico, aliado ao crescimento desmedido das cidades. Em “predião”, há o acréscimo de um elemento avaliativo, que exprime, de modo negativo, a ideia de algo que pode causar um problema incontornável em decorrência de seu tamanho exagerado.

Exemplo 34

dum... dum... dum governo para o outro... muda a lei de zoneamento... eu não vejo funcionar... e mesmo assim seria uma restrição de... desenvolvimento... errado mas já está um **montão** de coisa errada certo?... muito bairro::... residencial com muita indústria dentro
(D2/343, linhas 89-93).

Há várias expressões hiperbólicas empregadas para expressar ideia de abundância, como “penca”, “mundo”, “colosso”, “enxame” etc. No exemplo anterior, “monte”, que, no “grau normal”, já expressa a noção de grande quantidade, tem essa noção expandida pelo acréscimo sufixal. Note-se que a ideia de profusão se associa, comumente, à de desordem, como ocorre no trecho.

3. 2. 1. 4. O sufixo *-ar*

O sufixo *-ar* forma verbos a partir de substantivos e adjetivos. Considerando-se a estrutura de um verbo como “telefonar”, conclui-se que o elemento *-ar* é, na verdade, formado pela vogal temática *-a-* e pela desinência modo-temporal do infinitivo *-r.* Essa análise tem levado alguns pesquisadores a contestar o *status* de *-ar* como sufixo. Do ponto de vista da formação de palavras, no entanto, observa-se que *-ar* tem como função formar um vocábulo de uma classe a partir de um vocábulo de outra classe (telefone + *-ar*), ou seja, tem a mesma função de outros sufixos, como *-izar, -ear* e *-ejar.* A despeito da produtividade de certos sufixos verbais, estes, em geral, não ensejam formações de vocábulos com finalidades expressivas, ainda que a potencialidade sempre exista, como em “malufar”, verbo formado tanto com o sentido de “dar apoio ao ex-governador de São Paulo”, quanto com o de assumir atitudes desonestas como as do citado político, segundo seus críticos. No inquérito D2/343 do Projeto NURC/SP, encontra-se um exemplo interessante de derivação com o sufixo *-ar:*

Exemplo 35

assim é muito difícil de você encontrar... atualmente
encontra no sul da Espanha... que tem aquela...
tradição pesadíssima você encontra mais o quê?
esquizo... e depressão... que no fundo estão muito
ligado né? depressão com esquizofrenia...
talvez porque as pessoas fossem mais próximas... e era
[
L1 talvez por mudança de ambiente
L2 mais fácil mostrar::... sabe não podia mostrar::...
oralmente::... a coisa o que estava sentindo mostrava
através do corpo... e o hoje o isolamento é tal que a pessoa...
sabe **esquiza**... é é é mais sério você **esquizar**
(D2/343, linhas 1352-1362).

A formação do verbo “esquizar” é particularmente interessante, pois revela uma sequência de operações de criação lexical que a falante, muito provavelmente, sem prévia reflexão, realiza, revelando um domínio anteriormente introjetado dos processos ordinários de formação de palavras em português. A partir de “esquizofrenia”, forma-se, por abreviação vocabular, “esquizo” e, a partir deste, o verbo “esquizar”, que é flexionado, segundo o paradigma da primeira conjugação, dando origem à forma “esquiza”, no presente do indicativo.

3. 2. 1. 5. O sufixo *-aria*

O sufixo *-aria* (de *-eiro* + *-ia*) forma substantivos que designam estabelecimentos comerciais, como “papelaria” e “doçaria”, profissões, como “ourivesaria” e “engenharia”, comportamento próprio de (algumas vezes com sentido pejorativo), como em “patifaria” e “pirataria” e coletivos, como “cavalaria” e “prataria”. Como ocorre a outros sufixos coletivos, figura, frequentemente, em vocábulos com sentido pejorativo, como no exemplo que segue:

Exemplo 36

(Perguntou-se ao locutor sobre a aceitação do público em relação ao teatro.)

> olha o negócio é o seguinte teatro... é e não é bem aceito... depende... éh:: por exemplo... tem peças... que são autênticas **PORcarias**... éh lixos do do do teatro de todo mundo são apresentados aqui fazem sucesso e agradam... outras ao contrário fazem um sucesso... enorme em tudo quanto é capital da::... da Europa::... faz sucesso na América... em tudo quanto é canto do mundo e chega aqui no Brasil... não agrada ou então:: sei lá éh::: depende do público da das pessoas que estão assistindo
> (DID/161, linhas 253-262).

O derivado “porcaria”, a partir do sentido de coletivo, adquiriu o de “sujeira” e, deste, o de “o que é ruim, de má qualidade”. Com esse sentido, o locutor, no trecho anterior, realça a caracterização de malfeitas ou de mau gosto de certas peças de sucesso, desvinculando a aceitação do público da qualidade do espetáculo. Note-se o reforço do adjetivo “autênticas” e do acento de insistência, que, em “porcarias”, foi deslocado para a sílaba inicial, como se demonstra com a transcrição em maiúsculas.

Aos coletivos associa-se, em muitos casos, a ideia de desordem, tumulto, como a seguir:

Exemplo 37

(O locutor vinha falando sobre o fluxo de migrantes em direção às grandes cidades.)

L1 que o:: que não se consegue... controlar massas ainda nesse estilo... que ele ainda... tem:: movimentação própria e que::... o controle... se faz... automaticamente né? quando a... começa a ficar muito ruim a coisa... começa a haver uma **gritaria** geral e aí sim se toma urna atitude... mais forte né? mas primeiro tem que haver um... um::... você está entendendo né?
(D2/343, linhas 134-140).

No trecho, o vocábulo “gritaria” adquire o sentido de protesto coletivo, que, segundo o locutor, é a forma com que a população exige providências das autoridades.

3. 2. 1. 6. O sufixo *-eco(a)*

O sufixo *-eco(a)*[6] (de provável origem pré-romana) é diminutivo e, a exemplo de outros sufixos, pode ser empregado para a expressão de estima, como em “amoreco”, ou de desprezo, como em “livreco” e “padreco”. No inquérito D2/396 do *corpus* deste trabalho, há uma ocorrência desse sufixo, como segue:

Exemplo 38

(O locutor vinha tratando do tema da vestimenta masculina.)

L1 doutor Guandê... o apelido
dele... isto era o Alexandre Marcondes Machado... que
era uma jornalista... d*O Pirralho* neste tempo existia
aqui um **jornaleco** chamado *Pirralho...*entre outros
jornais... então ESte usava isto mas o coMUM::... não
era o fraque... o comum era naturalmente o paletó
saco e jaquetão... para os:: para os bailes... ou *smoking...*
(D2/396, linhas 44-48).

No trecho, o locutor afirma que os homens, em geral, usavam paletó, embora houvesse quem, como um certo professor Vampré (o Dr. Guandê), usasse sobrecasaca e cartola mesmo durante o dia. Devido a esse hábito, o professor era frequentemente alvo de motejo do jornalista Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, que, nas palavras de Carpeaux (2001: 13), “usou a língua macarrônica ítalo-portuguesa [...] para ridicularizar os ‘cartolas’”. Como *O Pirralho* (que foi dirigido por Oswald de Andrade) era um jornal satírico, o locutor o diferencia dos demais veículos da “imprensa séria”, qualificando-o de “jornaleco”.

[6] Cunha (1986).

3. 2. 1. 7. O sufixo *-eiro(a)*

O sufixo *-eiro(a)* (< latim *-ārĭus,a,um*) tem um grande número de funções, podendo designar, como se viu, ofício, recipiente, árvore segundo o fruto, coletivo, gentílico, aparelho etc. Eventualmente, a mudança de gênero pode acarretar especialização de sentido, como em “pedreiro” e “pedreira”.

A seguir, reproduzimos trechos de inquéritos em que ocorrem derivados em *-eiro(a)*:

Exemplo 39

> cidade pequena a proporção de carros por indivíduo pode ser maior até que uma cidade grande e não ter congestionamento... e todos os carros da cidade pequena podem fazer uma **fumaceira** desgraçada que não:: poluir a cidade...
> (D2/343, linhas 312-316).

Exemplo 40

(O informante vinha falando da epidemia de gripe espanhola que ocorreu em São Paulo.)

L1 assim:: morreu um colosso de gente aqui em São Paulo nessa ocasião que foi... ( )
[
L2 diz que em Jundiaí também enterravam... agora (dá um) ( )...
[
L1 em ( ) Campinas já foi menos...
L2 NOssa que **trabalheira** a gente...
(D2/396, linhas 1408-1412).

Exemplo 41

L1 é quando pego o carro... e:: também é horrível o aspecto... (parece) assim **montoeira** de concreto... sem nenhum aspecto humano certo? Os prédios sem:: estilo arquitetônico... ou de estilo arquitetônico tudo desencontrado não tem não tem integração...
(D2/343, linhas 31-36).

Como já se referiu, alguns derivados formados por *-eiro(a)* têm sentido pejorativo, como se pode perceber, confrontando-se, por exemplo, “choro” e “choradeira”. Como “fumaça” é *singularia tantum*, o sufixo não dá, propriamente, ideia de coletivo, exprimindo, antes, ideia de aumentativo, ainda que essa ideia já se apresente expressa pelo sufixo *-aça*, cujo sentido, nesse vocábulo, parece obliterado. A opção do falante por “fumaceira” revela uma avaliação negativa, a qual é acentuada pala presença do adjetivo “desgraçada”. Em “montoeira”, observa-se, novamente, o valor de aumentativo, utilizado para emitir uma avaliação negativa. Já em “trabalheira”, como está presente a ideia de ação, o sufixo fornece ao derivado noção de iteração, como em “zoeira” e “chiadeira”. Com esse valor, em que o sufixo poderia comutar com *-ção* (cf. “chiação”), pode-se expressar a ideia de que determinada ação se repete além do limite do tolerável.

Exemplo 42

L 1 POvo ... em São Paulo eu me lembro quando eu era... moci::nha... eu tive uma empreGAda... éh que ela atendia o telefone e dizia... “aqui é a casa de madame H”.... aí... eu fiz ver que não se dizia assim que que eu que eu não era madame H. e:: expliquei eu diSSE... “olha fulana você não:: me chama de madame H. ... porque maDAme aqui no Brasil... é mais ou menos empregado no caso casa de madame... como se fosse

uma casa de uma **coleteira** - - não tenho nada contra a
((rindo)) a classe das **coleteiras** prezo muito... mas
enfim na ((pigarreou)) - - fosse uma **coleteira**
((pigarreou duas vezes))... uma cabeleireira... que não
é o caso ... de uma:: residência particular então você não
... não diga “casa de madame H. e não e nem me
chame de madame - - porque ela só me chamava de
madame - - eu acho muito desagradável ( ) você me
chame dona H. não me chame de madame”... aí ela
pôs a mão no quadril me olhou - - eu nunca hei de me
esquecer isso faz tantos anos... - -“por que a
senhora não quer que eu lhe dê madamia?” mas

L 2 [madamia

... delicioso

L1 é... madamia...

(D2/333, linhas 277-299)

No trecho acima, como observa Brait (1999: 67), nota-se “a atitude prescritiva dos que dominam a norma culta em relação aos que não a dominam e a avaliação estética das variantes”. Essa “avaliação estética”, que pode ser entendida como estilística, do vocábulo “madame” é negativa, uma vez que as cafetinas costumavam receber esse tratamento. Nesse contexto, a avaliação negativa recai, também, em “coleteira”, a quem caberia o tratamento “madame”. Nas palavras de Lapa (1975: 26), isso se dá porque “as palavras evocam os meios sociais em que são geralmente empregadas, e não se pode confundir o seu uso, sem nos expormos a graves mal-entendidos”. Sandmann (1989b) adverte que, quando é possível a comutação entre *-eiro(a)* e *-ista*, aquele, em regra geral, exprime valor pejorativo (cf. “violeiro” e “violonista”), embora este, de acordo com o contexto, possa, também, carrear, eventualmente, avaliação negativa, como em “bairrista”. O mesmo ocorre entre *-eiro(a)* e *-ário(a)*, dado que “marqueteiro” e “publicitário” têm significação próxima, embora o primeiro tenha, frequentemente, sentido depreciativo.

Exemplo 43

> Gioconda não é?... a Gioconda... segundo Claude Valery... foi o pedaço de tela tecida que mais **asneiras** ouviu no mundo... todo mundo em Paris chega frente à Gioconda... e diz **asneiras**...
> (EF/124, linhas 90-93).

No exemplo anterior, nota-se que o valor pejorativo de “asneira” já se encontra no radical, o que ocorre, com frequência, quando se compara o ser humano com outros animais. Outros exemplos de vocábulos em que *-eiro(a)* aparece aposto a radicais que encerram sentido pejorativo são comuns, como “baderneiro”, “bagunceiro”, “boateiro”, “caloteiro”, “careiro”, “catimbeiro”, “embusteiro”, “encrenqueiro”, “enzoneiro”, “farofeiro”, “faroleiro”, “fumeiro”, “maloqueiro”, “mexeriqueiro”, “mutreteiro”, “palpiteiro”, “politiqueiro”, “trapaceiro” etc. Pode-se observar, no entanto, que o valor pejorativo que os derivados formados por *-eiro(a)* com sentido de “ação própria de” adquirem nem sempre está contido na base, dependendo, muitas vezes, do contexto, como em “baladeiro”, “festeiro”, “rueiro”, etc.

Exemplo 44

> L1 ressuscitar essa vida morta do rio... houve também uma reportagem que eu particularmente que adoro cachorro que sou **cachorreira**... amei especialmente... que foi sobre o o:: fila brasileiro...
> (D2/ 333, linhas 1038-1041).

Assim como o sufixo *-eiro(a)* é polissêmico em vocábulos de valor intelectivo, o mesmo se observa em vocábulos de valor expressivo. No exemplo anterior, o vocábulo “cachorreira” apresenta um desvio em relação ao sentido de “aquele que cria ou treina de cães de caça”, que se encontra ordinariamente nos dicionários (cf. Houaiss, 2009), adquirindo a noção de

“admirador”, “entusiasta”, “adepto”, como ocorre em “roqueiro” e “metaleiro”. O excerto também é útil para exemplificar como o sentido do derivado pode ser determinado pelo contexto.

3. 2. 1. 8. O sufixo *-ento(a)*

O sufixo *-ento(a)* (< latim *-entus,a,um*) é formador de adjetivos e intensificador, de modo que “sede” + *-ento* resulta em um adjetivo com sentido de “que tem muita sede” (Cf. Houaiss, 2009). A maior parte dos adjetivos formados pelo acréscimo de *-ento(a)* – e de seu concorrente *-lento(a*) – designa características desagradáveis e, em regra geral, repulsivas. Essa afirmação pode ser fundamentada por uma série de vocábulos, alguns deles colhidos em Houaiss (op. cit.), a saber: “agoniento”, “agourento”, “amarulento”, “aranhento”, “arreliento”, “asmento”, “asneirento”, “avarento”, “azarento”, “babento”, “bafiento”, “barrento”, “barulhento”, “bexiguento”, “bichento”, “birrento”, “bolorento”, “borrento”, “bostelento”, “catarrento”, “catinguento”, “chulezento”, “fedorento”, “feridento”, “flatulento”, “fuxiquento”, “gordurento”, “gosmento”, “lamacento”, “lazarento”, “lixento”, “modorrento”, “mofento”, “morrinhento”, “muxibento”, “nojento”, “peçonhento”, “perebento”, “rabugento”, “ranhento”, “sardento”, “sarnento”, “trapacento”, “verruguento”, “virulento”, “visguento”, “xexelento”.

Isso se explica, segundo Mattoso Câmara (1978: 60), porque “a expressividade, comum a grupo de vocábulos da mesma configuração mórfica, contamina o elemento formador”. Fazendo o caminho contrário, Cardoso (2008: 1068) afirma que

> é preciso perceber que determinados morfemas formadores de palavras carregam também expressividade e um conjunto de palavras que surgem na língua pelo mesmo processo e que apresentam um conjunto mórfico semelhante podem ser também semelhantes em termos de expressividade.

Exemplo 45

(O locutor vinha falando sobre a poluição em São Paulo.)

essas companhias de ônibus desses ônibus **fumacentos**
né?... não há controle... os americanos já estão bem
[
L2 poluição:: não só::
L1 mais à frente né? para você ver a moto aí... ela não faz
barulho por quê? tem uma linha americana que impõe
setenta e cinco... decibéis... de barulho passou disso...
não pode fabricar... o veículo né?... agora aqui ain::da
não tem isso...
(D2/343, linhas 147-154).

No exemplo anterior, nota-se que “fumacento”, além de carregar o sentido intensificador, significando “que emite muita fumaça”, compartilha a noção de repugnância com os demais adjetivos em *-ento(a)* anteriormente citados. Certamente, o tom da crítica teria sido amenizado se o locutor tivesse optado por empregar “ônibus poluidores”, por exemplo.

3. 2. 1. 9. O sufixo *-esco(a)*

O sufixo *-esco(a)* (< latim *-iscus*) é formador de adjetivos a partir de substantivos. Do *corpus* analisado, foi extraída a seguinte ocorrência de derivação em *-esco(a)*:

Exemplo 46

L1 pois é mas aí então houve então uma abertura... para o
mercado internacional do cinema... e então entrou a
Itália ... não é? (no) seu grande momento do

> neorrealismo... que foi mu/ mudan::do toda uma concepção cinematográfica... até então instituída... aquela fórmula **hollywoodesca** daquelas superproduções ... aquilo tudo foi... cedendo lugar ... a um cinema PObre ... não é? ... de um país ... empobrecido pela guerra como era a Itália... ih::... mas mostrando uma arte maravilhosa... um Vittorio de Sica ia para rua com uma câmera... e fazia um *Ladrão de Bicicleta*... sem artistas... não é? ... sem cenários mirabolantes sem nada apenas com as ruas de Roma... como cenário... não é? ...então aquilo foi abrindo o o o uma uma a curiosidade do público... para se sair daquela ficção **hollywoodesca** (D2/333, linhas 709-723).

Os derivados formados por *-esco(a)* apresentam, com frequência, significado pejorativo. Dessa forma, quando se faz referência a um "saber livresco", em geral, trata-se de um conhecimento meramente teórico, sem vinculação com a prática. Também é comum que derivados formados por esse sufixo apresentem sentido de "irreal", "fantasioso", "inverossímil", como se observa em "folhetinesco", "romanesco", "novelesco", "quixotesco" etc. A associação do sufixo com esse significado parece ter motivado a falante a preferir "hollywoodesco" a "hollywoodiano", uma vez que se postula uma contraposição entre o cinema italiano, voltado para a realidade, e o cinema norte-americano, cujas produções (ou superproduções) se afastam do real, segundo a opinião da locutora.

3. 2. 1. 10. O sufixo *-ice*

O sufixo *-ice* (< latim *-itĭe*) é formador de substantivos a partir de adjetivos ou de outros substantivos, podendo expressar comportamento próprio de, como em "burrice", "babaquice", "estultice", "macaquice", "tolice", "idiotice", "bobice", derivados de sentido pejorativo. Sandmann (1989b: 77) observa que "**-ice** hoje só se une a bases depreciativas" (destaque do autor). Em

conformidade com o que se observou aqui a respeito do sufixo *-ento*, Said Ali (1964) comenta que

> o sufixo *-ice*, se fizermos abstração do seu papel em *ledice, velhice, meiguice* e poucos exemplos mais, revela em geral forte afinidade eletiva por adjetivos que exprimem vícios ou defeitos pessoais, produzindo substantivos denotadores de atos que aberram do procedimento de pessoas sérias ou sensatas: *malandrice, sandice, tolice, parvoíce, gatunice, bebedice, patetice, perrice, doudice, rabugice, fanfarrice*.

Além desse emprego, nos substantivos formados a partir de outros substantivos, acrescenta noção nitidamente pejorativa (gramatiquice, invencionice etc.), que, segundo o mesmo autor (op. cit.), decorre de analogia com os exemplos anteriormente citados.

No *corpus* do Projeto NURC/SP, encontram-se, junto a "macaquice", "baianice" e "cafonice":

Exemplo 47

então... vo/ -- não sei se vocês acompanharam
a polêmica em torno de Gabriela... Gabriela... ah...
jornais baianos::... não é? éh:: fizeram... editoriais...
a respeito de Gabriela... indignados porque... é é que
aquela **baiaNIce** que se falava... lá não era
absolutamente
[
L2 artificial
L1 a maneira... como o baiano falava... depois ao correr
da novela... eu tenho a impressão que eles foram
aparando as arestas... mas a verdade é esta...
(D2/333, linhas 75-84).

Nesse exemplo, o vocábulo “baianice”, ainda que possa acumular o sentido pejorativo – que, frequentemente, se atribui a “baianada” –, adquire, também, o sentido de “o modo de falar dos baianos”, revelando julgamento desfavorável da locutora em relação a esse modo de falar.

Exemplo 48

L1	mas agora estão dizendo que estão passando aí um filme muito bom *O Predileto* não é? você ouviu falar?
L2	é ( )
L1	diz que é um filme também nesta linha brasileira... até achei graça uma amiga minha disse ... “eu gostei muito do filme ... porque ele tem sobretudo ... uma **cafonice** bem brasileira ((rindo))... (D2/333, linhas 653-660).

No exemplo anterior, há um substantivo formado a partir de um termo gírio, que se integrou à linguagem comum, caindo, em seguida, em desuso. Esse vocábulo tem, em geral, sentido pejorativo, o qual, nesse passo, é reforçado pela presença do sufixo. Não obstante, esse sentido é mitigado pela expressão “bem brasileira”, o que, dentro do discurso da falante, expressa uma característica positiva.

3. 2. 1. 11. O sufixo *-imo(a), -íssimo(a), -érrimo(a)*

Diversos são os processos utilizados para indicar a intensificação. Alguns deles são próprios da língua oral, como o alongamento da vogal tônica. Quando se diz que algum lugar fica longe, o prolongamento da vogal tônica do advérbio dá a entender que esse local fica mais distante do que se entenderia se a vogal fosse emitida com a duração usual. A esse respeito, note-se o trecho de diálogo a seguir:

Exemplo 49

L2 não só de administração da casa... como de compras... tudo... de toda/todas as medidas a serem tomadas... é por conta da mãe... quer dizer que então é::... fi/acaba sendo uma loucura... e/eu agora falo depressa... é tudo correndo... não é mais assim aquela pessoa admirável aquelas pessoas **cal::mas**
[
Doc. **tranqui::la**
L2 **tranqui::las**... que:: dificilmente... perdem a **cal::ma** perdem o **contro::le**... falam falam **pausadamen::te** que não tem aquele rosto **sua::do** assim:: e agora não eu estou estou sempre correndo estou sempre falando tudo depressa porque não dá tempo...
(D2/ 360, linhas 118-129).

Nesse trecho, os alongamentos de vogais tônicas, aliados às pausa, são recursos que intensificam a ideia de calma e de tranquilidade, contrastando com o trecho que se inicia por “e agora não”, em que a ausência de pausas reforça a imagem de uma pessoa que está constantemente apressada para atender as demandas da família.

Além dos recursos suprassegmentais, há variados processos sintáticos de intensificação, entre eles a repetição do termo, como em “lindo, lindo”. Pode-se recorrer ao emprego de advérbios por meio dos quais se atingem diferentes graus de intensificação, como “muito rico”, “extremamente rico”, “exageradamente rico”, “absurdamente rico” etc. Na linguagem coloquial, dispõe-se de um grande número de expressões intensificadoras como “à beça”, “às pampas”, “para caramba”, “a valer”, “a não poder mais”, “no último” e outras.

Como processos morfológicos de intensificação, concorrem a prefixação e a sufixação. Nesta, que se abordará a seguir, tomam parte os sufixos *-imo(a), -íssimo(a), -érrimo(a)* e *-inho(a)*.

O sufixo *-imo* (< latim *-ĭmus, a, um*) foi incorporado à língua portuguesa antes do período do Classicismo, mas teve em Camões um dos escritores que mais souberam explorar seu efeito expressivo, introduzindo grande número de superlativos ao vernáculo. Uma vez que esses superlativos entraram na língua por via erudita, era o radical latino que determinaria a terminação em *-imo(a)*, como em "humílimo", em *-íssimo(a)*, como em "nobilíssimo" ou em *-érrimo(a)*, como em "nigérrimo". Posteriormente, surgiram as formações vernáculas – em que predomina o alomorfe *-íssimo(a)* – que, muitas vezes, coexistem com a forma erudita, como "pobríssimo" (a par de "paupérrimo") e "cruelíssimo" (a par de "crudelíssimo"). Essas formações parecem possuir maior poder de intensificação que o processo sintático mais comum (muito + adjetivo). Esse fato, já o observara Silveira Bueno (1964: 114), conforme se atesta no seguinte passo:

> Na apreciação geral, os superlativos sintéticos são muito mais expressivos do que os analíticos. Entre um homem *muito rico* e outro *riquíssimo*, a presunção popular acha que este seja mais rico do que aquele. Ser *muito feio* já é triste, mas se for *feíssimo* então a desgraça é irreparável (destaques do autor).

Esse potencial expressivo do sufixo pode ser exacerbado pela repetição parcial do sufixo, de modo que algo grandíssimo parece superar o tamanho de alguma coisa muito grande; não chegando, porém, a comparar-se a algo grandessíssimo.

Os adjetivos terminados em *-érrimo(a)*, em princípio, restringem-se aos latinismos, como "pulquérrimo", e existem em número reduzido[7]. Além disso, o emprego dos adjetivos que contêm esse sufixo (com raras exceções, como "paupérrimo") limita-se, quase sempre, à linguagem literária ou cerimoniosa. Por analogia a essas formas eruditas, surgiram superlativos, como "chiquérrimo", que, dada a baixa frequência do sufixo, parecem comunicar

[7] Houaiss (2009), no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa,* registra cento e vinte e seis vocábulos que contêm o sufixo *-íssimo* e apenas vinte e dois vocábulos que contêm o sufixo *-érrimo*.

efeito de intensificação ainda maior que as formações em *-íssimo*, além de transmitir certo aspecto de sofisticação, sendo, em geral, associados à linguagem feminina. O mesmo pode ser dito do sufixo *-ésimo*, formador de numerais ordinais, que, empregado em situações análogas, vem dividindo espaço com *-érrimo(a)*, como em “lindésimo”.

Dos inquéritos do Projeto NURC, extraiu-se o seguinte trecho, em que há emprego do sufixo *-érrimo(a)*:

Exemplo 50

> o título tal do do desse samba que era cantado... no filme... agora... a fita apresentava... éh desde Paraguaçu... que era um célebre cantor cantor de *Bem-te-vi*... **celebérrimo** ... em São Paulo... veterano (EF/153, linhas 501-504).

O locutor, nesse trecho, utiliza, inicialmente, o adjetivo em seu “grau normal” e, em seguida, provavelmente por tê-lo julgado carente de expressividade, substitui-o pelo superlativo. Observe-se que essa é a única ocorrência de um superlativo erudito do *corpus* e se dá justamente em uma conferência, que é o tipo de inquérito em que é maior o grau de formalidade.

A seguir, apresentam-se exemplos de emprego do sufixo *-íssimo(a)*:

Exemplo 51

L2	nós estamos com mui::to trabalho... muito trabalho MESmo... estou vendo toda essa campanha de arrecadação de... ICM
L1	certo
	[
L2	acarreta mais trabalho para vocês...
	[

acarreta... mas **muiTÍSSImo**... a gente
trabalha... eu:: já vi que (esse período) período
(D2/360, linhas 470-477).

Exemplo 52

Inf. evoluir evoluiu... evoluiu muito o teAtro principalmente
no Brasil... ma::s ainda falta muita coisa... tem muita
coisa a desejar... primeiro... primeiro passo existem
pouQUÍ::ssimos teatros... principalmente em São Paulo
mas **pouQUÍ::ssimos** mesmo... São Paulo é considerada um::
uma das cidades que no Brasil que que existe maior número
de teatro São Paulo e Rio... agora vocês veem conforme::
sendo menor o número de teatros... será menor o número
de espetáculos... menor a concorrência... e:: o dinheiro
mais curto ((riu)) e consequentemente o público menor e
o preço... dos ingressos tem que ser maior ainda...
(DID/161, linhas 626-636).

Nos exemplos, pode-se notar que é comum que o emprego do sufixo intensificador seja acompanhado de outros recursos de intensificação, sejam eles suprassegmentais, como o acento de insistência – marcado, na transcrição, pelo emprego das letras maiúsculas – e o alongamento da vogal tônica – marcado, na transcrição, pelo sinal "::" –, sejam sintáticos, como o marcador "mas" e o advérbio "mesmo" com valor enfático. Além da abundância desses recursos, nota-se, também, a repetição dos derivados em *-íssimo(a)*.

No exemplo a seguir, encontra-se uma formação em que há um desvio em relação ao papel ordinário do sufixo:

Exemplo 53

L1 que há (mas) dois canais em Paris... num horário que
nós chamamos nobre... num... o Ministério da Educação

> (e) da Cultura fazia... uma:: conferência sobre Teilhard de Chardin... mas aquilo sem ilustração sem **coisíssima** alguma das pessoas todas no hotel do saguão do hotel dormiam... todas...
> (D2/333, linhas 320-325).

Nesse trecho, o sufixo *-íssimo(a)* apresenta-se, de modo excepcional, preso a um substantivo, o que pode ocorrer com "coisíssima" em frases negativas com aposição de "nenhuma" ou "alguma", para indicar a ideia de ausência absoluta. Ainda que esse derivado não obedeça ao modelo do sistema adjetivo + *-íssimo(a)*, conserva-se a intensificação em relação à noção de inexistência.

A observação demonstra que os sufixos *-imo(a), -íssimo(a), -érrimo(a)* e *-inho(a)*, como intensificadores, têm valores expressivos muito próximos, de modo que, aparentemente, a opção por um ou outro é, em geral, determinada apenas pelo falante ou pelo contexto. No entanto, em certos casos, não existe a possibilidade de escolha, uma vez há algumas peculiaridades no emprego desses elementos mórficos:

a) a faculdade da comutação entre *-imo(a), -íssimo(a), -érrimo(a)* e *-inho(a)* pode ser condicionada semanticamente pela característica expressa pelo adjetivo. Assim, pode-se comutar "finíssimo" por "fininho"; mas o mesmo não se dá com "brilhantíssimo" e "*brilhantinho";

b) o mesmo condicionamento semântico se dá com advérbios, visto que "pouquíssimo" pode comutar com "pouquinho", entretanto "muitíssimo" não comuta com "*muitinho";

c) algumas nuances de significado podem ser observadas. Assim "facílimo" aproxima-se de "facinho", com a ideia de "bem fácil"; porém, enquanto "dificílimo" contém a ideia de "muito difícil", "dificinho", ao contrário, traz a ideia oposta: "de baixo grau de dificuldade";

d) nos casos em que ocorre especialização de sentido, como em “alegrinho” (no sentido de “levemente alcoolizado”), a comutação entre os sufixos torna-se inviável;

e) como observado anteriormente, *-inho(a)* pode figurar a par da intensificação por processo sintático, como em “muito fininho”, mas o mesmo não ocorre com o sufixo *-imo(a), -íssimo(a), -érrimo(a)*;

f) o acréscimo do sufixo *-inho(a)*, ao contrário do que acontece com *-imo(a), -íssimo(a), -érrimo(a)*, bloqueia uma nova derivação sufixal. Confronte-se “rápido” > “rapidíssimo” > “rapidissimamente” e “rápido” > “rapidinho” > “*rapidinhamente”.

3. 2. 1. 12. O sufixo *-inho(a)*

O sufixo *-inho(a)* (< latim vulgar *-īnu*) é originariamente um sufixo formador de substantivos diminutivos e, entre os sufixos que têm essa função, é claramente o de maior frequência, de modo que a maioria dos falantes, em linguagem distensa, prefere “avezinha” a “avícula”, “aldeiazinha” a “aldeola” etc. (cf. Martins, 2008: 114). Esse fato se dá, provavelmente, porque *-inho(a)* é, talvez ao lado de *-ico(a)*, o único sufixo diminutivo que ainda é produtivo no português atual.

Tradicionalmente, os diminutivos e aumentativos foram assentados pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) como casos de “flexão de grau”, a qual poderia ocorrer por processo analítico, como em “casa pequena”, “casa minúscula” etc., ou sintético, como em “casinha”, “casinhola”, “casebre”, “casucha” etc. Evidentemente, no primeiro caso, não ocorre flexão alguma, uma vez que se trata de um processo sintático e não morfológico. Quanto ao segundo, não possui as propriedades que se observam nos casos de flexão, pois não há uma sistematização coerente e constante, como no caso do singular e do plural; sua ocorrência, pelo contrário, é facultativa e determinada por uma escolha do falante. Kehdi (2004: 29) observa que a flexão pressupõe necessariamente a concordância, de modo que “moço(ø) novo(ø)” se opõe a

“moços novos”, porém isso não ocorre obrigatoriamente em “moço novinho” e “mocinho novo”, não havendo “concordância de grau”. Além disso, podemos afirmar que os vocábulos resultantes dos chamados processos sintéticos e analíticos diferem tanto do ponto de vista formal quanto semântico, pois não há identidade de sentido entre “essas pessoas fazem parte do povão” e “essas pessoas fazem parte do povo grande”, ou entre “não suporto esse povinho” e “não suporto esse povo pequeno”. Já Varrão (116 - 27 a. C.), em contribuição significativa para os estudos linguísticos, diferenciara a flexão – *declinatio naturalis*, ou seja, própria de algumas “partes do discurso” – da derivação – *declinatio voluntaria*, ou seja, não obrigatória (cf. Robins, 1979: 39). A relevância dessa distinção, para este trabalho, está exatamente na importância de destacar que as formações em que ocorre o sufixo *-inho(a)* são casos de *declinatio voluntaria*, isto é, são decorrentes da *vontade do falante*, portanto ligadas à questão do estilo.

A ideia de pequenez pode, naturalmente, ser associada à de afetividade, como já observava o historiador Sérgio Buarque de Holanda (1984: 108), ao tratar da cordialidade do brasileiro:

> No domínio da linguística, para citar um exemplo, esse modo de ser parece refletir-se em nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação “inho”, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-las do coração. Sabemos como é frequente, entre portugueses, o zombarem de certos abusos desse nosso apego aos diminutivos, abusos tão ridículos para eles quanto o é para nós, muitas vezes, a pieguice lusitana, lacrimosa e amarga.

Esse pendor acentuado para o emprego dos diminutivos de que trata o autor, na verdade, já podia ser notado no latim vulgar, de modo que vários substantivos que não têm sentido de diminutivo no português atual se originaram de diminutivos latinos. Assim, “velho” não se origina do latim *vetus, veteris*; mas de *vetulus, i*, literalmente “velhinho”; “avó” não poderia entrar no português a partir do latim *avia, ae*; mas o fez a partir do latim vulgar *aviola*, literalmente “avozinha”; “orelha” não se origina de *auris, is*; mas de *auricula, ae*,

literalmente “orelhinha”. Em muitos casos, os diminutivos referem-se a nomes de animais, como “abelha”, que não se origina do latim *apis, is*; mas de *apicula, ae*, literalmente “abelhinha”. Da mesma forma, não se herdou “ovelha” de *ovis, is*; mas de *ovicula, ae*, literalmente “ovelhinha”; “escaravelho” provém de **scarabiculu*, “insetinho”, diminutivo de *scarabeus, i*; “cadela” origina-se de *catella, ae*, “cadelinha”, que se liga a outro diminutivo afetivo, *catellus, i*, “cachorrinho”, que não passou ao português; “piolho” provém de *peduculu*; e este de *pediculus, i*, diminutivo de *pedis, is*, ou seja, “pezinho”; “vermelho” origina-se de *vermiculus, i*, diminutivo de *vermis, is*, literalmente “vermezinho”.

De fato, a observação indica – e a análise dos exemplos comprova – que é extremamente raro o emprego do sufixo *-inho(a)* para expressar exclusivamente a noção de tamanho pequeno. O que se nota, por vezes, é que o sufixo pode acumular um significado intelectivo e um significado afetivo. Nas palavras de Skorge (1958: 50-51),

> o emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes da profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona – quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa.

Como destaca Martins (2008: 115), os diferentes valores afetivos que o sufixo pode conter são fortemente determinados pelo contexto, de maneira que “mulherzinha” pode expressar tanto o carinho quanto o desapreço. Lapa (1975: 106) afirma que “livrinho” certamente é empregado em referência a um livro estimado pelo falante; porém, em alguns enunciados, pode, também, exprimir o desprezo, sendo comutável com “livreco”. De uma forma ou de outra, o que se observa é que o acréscimo do sufixo implica, também, o acréscimo de um elemento avaliativo. São exemplos claros desse fato os enunciados em que se fazem pedidos, como “me faça um favorzinho”, “me dê uma ajudinha”, “espere um minutinho” etc. Sob a ótica da Análise da Conversação, Kerbrat-Orecchioni (2006) refere-se às formações com *-inho(a)* como as dos exemplos anteriores,

denominando-as *minimizadores*, que são manifestações de polidez linguística, cuja função é amenizar um ato ameaçador da face do interlocutor[8].

É bastante comum o emprego de diminutivos em referência a alimentos, como “batatinha”, “beijinho”, “bolinho”, “cafezinho”, “cervejinha”, “churrasquinho”, “coxinha”, “dobradinha”, “empadinha”, “enroladinho”, “ensopadinho”, “espetinho”, “pãozinho”, “pastelzinho”, “picadinho”, “queijadinha”, “rosquinha”, “salgadinho”, “salsinha”, “torradinha” etc., ocorrendo, também, em referência a ofícios, segundo os instrumentos ou vestimenta que os caracterizam, como “bandeirinha”, “flanelinha”, “lanterninha”, “marronzinho” (referência à cor do uniforme dos funcionários da companhia de tráfego de São Paulo). Também em português, como já ocorria no latim vulgar, é comum o emprego de diminutivos em relação a animais. Mattoso Câmara (1978: 59) observa que “os nomes de animais estão naturalmente envolvidos por um halo de simpatia”.

O largo emprego de *-inho(a)* resultou em que, algumas vezes, o sufixo pode adquirir significados bastante específicos. É o que ocorre, por exemplo, em “à noitinha” e “de manhãzinha”, em que há noção de início de processo.

Além do emprego ordinário de *-inho(a)* como formador de substantivos derivados, o sufixo passou a figurar apenso a palavras de outras classes. No caso dos adjetivos, é muito comum que *-inho(a)* desempenhe função de intensificador, como em “rapidinho”, podendo acrescentar ideia depreciativa, como em “nervosinho” e “espertinho”, servir como atenuador em “baixinho”, “gordinho” e “alegrinho” (com sentido de “embriagado”), ou exprimir ausência de dúvida, como em “mortinho”. Quando acrescentado a advérbios, *-inho(a)* expressa, em geral, ideia de intensificação, como em “pertinho”, podendo exprimir, também, ideia de exatidão, como em “agorinha” e “assinzinho”, ou de ênfase, como em “nunquinha”. Em numerais, o sufixo pode adicionar noção de exiguidade, como em “unzinho”, podendo, também, ser empregado como

[8] Os atos ameaçadores da face (conhecidos pela sigla *FTA*, do inglês *Face Threatening Act*) do interlocutor são os que atingem sua imagem social, como a crítica, ou sua liberdade de ação, como o pedido. A esse respeito, veja-se BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness*: Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

minimizador. Mais raros são os casos em que o sufixo *-inho(a)* ocorre aposto a verbos, como “chuviscandinho”, uma vez que essa classe de palavras, em condições normais, não admite sufixos nominais. Note-se que o vocábulo que serve de base à formação do verbo (chuva + *-isco)* já contém um sufixo diminutivo. Monteiro (2005: 70) registra que há desvio da norma “quando se agrega um morfema a uma base que em tese o rejeitaria”. Em uma crônica de Drummond (1989), há um diálogo em que se encontra “ficouzinho[9]” em uma fala em que predominam elementos da linguagem afetiva. Nas formas de tratamento, o emprego de derivados formados pelo sufixo *-inho(a)* pode indicar manifestação de carinho, ou comunicar ideia de delicadeza, fragilidade, como em “vocezinho”, “euzinho”. Nesses casos, os pronomes podem ocorrer flexionados: “vocezinha”, “euzinha”.

O fato de poder ligar-se a palavras de variadas classes e possuir grande número de valores expressivos faz do sufixo *-inho(a)* o mais recorrente nas gravações do Projeto NURC/SP e também no *corpus* de controle.

Para se ter uma noção da prolificidade de *-inho(a)*, em um levantamento no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, foram registrados mil e vinte e seis vocábulos terminados pelo sufixo *-inho(a)* – quinhentos e cinco vocábulos terminados em *-inho* e quinhentos e vinte e um em *-inha*[10]*.*

Entre as trezentas e noventa ocorrências do sufixo *-inho(a)* observadas no *corpus*, quarenta e três foram consideradas neutras do ponto de vista expressivo. A fim de que se entenda o critério que se adotou para que uma ocorrência fosse julgada neutra, veja-se o exemplo a seguir, retirado de uma elocução formal:

---

[9] “Ah, disse a moça, você ficou zangado comigo, diga, ficouzinho? bobo, te chamo de bobo como te chamo meu bem, fica nervosinho não, eu agora estou sentindo que o que você falou é uma graça, boca de luar é legal, olha aqui, vou te dar um beijo superluar, você quer?”

[10] Não foram computados vocábulos terminados em *-inho(a)* que não são derivados sufixais, como “espinho”. Palavras de origem controversa ou obscura também não foram consideradas na contagem.

Exemplo 54

> a utilização da pedra-sabão a utilização geniAL da pedra-sabão por um homem genial como o **Aleijadinho**... um barroco que pegou um material NA::da barroco como é... a pedra e transformou num material barroco... como fez... o **Aleijadinho**... (EF/156, linhas 565-569).

Nesse exemplo, o emprego do sufixo não se faz devido a uma escolha do locutor, já que o escultor em questão ficou historicamente conhecido por seu apelido. Ainda que a alcunha pudesse, a princípio, ter sido usada de modo pejorativo, essa intenção, há muito, perdeu-se, não constituindo, portanto, um fato de estilo.

É interessante notar que, proporcionalmente ao tempo de gravação, a maior parte dessas ocorrências expressivamente neutras do sufixo foram encontradas nas elocuções formais[11]. Em princípio, esse tipo de inquérito é o que menos favorece a utilização de recursos expressivos, quer pela necessidade de uma linguagem mais precisa, quer pela ausência de espontaneidade. O próprio gênero, especialmente no caso das conferências, é marcado por uma linguagem que tende, em geral, à denotação. Marcuschi (2001), ao traçar um *continuum* dos gêneros orais e escritos, situa as conferências em posição mais próxima dos gêneros da escrita que dos da fala. O mesmo autor (2003) afirma, também, que, sob a ótica da Análise da Conversação, esse tipo de inquérito, a rigor, não se enquadra no que define como “conversação”, uma vez que não possui características como a troca de turno. Urbano (1988: 3) adverte, no entanto, que “as chamadas elocuções formais, recolhidas pelo Projeto, não são tão formais, nem os diálogos, tão informais”. De fato, seria simplista se tentássemos dividir os inquéritos entre

[11] Nas elocuções formais, 28% das ocorrências do sufixo *-inho(a)* foram consideradas expressivamente neutras. Nos diálogos, esse percentual foi de 14,11%; e, nos diálogos entre informante e documentador, 3,88%.

formais e informais, pois o que se observa são diferentes graus de formalidade. Travaglia (2002: 57), ao tratar do assunto, fornece quatro exemplos de variações de estilos de conferências, que vão, quanto ao grau de formalidade, do “oratório” ao “casual”.

O sufixo *-inho(a)* é amplamente empregado como intensificador na língua portuguesa, em que concorre com *-imo(a)*, *-íssimo(a)*, *-érrimo(a)*, de modo que é mais comum que um falante, em situação distensa, prefira “pertinho” a “pertíssimo”. Segundo Lapa (1975: 111),

> as manifestações de ternura caracterizam-se por sua intensidade e natural exagero. Era pois inevitável que também se apegasse ao sufixo um efeito superlativante. Os advérbios foram largamente afetados, na linguagem popular, por tal superlativação. Assim o povo diz: “Ela mora *pertinho* de minha casa” (destaque do autor).

Nos inquéritos do Projeto NURC/SP, foi computada noventa e uma vezes a presença de *-inho(a)* como intensificador (cerca de 29% do total de ocorrências), enquanto *-imo(a)*, *-íssimo(a)*, *-érrimo(a)* foram registrados trinta vezes.

Cabe lembrar que a escolha entre um ou outro sufixo não se dá indiferentemente, dado que, entre um automóvel rapidinho e outro rapidíssimo, este parece ser mais veloz que aquele. Além disso, o sufixo *-inho(a)*, ao contrário de *-imo(a)*, *-íssimo(a)*, *-érrimo(a)*, admite que se reforce a intensificação por meio de processo sintático, como em “bem pertinho”.

Seguem exemplos de emprego do sufixo *-inho* com valor de intensificador:

Exemplo 55

> se eu (fizer) este gato e deixasse durante doze mil
> anos... ele vai continuar sendo um gato sem valor...
> não tem:: nenhuma... um valor artístico esta

> representação mesmo porque:: é usada por todas as crianças acho que quase que do mundo inteiro para desenhar gatos... então não estou colocando **nadinha** de novo (no tema)... nada de original certo?... (EF/405, linhas 282-288).

O emprego de “nadinha”, nesse trecho, equivale expressivamente ao de “coisíssima alguma” ou “coisíssima nenhuma”, intensificando a noção de ausência total. A escolha entre um ou outro recurso está relacionada à competência linguística do falante, ao seu domínio do “repositório” expressivo e, naturalmente, da situação de interação.

Exemplo 56

> ahn se eu digo a uma criança **mauzinha**... por exemplo... não é a mesma coisa que o italiano que diz a uma criança *cativo... cativo* significa mau... (EF/124, linhas 494-496).

Nesse exemplo, o locutor trata da dificuldade que tem o tradutor diante de certas expressões. Nesse caso, a dificuldade acontece exclusivamente devido à presença do sufixo, o qual, por ser originalmente um sufixo diminutivo, carrega consigo a noção de simpatia que despertam nas pessoas as coisas pequeninas. Dessa forma, o efeito, em certos vocábulos, é de atenuação, transmitindo um sentimento de tolerância, de modo que “mauzinha” carrega uma ideia de reprovação mais suave que “má”. Esse recurso de atenuação é comum e pode ser reconhecido, com frequência, quando se diz, por exemplo que alguém está “gordinho”. A sutileza que o recurso expressivo adiciona ao adjetivo é o que dificulta a tradução, devido à ausência de recurso correspondente em outro idioma.

Exemplo 57

aqui evidentemente é mais para efeito didático a gente fez uma coisa assim todo mundo sabe que a gente não vai gastar... quarenta cruzeiros todo dia... **bonitinho**... certo?... ahn coisa deve ser mais ou menos... no primeiro dia só com aluguel com essas coisas já deve acontecer um negócio assim não é?... (EF 338, linhas 185-190).

Nesse exemplo, o locutor, durante uma aula de Economia, estava explicando por que as pessoas conservam certa quantia de dinheiro consigo para atender as despesas diárias, supondo, para fins didáticos, que as expensas do dia a dia fossem constantes. Em seguida, advertiu que estava considerando uma média hipotética, dado que as pessoas não gastam exatamente a mesma quantia todos os dias. Essa noção de exatidão é expressa pelo vocábulo “bonitinho”, em que o sufixo intensifica a ideia de exatidão.

Exemplo 58

L1 então o cara aí... analogia né? o cara está no carro mas ... o que querem? é tribal a coisa sabe?... o carro é o cavalo aí no caso então o cara vai e tal e pole o carro **boniti::nho** lava... manda cromar manda blá blá blá... (D2/343, linhas 701-704).

No exemplo acima, o locutor defende a ideia de que o automóvel, para certas pessoas, adquire função de um signo de *status* social, como o foi, no passado, o cavalo. Em decorrência disso, o automóvel é tratado com cuidados excessivos, os quais recebem avaliação negativa do falante. Essa noção de excesso aparece intensificada pelo sufixo com alongamento da vogal tônica, que, na transcrição, é indicado pelo sinal “::”.

Exemplo 59

uma uma:: atuação jornalística ele escreve sobre a literatura... sobre tantas tan/ escreve sobre as coisas mais **pequenininhas** sobre o cartaz:: sobre (EF/156, linhas 483-485),

Exemplo 60

Valdírio?... como é quando você pede para desenhar uma mesa:: como é que a criança desenha?... ((vozes))... ah:: então é muito **pequenininho** Valdírio seu irmão... irmão ou irmã? ... ((vozes))... desenha uma mesa?... ((risos))... como ela desenha?... (EF/405, linhas 340-344).

Os exemplos anteriores são interessantes devido ao acúmulo de meios utilizados para expressar a ideia de pequenez. Primeiramente, o radical *pequen-* já contém essa ideia, a qual é intensificada pelo sufixo *-ino(a)*, conexo com *-inho(a)* e, em seguida, por este último. Além disso, reforça-se ainda mais a intensificação com o emprego de "mais" no primeiro dos exemplos e "muito" no segundo. Sobre formações dessa espécie, observa Silveira Bueno (1964: 111) que "muitas vezes, em busca de efeitos estilísticos, reúnem-se dois ou mais sufixos, sobretudo, quando o significado comum da palavra já se apresenta enfraquecido, gasto pelo uso". Nos inquéritos do Projeto NURC/RJ, encontram-se exemplos desse tipo, como "ruelazinha" (D2/158, linha 1091) e "filhotinho" (DID/121, linha 825). Houaiss (2001: 1619) já assinalava essa possibilidade de acúmulo de sufixos, ao afirmar que, "na linguagem afetiva, pode ocorrer a multiplicação do mesmo sufixo diminutivo: *menino*: *menininho*: *meninozinho*: *menininhinho*: *menininhozinho*, a par de *gosto*: *gostinho*: *gostinhozinho* etc." (destaques do autor).

Exemplo 61

então eu andava muito a pé... circunstância que talvez não

ocorresse se eu tivesse ido no verão... (então) eu descia a Champs Elisées **inteirinha::** atravessava ... o jardim das Tulherias e::... ia no Louvre... o museu do Prado fica:: (DID 137, linhas 171-174),

Exemplo 62

Inf. eu acho que a televisão... pega uma parte do dia **todinha** né? com desenhos e... a molecada fica grudada na televisão né?
(DID/234, linhas 448-450).

Nos exemplos anteriores, o emprego do sufixo *-inho(a)* é, aparentemente, redundante, uma vez que "inteiro" e "todo" já contêm o conceito de completude, não admitindo a ideia de intensificação. Note-se que não seria possível a comutação por "*descia a Champs Élysées muito inteira" e "*uma parte do dia muito toda" nem por "*descia a Champs Élysées inteiríssima" e "*uma parte do dia todíssima". O emprego do sufixo, no entanto, acrescenta um elemento avaliativo ao discurso, pois, no primeiro caso, enfatiza a longuidão da avenida, para sustentar a ideia de que o caminho que o locutor percorria era extenso e, no segundo, ressalta, de modo reprovador, o tempo excessivo despendido pelas crianças diante do televisor. O tom de reprovação ainda é reforçado pelo adjetivo "grudada".

Exemplo 63

L1 no namorar:: no portar-se... por sair com um rapaz de braços da::dos... enfim atitudes menos::... menos recatadas menos coisas que eram consideradas... escandalo::sas... éh:: uma moça que vivia na janela o dia **inteiri::nho** e que dava bola para todo mun::do então (eram) escandalosas
(D2/396, linhas 243-248);

Exemplo 64

L1 eu acho que é equivalente com a cidade... a hora que a cidade fica bem **ruinzinha** né?...
(D2/343, linhas 209-210);

Exemplo 65

L1 e o:: cabelo por cima daquele chouriço de metal...
churiço é de::... fio de arame é muito fino
( )
[
L2 **fiNInho fininho**...
(D2/396, linhas 1997-2000);

Exemplo 66

L1 os... as golas eram... no meu tempo de menino... as golas eram **estreitinhas**:: bem **estreitinhas**...
(D2/396, linhas 916-917).

Nos dois últimos exemplos, é possível notar os recursos utilizados pelos falantes para tornar mais significativo o efeito expressivo de intensificação presente no sufixo. Esses recursos são o alongamento da vogal tônica, como em “inteirinho”, o acréscimo de um termo intensificador, como em “bem ruinzinhas”, o acento de insistência, como em “fininho”, a repetição, que pode ou não estar acompanhada do termo intensificador, como em “fininho, fininho” e “estreitinhas, bem estreitinhas”. Sobre o último desses recursos, atestam Koch e Oesterreicher (2007: 173) que

> um processo sintático extremamente econômico com respeito à formulação, que, semanticamente, se ajusta com perfeição ao propósito de intensificação é a mera

> REPETIÇÃO EXPRESSIVA (a identidade como caso limite de similaridade)[12] – destaque dos autores.

A noção de dimensões reduzidas, que, em princípio, os sufixos diminutivos acrescentam ao radical, pode, com frequência, ser vinculada à de pouco valor, essa extensão de sentido é observada em vocábulos como “povinho”, “gentinha”, “timinho” e outros, que são empregados, em geral, para exprimir avaliações desfavoráveis, como se pode notar a seguir:

Exemplo 67

L2	daí demo::ra eu saio de casa normalmente... às quinze para as sete para entrar às OIto no serviço...
Doc.	nossa
L2	dois ônibus lotados -- conforme eu já falei -- ninguém quer saber de abrir a janela porque o vento faz mal... então você aguenta né? agora no frio você olha está tudo embaçado os vidros de ônibus entende?... aí... aquela **vidinha** chega no escritório aquela coisa né?... existe::... mais chefe do que funcionário... todo mundo é chefe... e quem faz é o que menos... leva a fama... ele ainda tem::... tem o privilégio ele almoça em casa... a gente não... (D2/62, linhas 211-223).

Nesse trecho, o locutor descreve as dificuldades que enfrenta em seu dia a dia, como a lentidão do transporte público, que enfatiza com o alongamento da vogal tônica em “demora” – marcado, na transcrição pelo sinal “::” – e o acento de insistência em “oito” – marcado, na transcrição pelo

[12] Traduzido do original a seguir: “un procedimiento sintáctico extraordinariamente económico con respecto a la formulación, que, semánticamente, se aviene a la perfección al propósito de la intensificación es la mera REPETICIÓN EXPRESIVA (la identidad como caso límite de similitud)”.

emprego das maiúsculas. As condições adversas do trabalho aparecem sintetizadas pelo vocábulo “vidinha”.

Exemplo 68

L1 uma delas... uma de/ ah uma das gêmeas... quer ser arquiteta... decoradora... então ela::: lê a respeito da futura profissão... ela quer saber as matérias que ela vai ter... o curso::... o segundo ciclo que ela pretende fazer... sabe? bom já está numa:: idade de definição quanto ao segundo ciclo porque elas já estão na oitava série as mais velhas não é? então ela... tem muito bom gosto é uma menina ordeira... gosta de desenho... quer dizer eu tenho a impressão... que::... não::... não a testei ainda... não é? ah::... ah nã/ não a testei com::... como:: normalmente se faz né? submetê-la... a:: a uma psicóloga e tudo o mais... mas... pelo que ela... diz e pelo que... como ela::... leva a **vidinha** dela talvez ela se encaminhe para isso a não ser que haja outras aberturas hoje eu estive vendo... (D2/360, linhas 1252-1267)

Como o efeito de sentido que se atinge por meio do sufixo é altamente determinado pelo contexto, o mesmo vocábulo pode, em situação diversa, encerrar uma avaliação positiva, como no exemplo anterior, no qual a “vidinha” está ligada a uma série de procedimentos aprovados pela locutora, ou seja, o senso de organização e o interesse pelo futuro profissional. Nesse contexto, o vocábulo comunica a noção de uma vida tranquila, planejada, metódica e sem inquietações. Nascentes (1953: 176) registra o sentido do vocábulo, na linguagem popular, como “vida calma, sem amofinações nem sobressaltos”. Convém lembrar que o emprego do sufixo *-inho(a)* em expressões de apreço são comuns quando o tópico da conversação são crianças, sobretudo quando os pais se referem aos filhos, como ocorre no trecho transcrito.

Exemplo 69

mas DESde que o cinema virou realmente
inDÚStria... nos países adianTAdos... naturalmente
que esse nosso **cineminha** artesanal... foi
liquidado... o Brasil era um país que importava
tudo... e vocês sabem que o Brasil importava
ahn?... não fabricava... o Brasil importava paLIto
no começo do século ahn?... e se importava essas
coisas... então é evidente... que começou... a
importar também divertimento... e começou também
a importar filmes... e os nossos **filmezinhos** feitos
aqui foram postos... inteiramente... de lado... mas
continuou a existir... e isso isso é que é que é
milagroso... o cinema brasileiro... nun::ca... nunca
morreu... houve sempre uma continuidade
(EF/153, linhas 26-40).

Nesse trecho, destaca-se o momento em que o cinema se tornou uma "indústria nos países adiantados". O emprego do acento de insistência (assinalado, na transcrição, pelo emprego das letras maiúsculas), que, como destaca Bechara (2003: 88), é utilizado frequentemente "para ressaltar uma distinção", serve para tornar saliente a superioridade do produto importado, que é industrializado, em relação ao nacional, que é "artesanal". Dada essa desproporção, o que se produz no Brasil é apenas um "cineminha". Um terceiro elemento que acentua essa oposição é o fato de que o Brasil, como país importador de produtos industriais, passou a importar filmes, que, nesse contexto, representam artigos de qualidade superior em comparação aos "filmezinhos" que se realizavam no país. É relevante considerar que, ao se comparar o efeito afetivo de "filminho" e "filmezinho", a noção de dimensão parece mais presente no primeiro, enquanto o segundo tende a trazer mais viva a ideia de depreciação. A esse fato, pode-se aduzir que as formas que apresentam a consoante de ligação *-z-* + *-inho(a)* são pouco comuns no português do Brasil, salvo quando a pronúncia o exige.

Exemplo 70

L2 não sei de americanos ou ingleses que matou muito mais gente do que::... quando caiu a bomba atômica... só que o bombardeio de lá era com bombas **simplinhas** que todo mundo conhecia e tal... então não se falou nisso agora o fato de... em::... um segundo morrer duas mil pe/ ahn duzentas mil pessoas apavora né?

L1 ((tosse)) justamente porque você não consegue botar bombardeio em tudo quanto é lugar soltando **bombinhas**... (você vai) aqui fica bombardeando cinco horas ali tá... você entendeu?

(D2/343, linhas 1596-1605).

No trecho transcrito acima, a exemplo do excerto anterior, ocorre uma comparação, na qual ambos os locutores, ao relacionar a bomba atômica com as bombas convencionais, utilizam-se de termos depreciativos em relação a estas, que, pelo seu menor poder de destruição, são apenas “bombinhas” “simplinhas”.

Exemplo 71

Inf. o camarada tem recursos para ir a um cinema... qualquer um... até um mendigo ele POde ir a um cinema... e:: da **feriazinha** do dia a dia das **esmolinhas** do dia ele tira cinco contos... para o ingresso inteiro em qualquer cinema de bairro e entra... ninguém vai barrar ninguém

(DID/161, linhas 656-660).

Na entrevista da qual foi extraída o último exemplo, o locutor postula a superioridade do teatro em relação ao cinema, embora o público que frequente cinemas seja maior. Esse fato é justificado com base nos preços dos ingressos, que, no teatro, são mais caros. A fim de depreciar o público que frequenta

cinema, são utilizados alguns recursos expressivos, como a gradação em “o camarada”, seguido de “qualquer um” e “até um mendigo” (note-se a palavra de inclusão “até”, que expressa o limite da possibilidade), visando a demonstrar que basta uma quantia ínfima, que se pode obter por meio de “esmolinhas”, da “feriazinha” de um pedinte para ingressar em um cinema.

Exemplo 72

> e assim foi feito... seis meses depois ela entrou no:: no hospital pra fazer uma:: períneo-raquia... no segundo parto apesar de todo:: o pavor que ela tinha o parto foi normal mas... rompeu outras vez o tecido já devido ao primeiro... e ela teve que fazer NOvamente... outra períneo-raquia seis meses depois... eu tinha planejado uma família com três filhos ela disse “se você quiser o terceiro você vai arrumar na esquina vai arranjar com QUAlquer **negrinha** que você quiser mas aqui a fábrica pegou fogo não tem mais” ((risadas)) e assim ficamos só com dois filhos... de maneira que foi... foram só os dois... graças a Deus têm:: tido boa saúde...
> (DID/208, linhas 524-535).

Nesse exemplo, nota-se a forte carga depreciativa que encerra o vocábulo “negrinha”, acentuada pela presença de “qualquer”. Uma vez que se trata de uma fala reproduzida, “o que o narrador reproduz no diálogo pode ser muito mais o que ele, protagonista do fato, gostaria de ter dito na ocasião ou de ter ouvido de outras pessoas envolvidas no fato” (Preti, 2004c: 31). Dessa forma o falante, ao inserir o termo pejorativo no discurso de outrem, isenta-se de responsabilidade pelo que foi dito, preservando sua *face.*

O emprego de derivados em *-inho(a)* é bastante comum em referência a alimentos, como se observa no trecho a seguir:

Exemplo 73

então eu iria pra casa... ia dar uma:: vistoria na geladeira
pra ver o que que tinha lá:: e supondo que tivesse...
carne né? faria... bife... com batatas porque sei que com
certeza vocês iriam adorar batatas fritas ((risos)) então...
um **bifezinho** com **batatinhas** fritas um pouco de arroz...
né?... uma sala::da... e::: o principal do almoço já
estaria pronto né?
(DID/235, linhas 362-368)

Como já se afirmara anteriormente, muitos alimentos são conhecidos por nomes diminutivos, como “empadinha”, “coxinha” etc. A par desses, no inquérito DID/235, cujo tema é alimentação, encontramos uma série de outros, como “chazinho”, “bolachinha”, “franguinho”, “pescadinha”, “bifezinho”, “batatinha”, “sanduichinho”, “sopinha”, “torradinha”, “bolinho” etc. Essa afetividade associada aos alimentos explica-se pelo fato de que eles fazem parte do cotidiano das pessoas, uma vez que se depende deles para a sobrevivência, trabalha-se para obtê-los e despende-se tempo para comprá-los, prepará-los e consumi-los. Note-se que, no exemplo, não se emprega, inicialmente, a linguagem afetiva em relação aos alimentos, tratados por “bife” e “batatas”. Apenas no momento em que eles estão prontos para o consumo é que passam a ser tratados como “bifezinho” e “batatinhas”.

Dada sua grande produtividade, o sufixo *-inho(a)* possibilita a formação de vocábulos em que ocorre especialização do sentido, como no exemplo a seguir:

Exemplo 74

no primeiro dia então ele tem mil e duzentos no
bolso... ao fim do primeiro dia... ele gastou quarenta
cruzeiros certo? **cafezinho** transporte alimentos...
(EF/338, linhas 80-82).

Nesse exemplo, o vocábulo “cafezinho”, que encontramos nos dicionários com valor intelectivo de “café pequeno” (Ferreira, 1999; Houaiss, 2001), assume o sentido de “pequenos gastos do dia a dia”, numa associação ao fato de o consumo da bebida ser uma prática cotidiana muito comum em nossa cultura.

A ideia de pequenez – que, segundo Lapa (1975: 106), “anda ligada geralmente em nosso espírito à ideia de ternura, simpatia, graciosidade” – agrega-se naturalmente à expressão de afeição, de modo que, por meio do sufixo *-inho(a)*, pode-se dar maior relevo às manifestações de apreciação e carinho, como se observa no excerto reproduzido a seguir:

Exemplo 75

com *Cru e Cozido* - - ... ((tosse)) a preocupação
de Lévi-Strauss pela pintura é uma pro/
preocupação... que percorre a sua vida...
ela se manifesta sobretudo num **livrinho** precioso... que é...
Entrevistas... com Claude Charbonnier
(EF/156, linhas 149-153).

A respeito do mesmo vocábulo, aponta Lapa (1975: 106):

> No primeiro exemplo [livrinho], o sufixo *-inho* deu à palavra não tanto um significado de pequenez, como mais ainda de ternura. *Livrinho* pode não ser um livro pequeno, pode ser um livro com as dimensões vulgares; mas é certamente coisa querida e apreciada (destaque do autor).

O falante, a despeito de manter-se dentro do tom de impessoalidade próprio de uma conferência, demonstra, com o autor citado e, em especial, com a obra citada, certo envolvimento pessoal, o qual converge para a escolha do termo “livrinho”, sublinhada pelo acréscimo do adjetivo “precioso”.

Como se observou em relação aos alimentos, certos temas favorecem a utilização de diminutivos afetivos, de sorte que eles ocorrem em abundância em referência a crianças e, sobretudo, quando os falantes fazem referência aos próprios filhos. Reproduzimos, a seguir, alguns exemplos.

Exemplo 76

L1 e:: depois volto para casa mas chego já apronto o outro para ir para a escola... o **menorzinho**... e fico na::quelas lides domésticas
(D2/360, linhas 157-159).

Exemplo 77

e:: tem outra coisa né? fazer uma peça pra criança você ver **rostinhos bonitinhos** simpáticos olhando pra você::... e dando risa::da só você você ver um:: ouvir uma gargalhada duma criança... numa platéia você está::... não preci/ não precisa fazer nada não precisa ganhar nada... pode ser criticado por todo mundo... uma criança que deu uma risada é que ela gostou da peça você se sente feliz acabou...
(DID/161, linhas 163-170);

Exemplo 78

L2 lá nós escolhíamos as roupas... porque tinha uma PARte... que vovó criou desde **pequeninha**... duas... e tinha outras que vieram de Jundiaí com mamãe que veio para cá também...
(D2-396, linhas 763-773).

Exemplo 79

L2 e um belo dia eu (su/) “QUÊ é isso? você queimou todo o seu o seu terno novo meu filho?” “mas eu fui fazer experiência química... com um colega... - - (e esse nós apareceu não é?) --... fui fazer experiência química que que a senhora quer?”... eu digo “AH não (para) para outra vez nós vamos comar comprar DE BRIM” porque esse era um terno caro... ((riu)) mais velho sabe?... esse quando ele era pequeno é que ele saia **sujinho** de carvão... passado muito tempo os colegas perguntaram “e aquele que estava **sujinho** de carvão na na porta lá do grupo?”... “esse AH hoje ele é oficial do exército ((riu))... e está bem graças a Deus”
(D2-396, linhas 1540-1551).

Parece natural o emprego de linguagem afetiva em relação a crianças, uma vez que a infância é uma fase da vida vista comumente dentro de uma atmosfera de pureza e inocência. No inquérito D2-396, apenas no pequeno trecho do qual se extraiu o último exemplo, de poucos minutos, há vinte e cinco ocorrências de diminutivos afetivos, em que as crianças são tratadas por “menininhas”, “pequenininhas”, “o mais velhinho”, “rapaziadinha” e “sujinho”; e, na referência ao vestuário infantil, registram-se “sandalinhas”, “calcinha”, “roupinha”, “vestidinho”, “blusinha”, “sapatinho”, “terninho”, “gorrinho” e “chapeuzinho”.

Esse inquérito, na verdade, em que os informantes pertencem à terceira faixa etária – a dos “idosos velhos”, segundo Preti (2004a: 38) –, é o que apresenta maior número de ocorrência de vocábulos em *-inho(a).* Segundo o mesmo autor (2004b: 60), em colóquios com idosos, as pessoas tendem a ajustar sua linguagem à deles por meio do emprego de diminutivos. O total de 45,3% das ocorrências de *-inho(a)* é mais significativo, se for levado em conta o fato de que, segundo nova observação de Preti (1991: 44), nesse diálogo, como ocorre normalmente entre “idosos velhos”, o número de palavras em relação ao tempo de gravação é menor, devido às naturais limitações dos

idosos, que tornam a conversação mais lenta, pausada, com maior número de interrupções.

Ainda em relação a crianças, no exemplo a seguir, nota-se um emprego dissonante dos diminutivos em relação aos anteriores:

Exemplo 80

L1 não teve agora... então daqui a trezentos e sessenta anos vai voltar esse ciclo... daqui a trezentos e sessenta anos... qualquer **menininho**... com qualquer **botãozinho**... explode não sei o quê aí... certo? quer dizer não não é... não não nesse sentido... não vai cair na mão de um **menininho** mas pode-se rachar coisas aos montes... ((ruídos)) então acredito que possa acontecer (D2/343, linhas 1738-1744).

Nesse exemplo, o emprego do sufixo, reforçado pelo uso do termo “qualquer”, reveste as palavras de tom depreciativo, ressaltando a ideia de inaptidão da criança, comparativamente a um adulto.

Percebe-se, ainda, na análise do *corpus*, que, na referência a animais, há propensão dos falantes a empregarem a linguagem afetiva, como se apreende nos exemplos que seguem:

Exemplo 81

L1 o o... a comida dentro da casa pifa porque a geladeira... acabou a luz né?
L2 uhn uhn
L1 que que você faz?... vai caçar onde?... comendo as
[
L2 mas aí... né? eu acho que... eu
L1 **pombinhas** ( )
(D2/343, linhas 984-989).

Exemplo 82

> ah::... que::... qual outro filme que... que o público
> infantil achou e gostou... aquele filme dos **cachorrinhos**
> como é o nome? dos dois **cachorrinhos**... NOssa a
> criançada adorou aquele filme... eu tenho uma memória...
> (DID/234, linhas 441-444);

Como afirma Mattoso Câmara (1978: 59), “os nomes de animais estão naturalmente envolvidos por um halo de simpatia”, que se compreende, facilmente, considerando o fato de muitas pessoas possuírem animais domésticos e de as fábulas e histórias infantis retratarem os animais, muitas vezes, como seres puros e inocentes.

A esse respeito, convém citar o inquérito D2/374, do NURC/RJ (*corpus* de controle), em que o sufixo *-inho(a)* ocorre em todas as referências a animais, como “bichinho”, “patinho”, “faisãozinho”, “porquinho”, “ratinho” e “besourinho”, perfazendo dezesseis ocorrências.

Os derivados em *-inho(a)* podem, ainda, expressar noções de brevidade ou de exiguidade, como no seguinte exemplo:

Exemplo 83

> (L1 pede que L2 e o documentador aguardem um instante para que ela possa dar um telefonema.)
>
> L1 ((risos)) então quer dizer que... se fossem só os meus não
> teria problema é que eu levo... ah... ah filhas de::: uma
> vizinha sabe?... daria para
> esperar um **minutinho**?
> (D2/360, linhas 1645-1648).

Inicialmente, deve-se observar que, numa concepção de linguagem puramente intelectiva, o vocábulo derivado “minutinho” simplesmente não faria

sentido algum, dado que “minuto” denota uma unidade exata de tempo, à qual, embora relativa, não aplicariam as noções de diminutivo e de aumentativo. Como a linguagem não reflete o mundo meramente racional, o emprego do diminutivo se justifica, pois expressa um breve espaço de tempo, que não acarretaria um grande atraso. A presença do sufixo ameniza o fato de que a falante tomará o tempo de seus interlocutores, justificando que o incômodo será breve. Nas palavras de Kerbrat-Orecchioni (2006), trata-se de um *minimizador*.

No exemplo a seguir, registra-se o único exemplo de emprego de sufixo como expressão de ironia. Ressalta-se, no entanto, que, dado que a ironia é uma “figura de pensamento”, o caráter irônico se apreende pelo contexto e não pela presença do sufixo em si.

Exemplo 84

inf. ah eu ia pensar ( ) morta de fome assim né? um sanduíche
BEM GRANde e bem alto ((falou rindo))... daqueles
tipo americano assim que eles:: que eles vendem nas:: nas
lanchonetes... e que tem o::vo presun::to muçare::la...
alfa::ce ((risos)) esse negócio todo um **sanduichinho**
bem delicado pra você comer ((falou rindo))...
(DID/235, linhas 487-492).

Nesse trecho, notam-se vários recursos utilizados para destacar o tamanho do sanduíche, como o acento de insistência (representado pelas maiúsculas) e o alongamento das vogais (representado por “::”), que transmite a ideia de uma grande quantidade de ingredientes envolvidos. A reunião de todos esses componentes resulta no que é, ironicamente, denominado um “sanduichinho”.

O último caráter expressivo que se pode encontrar, nos inquéritos do Projeto NURC/SP, em relação ao sufixo *-inho(a)*, é o que será denominado “valor instrucional”. Ele ocorre quando o falante, devido à inexistência de uma palavra mais adequada ou seu desconhecimento dela, recorre a um termo de

sentido mais geral e uso mais comum – acrescido do sufixo *-inho(a)* – para suprir a falta daquela. Esse recurso decorre de situações em que o falante tem necessidade de explicar a natureza de algo que é desconhecido de seu interlocutor e resulta em derivados com sentido de “algo semelhante a” ou “uma espécie de”. Dado o caráter instrucional de algumas entrevistas, o recurso é mais comum nesse tipo de inquérito. Seguem exemplos de “valor instrucional” do sufixo:

Exemplo 85

L1 essa fazenda leve que tem aí hoje que todo mundo fala é... que não é bem ah cetim é... é com/ era como se fosse um **algodãozinho**...
Doc. uhn...
L1 um tecido mais ou menos como do **algodãozinho** mas ralo... BEM ralo... tecido de algodão bem ralo então (isso ah era)... era ( )
[
L2 CAssa cassa...
(D2 396, linhas 740-747).

Exemplo 86

Inf. bom depois que se colhe a espiga de milho precisa descascar também o milho... e que serviço que era feito manualmente por pessoas mesmo... quer dizer ha::/ havia um::... um:: um sujeito um colono um camarada... que então ficava sentado numa cadeira... colocava de um lado... um:: monte de espigas de milho... com casca... e ia tirando casca por casca né?... de cada espiga... ah aí fica então a espiga de milho com:: as várias fileiras de milho... presas na espiga...agora depois disso pode pôr... colocar num **aparelhinho** que chama debulhador de milho
(DID/18, linhas 263-273),

Pode-se observar, nos exemplos, que o derivado se apresenta, em geral, antecedido de artigo indefinido e de expressões comparativas (como se fosse). O objetivo do falante é sempre de aproximar aquilo a que se está referindo de algo que é conhecido de seu interlocutor, de modo a possibilitar o estabelecimento de uma analogia.

O fato de esse "valor instrucional" do sufixo ser próprio das entrevistas pode ser verificado estatisticamente, obtendo-se o resultado que segue: houve dezesseis ocorrências nos diálogos entre informante e documentador (12,4% do total de ocorrências do sufixo *-inho(a)* nesse tipo de inquérito), apenas duas ocorrências nos diálogos entre dois informantes (1,18% do total de ocorrências do sufixo *-inho(a)* nesse tipo de inquérito) e uma nas elocuções formais (2% do total de ocorrências do sufixo *-inho(a)* nesse tipo de inquérito).

3. 2. 13. Os valores expressivos dos sufixos

Na elaboração desta seção que trata dos sufixos, considerou-se dividi-los de acordo com seus valores expressivos. Esse procedimento, porém, mostrou-se inconveniente, uma vez que determinava que o tratamento de um mesmo sufixo fosse dividido em várias seções. Para atender a essa classificação dos sufixos de acordo com as propriedades expressivas, apresenta-se, a seguir, uma síntese.

Grande parte das ocorrências registradas é de valor depreciativo, em que os vocábulos colhidos podem conter sufixos coletivos, aumentativos e diminutivos, como em "cambulhada", "fumaceira", "porcaria" (coletivos), "predião" (aumentativo), "jornaleco" e "cineminha" (diminutivos). Outros vocábulos que também comunicam noção de depreciação são "fumacento", "hollywoodesca" e "cafonice", sendo que os sufixos que compõem estes últimos figuram em vocábulos de valor pejorativo com frequência.

É própria também dos sufixos aumentativos e diminutivos a expressão do apreço e da valorização. Nas palavras de Sandmann (1991: 79), "não resta dúvida de que usar recursos morfológicos para expressar apreço ou desapreço

é uma importante função da formação de palavras", como ocorre em "ricaço" e "livrinho".

Entre os sufixos intensificadores, o mais comum é *-inho(a)*, como em "fininho", "pequenininho", ao lado de *-imo(a)*, *-íssimo(a)*, *-érrimo(a)*, como em "lindíssima" e "celebérrimo".

O sufixo *-inho(a)* apresenta, ainda, valor de atenuador e minimizador, como em "mauzinha" e "minutinho".

O sentido de "admirador", "entusiasta" pode ser expresso por *-eiro(a)*, como em "cachorreira".

Os sufixos podem ainda conter valores adverbiais, como em "nadinha" e "coisíssima (alguma)", correspondendo a "absolutamente nada" e, em "bonitinho" (= exatamente), ressaltando-se que o significado deste último é contextual.

Por fim, o sufixo *-inho(a)* pode apresentar "valor instrucional", como em "(como se fosse um) algodãozinho".

3. 2. 2. Derivação prefixal

Consiste a derivação prefixal na adição de um prefixo ao radical. Os prefixos têm origem, em geral, em preposições e advérbios, de modo que conservam certa autonomia, como em "sobrepor" e "pós-graduação".

Em geral, as palavras formadas por derivação prefixal mantêm sua categoria gramatical, embora haja um pequeno grupo de prefixos que podem formar adjetivos a partir de substantivos, como em "decisão pró-Israel", "dispositivo antirruído", "período pós-guerra", "proteção antissatélite". No último exemplo, a formação pode ser explicada pela inexistência de um adjetivo correspondente a "satélite". O que diferencia, de fato, os prefixos dos sufixos, é o fato de que, se os sufixos servem para acréscimo semântico ou mudança de classe, não há prefixos que sirvam apenas para mudança de classe. Outra particularidade dos prefixos é que casos há em que nenhuma das duas funções se efetiva, como em "avoar", "ajuntar" etc. (cf. "voar", "juntar").

Do ponto de vista da expressividade, os prefixos fornecem menos material que os sufixos, tendo, de modo geral, valor intelectivo. Os sufixos intensificadores, no entanto, interessam aos estudos estilísticos. Alves (2009) observa que, entre os neologismos, os prefixos se têm revelado mais produtivos que os sufixos, e grande parte das unidades lexicais neológicas prefixais são formadas por prefixos intensificadores. Em alguns casos, sufixos e prefixos coexistentes, como em “minigarrafinha”. Os sufixos apresentam gradações quanto ao grau de intensificação, como *super-, hiper-, ultra-, mega-* e *mini-, micro-, nano-*, de modo que uma pessoa *hipersimpática* parece ser mais agradável que uma *supersimpática*, ainda que não se equipare a uma *megassimpática.*

3. 2. 2. 1. O prefixo *super-*

O prefixo *super-* (< latim *super*) é um dos mais produtivos em português e um dos poucos que possuem cognatos de diferentes classes, como “superior”, “superar”, “sobrar” etc., em que assume função de morfema lexical. Enquanto seu correlato *sobre-* permaneceu, em geral, ligado à ideia inicial de “posição superior”, *super-* adquiriu *status* semântico mais próximo à noção de excesso, abundância.

Apresentamos, a seguir, algumas ocorrências do emprego do prefixo *super-*:

Exemplo 87

L1 então **superexploraram** aqueles filmes... é interessante para nós que o para nós é uma cultura... a gente tem oportunidade conhecer:: HÁbitos de de de um povo uma época eles viveram... tudo mais... exploram muito esse assunto... esgotou o máximo que podia... foi para fora ganhou prêmios tal... então eu... particularmente eu aprecio muito o cinema nacional... mas infelizmente:: nós estamos nessa situação que de vez em quando a gente

> apresenta uma coisa boa... e quando apresentamos
> procura-se explorar ao MÁximo isso...
> (D2/62, linhas 1516-1525).

Nesse trecho, o locutor vinha falando da série de filmes nacionais iniciada com *O Cangaceiro*, que alcançou grande sucesso. Nesse trecho, o prefixo representa um elemento avaliativo, que sustenta a crítica do falante ao fato de que o sucesso do filme ensejou um movimento com objetivo de tirar proveito comercial do tema até a exaustão. Essa avaliação, que se apresenta em "superexploraram", é reiterada por "exploram muito" e "explorar ao máximo", em que a sílaba grafada em maiúsculas indica o acento de insistência. O trecho é interessante, dado que o falante, num breve excerto, recorre a três recursos linguísticos diferentes para expressar a intensificação: o prefixo *super-*, o advérbio "muito" e o superlativo "máximo". O exemplo vai de encontro à afirmação de Basílio (1987) de que o prefixo *super-* forma derivados que revelam avaliação positiva do falante.

Segue mais um exemplo do mesmo sufixo:

Exemplo 88

> L1 então nós estamos com problema inclusive... quais são
> os cursos de mestrado? não há doutores para... ministrar
> esses cursos e precisam ser... e precisam ter a categoria
> de doutores para poder lecionar nesses cursos de
> pós-graduação... então é realmente um fato que está
> existindo ... então ... como está existindo essa dificuldade
> eu:: não tenha dúvida a especialização é **super necessária** [sic]
> (D2/62, linhas 808-814).

Nesse exemplo, a grafia "super necessária" revela como o falante sente que o prefixo *super-* desfruta do *status* de forma livre, à semelhança de "muito", "extremamente" etc. Dado que o emprego dos advérbios de intensidade parece "frouxo" ao falante (cf. Lapa, 1975) e que o superlativo "necessariíssimo" soa

excessivamente erudito em uma interação informal, parece lógico que o falante opte pelo emprego do prefixo.

Exemplo 89

> começamos a pe/ a pegar pessoas da ru::a... que estavam ali no momento... pra participarem da cena dentro dum ônibus que nós havíamos conseguido da empresa... e todo mundo queria participar daquele jeito o ônibus ia ficar MAIS que **superlotado** porque todo mundo queria aparecer ((riu))... e o pior não é isso o pior é que todo mundo queria aparecer na janelinha fazendo tchau e alô papai e alô mamãe o que era pior ainda né?
> (DID/161, linhas 775-782).

Assim como ocorre com outras formas de intensificação, o prefixo *super-* pode coexistir, no enunciado, com outros elementos intensificadores, como sucede no exemplo acima, em que o advérbio “mais” funciona como esse elemento adicional.

3. 2. 2. 2. O prefixo *ultra-*

O prefixo *ultra-* (< latim *ultra*) também se mantém produtivo em português e, a exemplo de *super-*, apresentava, a princípio, significação referente a lugar além de, como “ultramarino” (opondo-se a *cis-*), à qual se acrescentou o sentido de “excesso”. Nesse sentido, figura em vocábulos de significado muito próximo ou mesmo sinônimos de outros formados com *super-*, como “ultrassecreto” e “supersecreto”, “ultrassônico” e “supersônico” etc.

Dos inquéritos do Projeto NURC/SP, extraímos o seguinte exemplo de emprego do prefixo *ultra-*:

Exemplo 90

> pegou fogo... e HÁ QUEM diga que foi... fogo PROposital...

> não sei não:: posso garantir nada... porque eu:: havia um certo interesse parece-me que do:: do governo baia::no qualquer outra entidade... de desocupar... aquela região... para::... melhoRI::as urbanas... e o pessoal não queria sair de lá de jeito nenhum... era mais ou menos na::... na beira da:: da praia de:: quase (mangue)... uma sujeira... (que)... que não se pode acreditar a não ser vendo... um mau cheiro... e:: rato correndo para cima para baixo... e:: lá viviam... a classe... **ultra::pobre**... viviam... naqueles barracos... vendiam suas coisas tinha:: a parte de cerâmica artesanato era o::: era típico na Bahia... governo fazia pressão queria pôr... pra fora mas e eles... jamais eles saíam... até que um dia pegou fogo... então corre... boato que o fogo foi PROposital mas não:: posso garantir nada... foi um jeito de acabar... com o mercado de Águas (DID 208, linhas 265-280).

No trecho, nota-se que o vocábulo chega praticamente ao limite concebível de intensificação, dado que uma pessoa “ultrapobre” parece ser muito mais miserável do que uma pessoa “muito pobre” ou mesmo uma pessoa “paupérrima”.

3. 2. 3. Derivação parassintética

A derivação parassintética consiste no acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo ao radical, de modo a formar um derivado cuja divisão em seus constituintes imediatos resulta em três elementos, como “engarrafar” (*en-* + garraf(a) + *-ar*). Pode-se argumentar que *-ar* é a reunião de uma vogal temática e de uma desinência modo-temporal, o que alteraria bastante a análise do vocábulo, porém esse elemento está alterando a classe da palavra, ou seja, está desempenhando um papel próprio de sufixo. A derivação parassintética, no entanto, não consiste num processo inequívoco, uma vez que não há necessidade do prefixo para formar um verbo a partir de um substantivo concreto, como ocorre em “canalizar”, ou seja, a concretização de um ou outro processo se dá no nível da norma. Por vezes, ambos os processos

podem-se realizar, como em “enverdecer” e “verdecer”, “florar” e “aflorar”, possibilitando, como no último caso, a especialização de sentido. Considerando que apenas um número reduzido de prefixos e sufixos figuram em derivados parassintéticos, trata-se de um processo relativamente restrito em português.

Poucas foram as ocorrências de vocábulos expressivos formados por derivação parassintética observadas nos inquéritos do Projeto NURC/SP, e todas com valor pejorativo (“avacalhar”, “embananar”, “esbodegar”[13]). Segue um exemplo:

Exemplo 91

> e:: a terceira peça... foi a que eu mais gostei na
> qual... eu::... sei lá me entrosei realMENte entende?
> me senti bem no:: no papel que me foi conferido e tudo...
> fo::i *O* ( ) *inspetor* de J. B. ( )que inclusive foi
> apresentado... há pouco tempo atrás ((riu)) pela Rede
> Globo... que **avacalhou** por sinal com a peça...
> modernizaram dema::is colocaram coisas que estavam
> fo::ras... mas completamente fora do TEMA...
> mudaram o enredo do:: do escritor... quer dizer
> **avacalharam**... **avacalharam** completamente a peça eh::...
> (DID 161, linhas 40-49).

O vocábulo “avacalhar” possui forte sentido depreciativo. Ainda que a base “vaca” possa ter sentido pejorativo em certos contextos (“mulher depravada”), o verbo “avacalhar” não se liga a ele. Nascentes (1953), em *A Gíria Brasileira*, registra o verbo como pronominal; mas não explica a razão do sentido pejorativo.

No contexto, equivale a “degenerar”, “deturpar”. O falante utiliza-se do verbo com forte carga expressiva para deixar claro que, em sua opinião, o

[13] Houaiss (2009) considera o vocábulo de origem duvidosa. No Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa, consta como derivado de “bodega”, vocábulo frequentemente empregado em sentido pejorativo.

resultado não poderia ser pior. A ideia de desaprovação que se associa ao vocábulo pode estar ligada à presença do sufixo *-alho(a)*, de que se derivam “parentalha”, “politicalha” etc. No Projeto NURC/RJ, registra-se um vocábulo que segue o mesmo processo de formação e encerra sentido igualmente negativo: “afrescalhado” (DID/08, linha 419).

3. 2. 4. Derivação regressiva

A derivação regressiva consiste na formação de um vocábulo derivado por meio de acréscimo de uma vogal temática à base. Said Ali (1964) adverte para o fato de que o processo resulta, algumas vezes, de um erro de raciocínio, em que se toma um vocábulo primitivo como se derivado o fora, suprimindo-se o que se julga ser um sufixo. Assim, de “gajão”, tomado por aumentativo, derivou-se “gajo”; de “sarampão”, “sarampo” etc. É natural a muitos falantes que vocábulos como “andorinha” pareçam soar como derivados. Grande parte dos vocábulos formados por derivação regressiva são substantivos obtidos a partir de verbos. Nesses casos, podem coexistir com derivados progressivos, como “paga” e “pagamento”.

A derivação regressiva, em que se substitui um sufixo real ou suposto por uma vogal temática, é um processo comum na linguagem coloquial, como em “delega” por “delegado”, “boteco” por “botequim”, “sapata” por “sapatão”, “portuga” por “português”, “japa” por “japonês”, “comuna” por “comunista”, “neura” por “neurose” ou “neurótico” (NURC/RS, DID/341, linha 602), “estranja” por “estrangeiro” etc.

Segue um exemplo de derivação regressiva extraído do projeto NURC/SP:

Exemplo 92

filme brasileiro... foi TRADICIONALmente
considerado... pelo comércio cinematográfico

> ... pelos exibidores... pelos donos de filmes...o filme brasileiro foi considerado um:::... um **penetra**... um:: inTRUso... alguma coisa que aparecia... pra::: atrapalhar... algo que funciona::va... direiti::nho... um negócio que funcionava bem... baseado na importação... de filmes estrangeiros... e nesse quadro... aos olhos do comércio cinematográfico... o cinema brasileiro... só aparecia para atrapalhar... (EF/153, linhas 4-13).

No trecho, está explícito como o cinema nacional era visto de modo negativo pelos exibidores, como uma presença indesejada, dado que todos demonstravam estar satisfeitos com a importação de filmes. Nesse contexto, o sentimento de depreciação despertado pelos filmes brasileiros é expresso, de modo pejorativo, pelo vocábulo “penetra”.

Apresentamos, a seguir, os quadros comparativos das ocorrências de vocábulos derivados com finalidades expressivas por tipo de inquérito.

QUADRO 3 – Ocorrências de derivados expressivos por tipo de inquérito

Elocução formal (EF) (280 min)		Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)		Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)		Total (1117 min)	
N	%	N	%	N	%	N	%
49	13,84	183	51,70	122	34,46	354	100

QUADRO 4 – Ocorrências de derivados expressivos por minuto de gravação divididas por tipo de inquérito

Elocução formal (EF) (280 min)	Diálogo entre dois informantes (D2) (447 min)	Diálogo entre informante e documentador (DID) (390 min)	Total (1117 min)
0,18	0,41	0,31	0,32

Observações:

Entre os vocábulos derivados expressivos, houve cento e vinte e seis ocorrências de intensificadores, perfazendo 35,59%. Entre eles, houve apenas cinco ocorrências de prefixos intensificadores e, entre os sufixos, houve três ocorrências de *-inho(a)* para cada ocorrência de *-imo(a)*, *-íssimo(a)*, *-érrimo(a)*.

No *corpus* de controle, observaram-se percentuais bastante parecidos com os do NURC/SP, com variação maior entre as ocorrências colhidas nos diálogos entre dois informantes (D2) – 61,48% – e os diálogos entre informante e documentador (DID) – 26,02%. Nas elocuções formais, o percentual foi muito próximo – 12,5%; e, na comparação entre os intensificadores, os percentuais quase coincidiram, com 36,73% no *corpus* de controle, em que também se observou predominância de *-inho(a)*.

3. 3. Onomatopeia

A onomatopeia é a formação de palavras que consiste na imitação, por meio da linguagem, de sons que a ela não pertencem. Dadas as limitações da linguagem articulada, essa imitação é sempre imprecisa e variável entre diferentes línguas, conformando-se ao sistema fonológico de cada uma. A semelhança ou mesmo identidade entre vocábulos de origem onomatopeica de línguas diversas, em casos como “cuco”, pode não revelar coincidências na

reprodução de um som natural, mas palavras que têm origem em um mesmo idioma. A própria natureza do fenômeno da onomatopeia possibilita a formação de um número reduzido de palavras, uma vez que elas só se aplicam em referência a objetos, animais ou fenômenos naturais a que se associa algum som.

Grosso modo, as onomatopeias podem ser divididas em dois grupos, dos quais um se caracteriza por conter elementos de significação imprecisa, cuja formação é ocasional e, não raramente, individual. Esses elementos ocorrem momentaneamente e podem nunca voltar a repetir-se, como quando uma pessoa tenta reproduzir, por exemplo, o som de um trovão ou de um bramido de um elefante. Dado seu uso ocasional e o fato de, muitas vezes, não estarem em perfeita conformidade com o sistema fonológico da língua, essas onomatopeias, em geral, jamais chegam a lexicalizar-se. Quando um desses elementos passa a ser recorrente na língua, torna-se parte do que Herculano de Carvalho (1973: 187) chama de “onomatopeias propriamente ditas”, podendo conformar-se normalmente ao sistema da língua, ou apresentar configurações incomuns, como, em português, “nhac”, “atchim”, “puf” etc. Segundo o mesmo autor, esses elementos não são “verdadeiras palavras”, pois, comumente, não desempenham uma função na frase, equivalendo, na verdade, a uma frase em si da mesma forma que as interjeições.

De modo diferente, encontram-se, em outro grupo, as “palavras onomatopeicas” (Herculano de Carvalho, 1973: 190), as quais se originam das onomatopeias propriamente ditas; mas, em oposição a estas, apresentam-se ajustadas à sonoridade e ao sistema de flexões da língua, de modo que, entre elas, incluem-se verbos e adjetivos. Essa integração ao sistema torna as palavras onomatopeicas “verdadeiras palavras”, passíveis de servirem de base à formação de palavras derivadas, de maneira que se pode obliterar, na consciência do falante, qualquer sugestão sonora, dado que sempre existe a possibilidade de comutação com palavras de origem não onomatopeica. O mesmo autor menciona, entre outros, o verbo “tombar” como exemplo de palavra onomatopeica que não se apresenta como tal aos ouvidos do falante. Casos há em que, embora a intuição do falante possa sugerir-lhe que se trata de uma palavra onomatopeica, a etimologia pode indicar uma origem diversa,

ou podem existir dúvidas ou mesmo controvérsias a respeito dessa origem, a exemplo de “berro”, “blá-blá-blá”, “bumba”, “nhe-nhe-nhem”, “uivar”, “urrar”, etc[14].

Mattoso Câmara (2004) ressalta, ainda, a distinção entre palavras onomatopeicas e vocábulos expressivos, cuja estrutura fonológica se apresenta apropriada ao significado, podendo evocar determinado som, embora não resulte de imitação, como, por exemplo, “clarim”.

Dado que as palavras onomatopeicas se conformam perfeitamente ao sistema da língua a ponto de sua ligação com o som natural tornar-se frouxa ou mesmo imperceptível, elas passam a configurar-se como qualquer significante de valor denotativo e constante sem vinculação com uma origem imitativa. Dessa forma, essas palavras desligam-se igualmente da expressividade natural que se encontra nas formações ocasionais, ainda que estas tenham significação imprecisa e não sejam “verdadeiras palavras”. Essas formações sobressaem aos sentidos por apresentarem nitidamente seu caráter de desvio da norma dado seu perfil inusitado.

Esse caráter peculiar da onomatopeia apresenta-se nitidamente no trecho a seguir:

Exemplo 93

L2	- - não estou lembrando o nome do camarada - - ... mas além de ter um poder de curar incrível... assim... desses tipo... sei lá... éh:: Arigó né?
L1	uhn
L2	que... tocava na pessoa... e... **tchã**... desaparecia tudo ... e o gozado é que o cara tinha todas as doenças... era assim estropiado na vida... mas...

[14] Aulete (2011), assim como o Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa (1998), considera que “urrar” se origina do latim *ululare*; Cunha (1986) postula um suposto **urulare,* Bechara (2011) também menciona esse vocábulo ou “urro” + *-ar* como origens possíveis; Houaiss (2009), sem citar hipóteses, apresenta o vocábulo como de “origem controversa”; e Borba (2011), da mesma forma, refere o vocábulo como de “origem duvidosa”.

Doc. (que azar não?)
L2 curava tudo mundo né?
L1 pegava... ( ) de doença... como é que chama isso?
[
L2 mas é que ele tinha também... éh:: não sei se ele pegava para ele as doenças dos outros... como é que era... mas que ele também tinha um poder de previsão incrível... mas assim... vai cair um raio aqui... **PEM**... ((risos)) o negócio era nessa base foi documenta::do
(D2/343, linhas 1003-1017).

No exemplo acima, a locutora utiliza o vocábulo “tchã” para imitar o som que supostamente poderia ser produzido pela ação da cura realizada pelo “camarada”. O vocábulo tem um efeito interessante, dado que sugere um evento extraordinário, prodigioso, de proporções grandiosas e, ao mesmo tempo, coaduna-se com o tom jocoso que a locutora dá a sua fala por meio da expressão “estropiado na vida”. Note-se que o vocábulo não se relaciona sintaticamente com qualquer termo da oração. Da mesma forma, o vocábulo “pem” representa o som do raio, tendo sua emissão reforçada pelo aumento de tom de voz (indicado, na transcrição, pelo emprego de letras maiúsculas), que serve para sugerir a intensidade do som. Nessa ocorrência, o vocábulo constitui uma frase em si, equivalendo a “e *assim acontecia*” ou “e *realmente caía*”.

Por vezes, o emprego eventual das onomatopeias torna difícil a compreensão de seu sentido, como ocorre no trecho que segue:

Exemplo 94

L1 você entendeu? não está um grau alto... está um grau sei lá... menor... a taxa de suicídio não aumentou mui::to mais?
L2 uhn uhn
L1 porque está num grau mais alto né?... você ficava
[
L2 mais é que

L1 repressivo assim
[
L2 antes outras pessoas
L1 “ai quero me matar” e ficava sozinha na floresta...
e chegava a noite “**uh uh uh**” você “ah” e corria
para casa
L2 mas isso é cultural também M.
[
L1 “ah estou depressivo... deixa eu tomar umas bolinhas
...” toma as bolinhas e... **tibum** ((ruídos)) certo? todos
os processos
(D2/343, linhas 1330-1344).

No trecho, o locutor, como é comum em falas hipotéticas, recorre a uma verdadeira dramatização para dar realismo à cena narrada, alternando sua fala, como narrador, com a de um suposto interlocutor, que é expressa em primeira pessoa. Entre os recursos que utiliza, está o “você” indefinido, que aproxima o interlocutor da cena. A ocorrência de “uh uh uh” pode sugerir a imitação da voz de algum animal ameaçador ou agourento, como um lobo ou uma coruja ou de um ser espectral, transmitindo a noção de terror. Convém lembrar que a vogal “u” é associada à atmosfera de lugubridade, evocando ideias de escuridão, tristeza, medo e morte, conforme destaca Martins (2008: 52). Essa vogal traz à memória sons tétricos, como o uivo surdo do vento e o “bu” dos fantasmas em histórias infantis. Em seguida, a ocorrência de “ah” parece antes uma interjeição de terror ou um grito de medo, que pode equivaler ao predicado da oração, ou seja, “você *grita de medo*”. No final do trecho, a ocorrência de “tibum” sugere o som da queda do corpo do suicida que ingeriu as “bolinhas”, podendo, também, equivaler a uma frase em si, isto é, “toma as bolinhas e *cai morto*”. Mais uma vez, os elementos destacados apresentam-se desprovidos de função sintática.

O sentido obscuro da onomatopeia pode ser observado, mais uma vez, nos passos a seguir:

Exemplo 95

L2 e:: sempre... quem manda é::... os... a::... - - como é que se diz - - ... especulação imobiliária né?... certo local fica bom para construir todo mundo **pá** corre para lá né? (D2/343, linhas 78-80).

Exemplo 96

L1 mas isso é relativo né? você pode não ter:: não é global isso né? então sei lá digamos uma regiãozinha ali::... os que não estão acostumados com a cidade **pum** se mete no trânsito e se se se (ficam)... talvez até:: em São Paulo... eu nunca pego o trânsito... (D2/343, linhas 466-470).

Houaiss (2009) registra os dois vocábulos destacados nos exemplos como onomatopeias que expressam ruídos de choque, queda ou explosão. No entanto, apesar de os vocábulos terem aspecto de onomatopeias, o falante, no trecho, não parece estar tentando reproduzir os sons que os vocábulos frequentemente representam. O que torna o sentido dos vocábulos mais obscuro é o fato de, ao contrário dos exemplos anteriores – em que ocorrem palavras que equivalem a frases –, nos últimos exemplos, os vocábulos podem ser retirados sem prejudicar o sentido da frase.

Ainda que a apreensão do significado dos vocábulos no texto pareça difícil, ambos os enunciados contêm formas verbais que expressam movimento (“corre” e “se mete”), de modo que é possível que se postule que as onomatopeias possam expressar a rapidez ou a repentinidade com que esse movimento ocorre.

Algumas onomatopeias que remetem ao som da fala são empregadas com frequência quando se reproduzem diálogos reais ou hipotéticos, como se observa nos exemplos a seguir:

Exemplo 97

> é um fato preponderante... não adianta nada um teatro enorme que não tenha acústica e o:: o camarada ficar beRRANdo lá na frente éh:: 'sou isso sou aquilo **pá pá pá**' e:: o camarada lá no fundo na na última fileira não estar ouvindo nada
> (DID/161, linhas 395-399).

Exemplo 98

> L2 e tem outro problema que cria... para ah:: em relação aos familiares... em relação a famílias muito grandes... e e amigos... então acha porque a pessoa trabalha com isso... é fácil de arranjar emprego... então::: fulano de tal:: sempre foi:: um:: menino mais estudio::so... não é? tirou diploma com::... com menção honro::as não sei o que **taratatá**... pega e mandam procurá-lo porque acham que ele tem... condições para para arranjar... e se ele não arranja... tem muita gente que fica chateada ou pelo menos desapontada... né? ((risos)) e:: não é fácil ((risos))
> (D2/360, linhas 1136-1146).

Em diálogos reproduzidos, essas onomatopeias de valor indefinido podem substituir qualquer fala suposta ou incompreendida. No primeiro dos exemplos, o locutor cria uma fala hipotética, cujo conteúdo não é relevante, preenchendo-a com indefinidos ("isso" e "aquilo"). A onomatopeia "pá" é empregada, normalmente, para fazer referência a sons de alta intensidade, de sorte que, em "pá pá pá", a repetição se mostra apropriada para representar uma fala de certa duração e proferida aos gritos.

No último exemplo, a locutora fazia referência ao fato de o marido trabalhar na área de recursos humanos e, por isso, ser procurado por familiares e amigos em busca de empregos. Para ilustrar o acontecimento, é proposto à interlocutora que imagine, como padrão, uma situação em que uma pessoa –

que, sendo hipotética, é denominada por “fulano de tal” – se apresenta como candidata a uma vaga. Da mesma forma que o composto “não sei o quê”, a onomatopeia “taratatá” serve para demonstrar como os solicitantes sempre se apresentam com uma longa lista de atributos.

Em ambos os exemplos, as onomatopeias seguem o padrão de repetição de vocábulos como “blá-blá-blá”, “nhe-nhe-nhem” e não se integram sintaticamente às frases.

Conclusão

A expressividade é um fenômeno que se realiza por variados meios, tanto linguísticos quanto não linguísticos. Entre eles, encontra-se na formação de palavras um rico material para manifestação do aspecto afetivo da linguagem. Esse material revela-se tanto na pena dos que buscam a expressão artística quanto na conversação cotidiana despreocupada, de sorte que, nas palavras de Mattoso Câmara (1975:138), há estilo tanto em Rui Barbosa quanto na linguagem de um motorista de táxi. Naturalmente, em uma interação oral espontânea, os falantes não dirigem sua atenção, primordialmente, à originalidade com que se exprimem, sendo, portanto, diferentes as formas com que a afetividade se manifesta em cada uma das modalidades da língua. Por um lado, isso sucede porque, na língua oral, há recursos que estão ausentes na língua escrita, como o acento de insistência e o prolongamento de vogais; por outro, porque o modo de produção do texto oral não permite o planejamento e a revisão que fazem parte da produção da escrita, os quais possibilitam, quando o autor o procura, um refinamento de estilo. Ainda assim, a criação lexical, seguindo modelos memorizados de formação, não está ausente da linguagem falada, ainda que seja mais comum que os falantes se utilizem de meios já padronizados e, portanto, facilmente reconhecíveis pelo interlocutor.

A ocorrência dos recursos expressivos não se relaciona diretamente com o fato de tratar-se de falantes cultos, pois eles podem ser comuns também na linguagem dos falantes de menor grau de escolaridade, mas estão ligados intimamente ao grau de formalidade da interação.

Quanto aos vocábulos compostos, o falante pode seguir um modelo recorrente, como a repetição de substantivo ou de verbo, assim como se servir de compostos com origem na fraseologia, como “pão pão queijo queijo”. São comuns, também, os compostos de substantivo + preposição + substantivo, como “água com açúcar” e “cavalo de batalha”, assim como os de valor indefinido. Em todos os casos, é nítido que as formações se originam de grupos sintáticos.

Quanto ao processo de derivação, observa-se a predominância de formação de vocábulos intensificadores. Os derivados sufixais – que têm maior potencial expressivo que os prefixais –, além de servirem à formação de grande número de intensificadores, destacam-se, também, pela expressão do apreço e, principalmente, da depreciação.

Alguns sufixos, como *-ice* e *-esco(a)*, apresentam somente produtividade de vocábulos de sentido pejorativo. Da mesma forma, os sufixos coletivos associam-se, frequentemente, a avaliações negativas. Há também sufixos que se caracterizam pela especialização na expressão de determinados valores, como *-ento(a)*, que produz adjetivos associados à noção de asco. Outros, ainda, como os casos de *-eiro(a)* e *-inho(a)*, são polissêmicos e, consequentemente, sujeitos a variações contextuais.

Certos temas favorecem a utilização de diminutivos afetivos em *-inho(a)*, uma vez que eles ocorrem em abundância em referência a crianças, animais e alimentos. Nesses casos, os vocábulos derivados exprimem, predominantemente, apreciações positivas por parte dos falantes. Da mesma forma que o emprego do sufixo *-inho(a)* está relacionado a alguns temas, também o gênero do inquérito pode ligar-se a determinadas ocorrências, como ocorre com o uso do sufixo com “valor instrucional”, que é mais comum nas entrevistas.

Entre os casos de derivação prefixal com objetivos expressivos, cujo número de ocorrências é mais reduzido no *corpus*, destaca-se, também, a expressão da intensificação, que se associa a uma avaliação positiva ou negativa do falante.

A divisão do número de ocorrências dos vocábulos expressivos por tipo de inquérito e por tempo de gravação possibilita o estabelecimento de uma relação entre esses números e o grau de formalidade de cada inquérito. O maior número de ocorrências nos diálogos entre dois informantes, que são o tipo de inquérito mais próximo de uma conversação espontânea, permite que se conclua que há uma relação inversamente proporcional entre o grau de formalidade da interação e o emprego de recursos expressivos, ao menos em relação ao tipo de recursos analisados.

Nos diálogos entre dois informantes, as interações são, quase sempre, simétricas; os informantes se conhecem, possuindo, portanto, conhecimentos compartilhados e, muitas vezes, opiniões em comum, que são fatores que possibilitam uma interação mais distensa. Além disso, não há exigência quanto à manutenção do tema inicial, de modo que eles se sentem livres para fazer digressões, que, com frequência, conduzem o diálogo às experiências pessoais dos falantes.

Nas entrevistas, embora as conversações sejam assimétricas entre pessoas que não mantêm relações pessoais, os temas, muitas vezes, voltam-se a impressões pessoais ou lembranças do entrevistado a respeito de experiências que vivenciou, contribuindo para o envolvimento pessoal do falante e permitindo que ele se expresse com naturalidade.

Todos esses fatores estão ausentes nas elocuções formais, nas quais o locutor procura demonstrar maior afastamento pessoal, centrando suas atenções no tema de que se está tratando e apagando, de certa forma, sua presença como indivíduo para conduzir o juízo dos interlocutores em direção ao referente. A própria situação de interação induz o falante a optar por uma linguagem mais formal e a evitar expressar-se de modo que possa revelar envolvimento subjetivo.

Desse modo, a linguagem, nas elocuções formais, aproxima-se da modalidade escrita prototípica, a qual se caracteriza, sobretudo, pela busca da objetividade, que se manifesta pela tentativa de excluir a presença de qualquer atitude emocional. Nesse nível, a linguagem tende a ser mais conservadora, impondo ao falante limites rigorosos à sua expressão. Essa postura implica diretamente as escolhas dos falantes em relação aos itens lexicais que utilizam, resultando numa opção consciente por vocábulos expressivamente neutros.

Assim como há itens lexicais que se distinguem por serem próprios da linguagem coloquial distensa e ou por serem característicos da língua formal e refletida, a mesma distinção se observa em relação aos processos de formação.

Essas asserções levam à conclusão de que a espontaneidade da linguagem é o campo em que florescem as condições favoráveis à expressão da afetividade, em que o falante encontra maior número de alternativas disponíveis em suas escolhas, como se crê ter sido demonstrado neste trabalho. Os processos de formação de palavras fazem parte desse cenário, dado que, muitas vezes, sua única motivação é atender as necessidades de manifestação da afetividade do falante.

Referências Bibliográficas

ALÉONG, Stanley. Normas linguísticas, normas sociais, uma perspectiva antropológica. In: BÉDARD, Édith; MAURAIS, Jacques (orgs.). *La Norme Lingustique*. Québec, Gouvernement de Québec: Paris, Le Robert, 1983.

BALLY, Charles. *Traité de Stylistique Française.* Paris: Kliencksieck, 1952.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entrevista: texto e conversação. In: Anais do GEL. Franca, 1991.

_____. A propósito do conceito de discurso oral culto: definições e imagens. In: PRETI, Dino (org.). *O Discurso Oral Culto.* 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. Cruzamentos vocabulares: o fator humorfológico. In: XII Congresso da ASSEL-RIO. Rio de Janeiro 2004. Anais do XII Congresso da ASSEL-RIO. Rio de Janeiro 2003. Rio de Janeiro, ASSEL-RIO, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luís (org.). *Introdução à Linguística I:* Objetos teóricos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística General II*. 15. ed. México: Siglo Veintiuno, 1999.

BIDERMAN, Maria Teresa. *Teoria Linguística*: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRAIT, Beth. Imagens da norma culta, interação e constituição do texto oral. In: PRETI, Dino. *O Discurso Oral Culto.* 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness*: Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística*: uma introdução crítica. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

CARDOSO, Elis de Almeida. A expressividade das criações lexicais estilísticas formadas por derivação sufixal. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luís Carlos (orgs.). *Múltiplas Perspectivas em Linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

_____. Cruzamentos lexicais no discurso literário. São Paulo, *Estudos Linguísticos,* v. 39, maio 2010. p. 214-222.

CARPEAUX, Otto Maria. Uma voz da democracia paulista. In: BANANÉRE, Juó (Alexandre Ribeiro Marcondes Machado). *La Divina Increnca.* São Paulo: 34, 2001.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (orgs.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo:* v. I – Elocuções Formais. São Paulo: T. A. Queirós, 1986.

_____. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo:* v. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queirós, 1987.

CESTERO MANCERA, Ana Maria. *El Intercambio en la Conversación (análisis sociolingüístico).* Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2000.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica.* 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

DELAS, Daniel. Prefácio. In: *Estilística Estrutural.* São Paulo: Cultrix, 1971.

DISCINI, Norma. *O Estilo nos Textos:* história em quadrinhos, mídia, literatura. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DUBOIS, Jean *et al. Dicionário de Linguística*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Estratégias de construção do texto falado: a correção. In: KATO, Mary Aizawa (org.). *Gramática do Português Falado.* v. VI. Campinas: Unicamp, 1996.

FÁVERO, Leonor Lopes. A propósito das marcas de correção no discurso oral culto. In: PRETI, Dino (org.). *Léxico na Língua Oral e na Escrita.* São Paulo: Humanitas, 2003.

FIORIN, José Luís. Dialogismo e estilo. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua Portuguesa em Calidoscópio*. São Paulo: Educ, 2004.

GUIRAUD, Pierre. *A Estilística.* São Paulo: Mestre Jou, 1970.

HERCULANO DE CARVALHO, José G. *Teoria da Linguagem*: Natureza do fenômeno linguístico e a análise das línguas. t. 1. 5. ed. Coimbra: Atlântida, 1973.

_____.*Teoria da Linguagem*: Natureza do fenômeno linguístico e a análise das línguas. t. 2. 5. ed. Coimbra: Atlântida, 1974.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

KEHDI, Válter. *Formação de Palavras em Português.* 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. *Morfemas do Português.* 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da Conversação*: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A repetição e suas peculiaridades no português falado no Brasil. In: URBANO, Hudinílson *et al. Dino Preti e seus temas*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. *Lengua Hablada na Romania*: español, francés, italiano. Madrid: Gredos, 2007.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa.* 8. ed. Coimbra: Coimbra, 1975.

LEITE, Marli Quadros. Língua falada: uso e norma. In: PRETI, Dino (org.). *Estudos de Língua Falada*. São Paulo: Humanitas, 1998.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

LYONS, John. *As Ideias de Chomsky*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Da Fala para a Escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Análise da Conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARTINS, Evandro Silva. O tratamento das lexias compostas e complexas. Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste. v. 4, 2002. Disponível em http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_15.pdf. Acesso em 3 jun. 2012.

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à Estilística*: A Expressividade na Língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Princípios de Linguística Geral.* 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

_____. Considerações sobre o estilo. In: MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dispersos.* 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

_____. *Contribuição à Estilística Portuguesa.* 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

_____. *Dicionário de Linguística e Gramática.* 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa.* 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística*: Manual de análise e criação do estilo literário. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOUNIN, Georges. *História da Linguística*: das origens ao século XX. Porto: Despertar, 1970.

NASCENTES, Antenor. *A Gíria Brasileira.* Rio de Janeiro: Acadêmica, 1953.

PETTER, Margarida Maria Tadoni. Morfologia. In: FIORIN, Luís Antônio (org.). *Introdução à Linguística II:* Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. *Estruturas Linguísticas do Português*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

POTTIER, Bernard. *Linguistique Générale***:** Théorie et description. Paris: Klincksieck, 1974.

PRETI, Dino. *A Linguagem dos Idosos:* Um estudo de Análise da Conversação. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, Dino (org.). *O Discurso Oral Culto.* 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1997.

_____. *Sociolinguística:* os níveis de fala. 9. ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

_____. Variação linguística e faixa etária: interação de idosos. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004a.

_____. Alguns problemas interacionais no diálogo de “idosos velhos”. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004b.

_____. As narrativas na conversação: a reprodução de diálogos. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004c.

_____. As narrativas na conversação (2): falas reproduzidas e falas pressupostas. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004d.

_____. Mas, afinal, como falam (ou deveriam falar) as pessoas cultas?. In: PRETI, Dino. *Estudos de Língua Oral e Escrita.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004e.

PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros; URBANO, Hudinílson. *Documentação Eletrônica Organizada pelo Projeto NURC/SP – Núcleo USP.* São Paulo: Infodigital, 2002. 1 CD-ROM.

PRETI, Dino; URBANO, Hudinílson. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo:* v. III – Diálogos entre informante e documentador. São Paulo: T. A. Queirós, 1988.

PRETI, Dino. Apresentação. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (orgs.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo:* v. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queirós, 1987.

_____. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo:* v. IV – Estudos. São Paulo: T. A. Queirós, 1990.

ROBINS, Robert Henry. *Pequena História da Linguística.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa.* 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, 1989a.

_____. A expressão da pejoratividade. *Revista Letras.* v. 38. Curitiba: UFPR, 1989b.

_____. Antônio José. *Morfologia Lexical.* São Paulo: Contexto, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, s. d.

SILVA, Luiz Antônio da. Projeto NURC: histórico. *Linha d´Água.* São Paulo, v. 10, julho 1996, p 83-90.

_____. Conversação: modelos de análise. In: Luiz Antônio da Silva. (org.). *A Língua que Falamos*. Português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Estilística Brasileira*: o estilo e a sua técnica. São Paulo: Saraiva, 1964.

URBANO, Hudinílson. Apresentação. In: CASTLHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (orgs.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. v. III. São Paulo: T. A. Queirós, 1988.

_____. A expressividade na língua falada de pessoas cultas. In: PRETI, Dino (org.). *O Discurso Oral Culto.* 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1997.

_____. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). *Análises de Textos Orais.* 6. ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

Dicionários e Vocabulários

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

BECHARA, Evanildo. *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário Unesp do português Contemporâneo.* Curitiba: Piá, 2011.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DICIONÁRIO MICHAELIS DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Melhoramentos, 1998. 1 CD-ROM.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio Século XXI.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-ROM.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

Obras disponíveis *on-line*

ALVES, Ieda Maria. et. al. Afixos marcadores de intensidade: sufixação versus prefixação. Os Estudos Lexicais em Diferentes Perspectivas. v. I. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. www.fflch.usp.br/dlcv/neo.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. A função indexical das formações x-íssimo, x-érrimo e x-ésimo no português do Brasil. *Veredas*. Disponível em www.ufjf/revistaveredas/files/2009/12/cap043.pdf. Acesso em 30 mar. 2010.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. Prefixos intensivos. *Philologus*. v. 38. Disponível em http://www.filologia.org.br/revista/38/10.html. Acesso em 30 mar. 2010.

SKORGE, Sílvia. Os sufixos diminutivos em português. *Boletim de Filologia*, t. XVII, Lisboa, 1958. Disponível em http://cvc.instituto-camoes.pt/component/docman/cat_view/58-

lingua.html?q=%2Fcomponent%2Fdocman%2Fcat_view%2F58-lingua.html&start=10. Acesso em 02 dez. 2013.